

**UMA TIPOLOGIA DE AÇÕES SOCIAIS DESENVOLVIDAS PELOS  
PASTORES DA FAVELA CHATUBA EM SÃO FIDÉLIS/RJ DURANTE  
A PANDEMIA DA COVID-19 (2020-2022)**

**ALLAN FÁBIO DA SILVA SOARES**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE – UENF**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ**

**MARÇO – 2023**

**UMA TIPOLOGIA DE AÇÕES SOCIAIS DESENVOLVIDAS PELOS PASTORES  
DA FAVELA CHATUBA EM SÃO FIDÉLIS/RJ DURANTE A PANDEMIA DA  
COVID-19 (2020-2022)**

**ALLAN FÁBIO DA SILVA SOARES**

**Linha de Pesquisa 2:  
ESTADO, SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E TERRITÓRIO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, do Centro de Ciência do Homem - CCH da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, na área de Estado, Sociedade, Meio Ambiente e Território, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ  
MARÇO – 2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pelo autor.

S676 Soares, Allan Fabio da Silva.

Uma tipologia de ações sociais desenvolvidas pelos pastores da favela Chatuba em São Fidélis/RJ durante a pandemia da Covid-19 (2020-2022) / Allan Fabio da Silva Soares. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

131 f. : il.  
Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2023.  
Orientador: Fabio Py Murta de Almeida.

1. Chatuba. 2. Ação Social. 3. Pastores. 4. Pandemia. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 361.61

UMA TIPOLOGIA DE AÇÕES SOCIAIS DESENVOLVIDAS PELOS  
PASTORES DA FAVELA CHATUBA EM SÃO FIDÉLIS/RJ DURANTE A  
PANDEMIA DA COVID-19 (2020-2022)

ALLAN FÁBIO DA SILVA SOARES

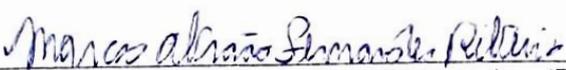
Dissertação apresentada ao Centro de  
Ciências do Homem da Universidade  
Estadual do Norte Fluminense – Darcy  
Ribeiro, como parte das exigências para  
a obtenção do título de Mestre em  
Políticas Sociais

Aprovada em 21 de março de 2023

Comissão Examinadora.

  
Prof. Carlos Abraão Moura Valpassos (Doutor, Sociologia e Antropologia) – UENF

  
Prof. Marcos Antonio Pedlowski (Doutor, Ciências Sociais Aplicadas) - UENF

  
Prof. Marcos Abraão Ribeiro Fernandes (Doutor, Sociologia Política) – IFF

  
Prof. Fábio Py Murta de Almeida (Doutor, Ciências Humanas) – UENF  
Orientador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que na minha perspectiva de fé me ajudou no mestrado e em outras etapas da vida. Agradeço a minha mãe e ao meu padrasto por apoiarem meus estudos mesmo sem condições financeiras. Sou grato a minha esposa Clarisse, minha maior incentivadora. Ao meu filho Estevão, que me impulsiona a estudar e a trabalhar no intuito de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

Aos meus amigos que constantemente se fazem presentes, me apoiando e ajudando nesse período intenso e cansativo de estudos e pesquisas. Nos momentos difíceis da caminhada ter amigos é de suma importância. Em especial, Jonas, Nadiza, Lucas, Tiago, João e Aline.

Gratidão aos meus colegas de pós-graduação que somaram empatia nesse momento de atividades remotas e de insegurança. Dentre eles, gostaria de destacar os colegas: Dennis Benício, Gabriella Tomaz, Mariana Leonardo, Luanna Figueira, Jesa Maria, Lauriane Teixeira e todos os outros.

Agradeço especialmente ao meu professor/orientador Dr. Fábio Py, por me aceitar enquanto seu orientando, por abraçar a proposta de pesquisa e trazer debates tão pertinentes. Agradeço também aos participantes da banca Prof. Dr. Marcos Abraão, Prof. Dr. Carlos Abraão e Prof. Dr. Marcos Pedlowski pela disponibilidade e por contribuir com a pesquisa e com minha formação.

A todos os profissionais do programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, aos professores de excelência que passaram pela minha trajetória, e também à instituição de fomento à pesquisa FAPERJ e a UENF, que contribuíram para a minha formação na pós-graduação e garantiram uma melhor condição mediante a concessão de bolsas de pesquisa.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa Hídrico de São Fidélis (Chatuba em destaque).....	15
Figura 2 - Imagem da tabela das maiores populações faveladas por país.....	27
Figura 3 - Localização do município de São Fidélis/RJ.....	40
Figura 4 - São Fidélis divisão distrital.....	41
Figura 5 - Dados populacionais de São Fidélis.....	44
Figura 6 - Chatuba vista de cima.....	46
Figura 7 - Mapa da Favela da Chatuba e bairros vizinhos.....	50
Figura 8 - Imagem da tabela das religiões em São Fidélis.....	53
Figura 9 - Chatuba (foto aérea).....	73
Figura 10 - Densidade demográfica de São Fidélis - Chatuba no centro do mapa ...	74
Figura 11 - Média de moradores por domicílios.....	75
Figura 12 - Ônibus que liga a Chatuba ao Centro.....	76
Figura 13 - Escadaria da Chatuba: traços rurais e visão do centro de São Fidélis ...	76
Figura 14 - Lixeira na Chatuba: Ausência de coleta do lixo.....	77
Figura 15 - Esgoto a céu aberto na Chatuba.....	78
Figura 16 - Antiga associação de moradores.....	78
Figura 17 - Buraco na principal via da Chatuba.....	79
Figura 18 - Unidade Básica de Saúde Valentim Gonçalves.....	80
Figura 19 - Quadra poliesportiva na Chatuba.....	81
Figura 20 - Templo da Igreja O Brasil para Cristo.....	84
Figura 21 - Templo da Igreja Batista Monte das Oliveiras.....	85
Figura 22 - Templo da Assembleia de Deus ministério de Madureira.....	85
Figura 23 - Templo da Igreja Evangélica Vida na Vida no novo loteamento.....	87
Figura 24 - Imagem de Satélite da Chatuba - Marcação das Igrejas.....	88
Figura 25 - Capela de Nossa Senhora Aparecida (Chatuba).....	90
Figura 26 - Atividades feitas com crianças na IEVV - Chatuba.....	110
Figura 27 - Entulho acumulado na principal via da Chatuba.....	117

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - A relação das igrejas batistas em São Fidélis .....	59
Tabela 2 - Instituições Religiosas da Chatuba.....	83

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Assembleia de Deus Madureira
IBAMON	Igreja Batista Monte das Oliveiras
IBC	Igreja Batista do Calvário
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IEVV	Igreja Evangélica Vida na Vida
IPCD	Igreja Pentecostal Casa de Deus
OBPC	O Brasil para Cristo
PIBSF	Primeira Igreja Batista de São Fidélis
PMSF	Prefeitura Municipal de São Fidélis
RTVI	Record TV Interior
SIBASF	Segunda Igreja Batista de São Fidélis

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 CAPÍTULO 1: PRODUÇÃO DAS FAVELAS .....</b>	<b>24</b>
2.1 FAVELAS NO BRASIL.....	29
2.2 NORTE FLUMINENSE, CAMPOS DOS GOYTACAZES E SÃO FIDÉLIS ..	37
2.3 A CIDADE DE SÃO FIDÉLIS .....	39
2.4 CHATUBA.....	46
<b>3 CAPÍTULO 2: AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS EM SÃO FIDÉLIS E NA CHATUBA.....</b>	<b>51</b>
3.1 IGREJAS CATÓLICAS.....	54
3.2 IGREJA BATISTA .....	56
3.3 CENTRO ESPÍRITA .....	60
3.4 UMBANDA/CANDOMBLÉ.....	64
3.5 IGREJA PENTECOSTAL.....	66
3.6 A CHATUBA HOJE.....	72
3.7 AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA CHATUBA.....	82
<b>4 CAPÍTULO 3: OS TIPOS DE AÇÕES SOCIAIS DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA PANDEMIA .....</b>	<b>91</b>
4.1 A AÇÃO SOCIAL MISTA DO PASTOR D.....	94
4.2 A AÇÃO SOCIAL POPULAR DO PASTOR A.....	105
4.3 A AÇÃO SOCIAL INSTITUCIONAL DO PASTOR S.....	113
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>124</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>130</b>

## RESUMO

SOARES, Allan Fábio. Uma tipologia de ações sociais desenvolvidas pelos pastores da favela Chatuba em São Fidélis/RJ durante a pandemia da Covid-19 (2020-2022). Campos dos Goytacazes (RJ): UENF, 2023, p. 131. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Orientador: Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida.

Esta dissertação tem como foco perceber a dinâmica sociorreligiosa, a partir da ação dos pastores na Favela da Chatuba, que está localizado na cidade de São Fidélis no Norte Fluminense, e como essa dinâmica interfere nas políticas sociais no bairro. A Chatuba é um bairro da periferia fidelense, localizado numa área de difícil acesso, com traços nítidos de uma favela com características rurais. O conceito de “Ação Social” em Weber é importante para a discussão, visto que se encaixa com a ação dos pastores da Chatuba a partir de valores enraizados na crença, bem como, e o de “tipo social”, quando cada “carisma” foi usado para interpretação dos líderes selecionados para a pesquisa, no sentido de destacar a caminhada dos líderes, as ações sociais acabam se tornando um caminho que auxilia na afirmação na trajetória dos pastores escolhidos pelo divino. A metodologia na qual se utilizará para descrever as dinâmicas sociorreligiosas, é o trabalho de campo na Chatuba e as entrevistas semiestruturadas, junto às lideranças das comunidades religiosas do local e a partir desse caminho discutir “tipos ideais” nas práticas sociais dos líderes religiosos. É pretendido neste trabalho, verificar as ações sociais no tocante ao bairro durante a pandemia, identificar os grupos religiosos e suas contribuições para a comunidade nesse momento, considerando o afastamento do poder público, percebido em prática cotidiana.

Palavras chaves: Chatuba, Ação Social, Pastores, Pandemia.

## **ABSTRACT**

SOARES, Allan Fabio. A typology of social actions developed by pastors from the Chatuba favela in São Fidélis/RJ during the Covid-19 pandemic (2020-2022). Campos dos Goytacazes (RJ): UENF, 2023, p. 131. Dissertation (Master in Social Policies). Adviser: Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida.

The Dissertation emphasizes the perceptiveness of the socio-religious dynamics, from the Pastor's action at the Community of Chatuba, which is located in the city of São Fidélis in the Northern Fluminense area of Rio de Janeiro State, and how this dynamic interferes with the social policies in the community's neighborhood. Chatuba is a neighborhood on the outskirts of the city of São Fidélis, located in an area of difficult access, with clear traces of a slum with rural characteristics. The concept of "Social Action" in Weber is important for the discussion, since it fits with the action of the Chatuba pastors based on values rooted in belief, as well as the "social type" when each "charisma" was used for the interpretation of the leaders selected for the research, in the sense of highlighting the journey of those leaders, the social actions ending up as becoming a path that helps in affirming the trajectory of them, as per shepherds chosen by the divine. The methodology used to describe the socio-religious dynamics is fieldwork in the Chatuba area and semi-structured interviews with the leaders of the local religious communities, and from this path discuss "ideal types" in the social practices of religious leaders. It is intended in this work, to verify the social actions regarding the neighborhood during the pandemic, to identify the religious groups and their contributions to the community at that moment, considering the removal of the public power, perceived in daily practice.

Keywords: Chatuba community, Social Action, Pastors, Pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

Em um país desigual de dinâmicas populacionais complexas, redes urbanas embaraçadas e de população multicultural miscigenada, uma pandemia de nível mundial gera demandas por políticas públicas em grandes proporções. As novas demandas somadas a questões sociais anteriores causam ao Estado, um afastamento ainda maior da periferia. Assim se indaga diante do quadro de ampliação da pobreza nas periferias nos últimos anos. Quem deu o suporte aos moradores da Chatuba durante a pandemia, em momentos de total encolhimento da máquina estatal? E, os tipos de suporte que foram dados?

O objetivo do presente texto é destacar como ocorrem as ações religiosas que ocasionam diferentes tipos de ações sociais que envolvem as maiores igrejas evangélicas na Favela da Chatuba<sup>1</sup> no período de pandemia mediante a atividade dos pastores na comunidade. Cabe o destaque, pois enquanto os pastores dos cristianismos hegemônicos (como: Edir Macedo, Silas Malafaia, Josué Valandro Junior, Augustus Nicodemus) durante a pandemia reforçaram o coro da negação da seriedade e das consequências produzidas pela peste, mesmo com essa densa nuvem negacionista (PY, 2020; PY, 2021a), os líderes religiosos da favela Chatuba se organizaram em apoio às pessoas da localidade.

Assim, uma questão importante no texto é que com ele se destaca a importância de debater a religião e as ações políticas, até porque nesse caso, também, resvala no ponto do “encolhimento das políticas públicas nos últimos anos” (BEHRING, 2003, p.19) principalmente nas instâncias localizadas nas periferias do interior do estado do Rio de Janeiro. Se tem interesse de destacar o papel das principais igrejas evangélicas na favela<sup>2</sup> da Chatuba em São Fidélis a partir das lideranças, destacando o papel dos religiosos nas demandas ocasionadas pela pandemia. Para isso, se seguirá na esteira dos estudos de Max Weber (1983) quando entende que instituições religiosas e os religiosos “são relevantes para as organizações sociais” (1983, p.61) no que tange aspectos sociais e políticos, também

---

<sup>1</sup> O nome do bairro é Jonas de Almeida e Silva, mas é conhecido popularmente como Chatuba. Ao longo do texto será utilizada a nomenclatura de Favela da Chatuba para melhor compreensão dos leitores.

<sup>2</sup> Aglomerado Subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. (IBGE, 2019)

no que se refere a organização local. No caso da Chatuba, pastores (junto às suas comunidades) chegaram a organizar momentos de fornecimento de água, cestas básicas, pela manutenção das ruas da localidade, e até pelo letramento da comunidade.

O papel do Estado foi auxiliado pelas instituições de fé. O fato é que se esperava do poder público ações políticas igualitárias no intuito de desenvolvimento social, não só da periferia, mas de todos os cidadãos, principalmente os carentes de necessidades básicas. Sobre isso Yazbek (2008) escreve que:

Nesta perspectiva a Política Social será abordada como modalidade de intervenção do Estado no âmbito do atendimento das necessidades sociais básicas dos cidadãos, respondendo a interesses diversos, ou seja, a Política Social expressa relações, conflitos e contradições que resultam da desigualdade estrutural do capitalismo. (YAZBEK, 2008, p.4)

Para Yazbek (2008) o Estado é o principal interventor no que tange a políticas públicas, mas quando o poder público se ausenta, se torna necessário que as políticas públicas aconteçam de alguma forma. Nesse contexto surgem pessoas, instituições e comunidades que assumem o papel ativo no que se refere a políticas sociais. A ação social se relaciona com as políticas públicas praticadas em um contexto social com variação de intenções e objetivos.

O conceito de “ação social” em Weber foi refinado no Brasil para a sociologia da religião junto a Cecília Mariz (2016), Glacir Bernardi e Maria Augusta Castilho (2016) e Hércio Lessa (1965). Os autores destacam que a ciência sociológica é uma área que debruça sobre o objeto de estudo ação social, considerando dessa forma “a ação” como “comportamento humano ou ação humana” (WEBER, 2004, p.3). Para Weber (2004) a “ação social” é restrita “ao outro, a forma de ação humana ligada às organizações da sociedade” (WEBER, 2004, p.8), logo, nem todo tipo de ação se encaixa nessa descrição. As ações externas descritas por Weber (2004), nem sempre são consideradas quando se preocupa exclusivamente pela expectativa de determinado comportamento de objetos materiais”. A ação interna só é considerada “social quando evade, conjugando pessoas envolvidas em tal comportamento”, afirma Weber (2004, p.9).

Weber (2004) classifica ação social em quatro tipos, que são: “ação social racional com relação a fins” que está relacionada a objetivos é racionalmente movida, sobretudo, a partir de uma finalidade. A “ação social racional com relação a valores”

está ligada aos conceitos de valores que cada indivíduo possui, podem ser éticos, estéticos ou religiosos como Weber (2004) destaca. A “ação social afetiva” que está ligada às emoções de quem as pratica, é uma categoria irracional por isso. Por último a “ação social tradicional” que é classificada como irracional também e está vinculada a costumes arraigados.

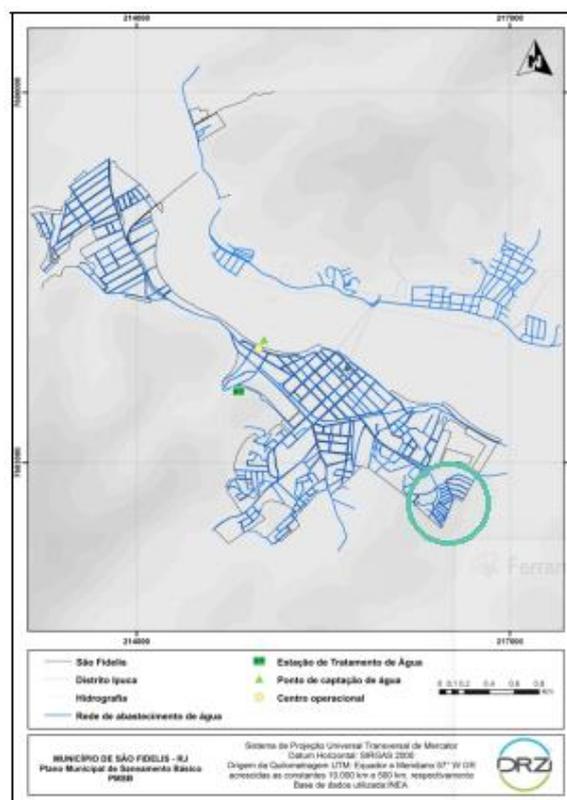
Destaca-se a “ação social” a partir de Weber (2004) quando chama de “ação racional”, ligada a convicções, valores sendo “uma ação condicionada por ideais das pessoas que a prática quer sejam valores religiosos e políticos entre outras situações” (p.11). Sobre isso Weber (2004) afirma que:

Age de maneira puramente racional referente a valores quem, sem considerar as consequências previsíveis, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar o dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma “causa” de qualquer natureza. Em todos os casos, a ação racional referente a valores (no sentido de nossa terminologia) é uma ação segundo “mandamentos” ou de acordo com “exigências” que o agente crê dirigidos a ele. Somente na medida em que a ação humana se orienta portais exigências - o que acontece em grau muito diverso, na maioria dos casos bastante modesto – falaremos de racionalidade referente a valores. Conforme veremos, possui significação bastante para ser destacada como tipo especial, embora, de resto, não se pretenda dar aqui uma classificação completa dos tipos de ação (WEBER, 2004, p. 15).

Nesse sentido, junto à ideia de “ação social” de Weber, que é social-geograficamente localizada segundo Mariz (2016), se buscará reconhecer as ações das comunidades religiosas na Chatuba – local, com uma dezena de igrejas. Assim, se torna relevante apontar as “ações sociais” que as comunidades de fé desenvolvem em aos moradores impulsionadas por “valores éticos e religiosos” (WEBER, 2004, p. 15), essas ações racionais não se relacionam, necessariamente com o retorno desses feitos, mas sim, “com o impacto das ações mediante ao contexto social diverso que se vive nas periferias” (LOWY, 2013, p.65).

Um dos elementos que demonstram a falta de políticas públicas na Chatuba, é a sua dificuldade na questão do abastecimento de água potável. O poder público não se mobiliza para fornecer um atendimento eficaz de água no bairro, que é o mínimo para uma vida digna. Maricato (2000) acrescenta que para o assentamento populacional nas favelas é importante condições de trabalho, abastecimento de água e luz, transporte e saúde entre outras coisas. A seguir se tem o mapa hídrico da cidade, que justifica o fomento de políticas públicas por parte de outras instituições.

Figura 1 - Mapa Hídrico de São Fidélis (Chatuba em destaque)



Fonte: Plano Municipal de Saneamento

O mapa hídrico acima mostra a rede de distribuição de água da CEDAE em São Fidélis, com o destaque, em verde, para o bairro da Chatuba. A dificuldade de abastecimento de água da Chatuba se justifica, pois além de ser um bairro afastado da central de distribuição de água, também é um bairro mais alto que os demais bairros da cidade, o que é um indício da carência de seus moradores em relação a políticas públicas.

Agora, para destacar as ações sociais promovidas pelas comunidades religiosas no ambiente da Chatuba, se descreve o processo intenso da organização das favelas, depois das favelas no norte e noroeste fluminense até a própria comunidade, em uma articulação entre bibliografia e trabalho de campo.

Para essa construção se torna importante uma tomada histórica do conceito de favela, bem como, o avanço das discussões sobre o tema tendo como enfoque principal a Favela da Chatuba, que aparece dentro do plano diretor da cidade como bairro, mas tem em sua estrutura (casas, ruas, becos, afastamento do poder público, traços de ruralidade) aparato de favela.

No primeiro capítulo é pretendido fazer um levantamento sobre os ajuntamentos subnormais ao redor do mundo. Mike Davis (2006) vai dar um norte no que se refere ao olhar, em escala global, do fenômeno das favelas. As populações, o território, como se dá o processo formativo e como se dão as dinâmicas espaciais e sociais das favelas são o alvo de Davis (2006).

A observação da escala global contribui para se perceber como acontecem as dinâmicas nacionais, e no primeiro capítulo também se fará a construção do acontecimento das favelas em escala nacional partindo da urbanização, desde a Lei de Terras em 1850 até o inchaço urbano subsequente e brutal, sobretudo nas décadas de 1940 a 1980 se arrastando até a atualidade.

Ainda no capítulo um se fará uma pequena construção histórica do Norte Fluminense, pensando em Campos dos Goytacazes como cidade central para o desenvolvimento regional. A seguir se desenvolverá a história do município de São Fidélis, em seguida o seu crescimento em direção a periferia concluindo com a Chatuba a favela fidelense que se pretende dar notoriedade.

O segundo capítulo, por sua vez, tem a pretensão de detalhar em seu princípio o município de São Fidélis e suas principais características. População, economia, atividades turísticas, índices de desenvolvimento entre outras características relevantes são revelados nessa etapa da dissertação.

Nele, o IBGE (2017) fornece a dissertação dados significativos sobre São Fidélis. Um dos dados se refere a composição religiosa dos moradores do município. As informações recolhidas serão utilizadas posteriormente para que seja feita uma apresentação das principais instituições religiosas presentes no local.

Após detalhar as características do município, inclusive as religiosas, se torna necessário apontar o histórico das religiões mais relevantes do ponto de vista da pesquisa, vindo de escala global para a escala nacional. Se pretende destacar o processo de formação de algumas instituições e principais expoentes das referidas comunidades.

O exercício seguinte é detalhar dados históricos de formação religiosa do município, é pretendido usar bibliografias disponíveis sobre cada instituição, mas na ausência de materiais se fará entrevista com interlocutores que contribuam para a construção da história oral das comunidades de fé.

Na conclusão do segundo capítulo se fará um detalhamento das principais características da Chatuba. O detalhamento se refere a atualidade do bairro com intuito de demonstrar as necessidades de políticas públicas e apontar categoricamente o afastamento do poder público do referido bairro periférico.

Após a caracterização da Chatuba na atualidade, cabe o apontamento das instituições religiosas presentes no bairro. Nessa última parte do capítulo se torna importante o quadro religioso do bairro, o detalhamento da localização das referidas comunidades além de imagens destacando tais comunidades de fé.

No capítulo três o que se deseja, em um primeiro momento, é ter uma análise do perfil histórico dos líderes das comunidades de fé escolhidas para interlocução do texto desenhando os tipos de ações sociais por elas desenvolvidos. O intuito desses relatos pessoais é saber como foram formados os principais interlocutores da pesquisa e, relacioná-los ao conceito de “líder carismático” (WEBER, 2004, p.147) onde seus seguidores veem nesse personagem uma mensagem autêntica e passível de ser seguida, como um emissário de uma mensagem divina.

Ainda no terceiro capítulo se almeja a construção do perfil das três principais instituições religiosas, que foram escolhidas por causa da forte interação com os moradores da Chatuba e ainda, antes e durante a pandemia dessas instituições, fizeram ações importantes no contexto do bairro. O perfil traçado se relaciona às características dos fiéis, como foram as celebrações no período da pandemia, as atribuições dessas comunidades no período de distanciamento social e quais as necessidades do bairro do ponto de vista da instituição e da respectiva liderança.

Para finalizar o terceiro capítulo se apontará uma tipologia das principais ações sociais praticadas por cada uma das três instituições religiosas escolhidas. O intuito é destacar a partir dos pastores como a favela na periferia fidelense foi beneficiada pelas “ações sociais” desses líderes “carismáticos” (WEBER, 2004). Além de se fazer a classificação de cada ação social, de acordo o perfil dos líderes religiosos e relacionando a vida política que cada um apresenta, esse contexto entrará em conformidade com a vida e a prática social de cada líder.

O objetivo pretendido é utilizar os “tipos ideais” (WEBER, 2004) como método de analisar as ações sociais. Os tipos ideais ou tipos puros são como mecanismos de interpretação da realidade escolhida como objeto, são métodos de leitura de uma parte do cenário e dá mais abrangência do que se pretende pesquisar. Na pesquisa

de campo as tipologias auxiliam no que se refere a compreensão dos dados colhidos. Weber (2004) destaca que os tipos não devem ser um padrão imposto, mas sim uma construção das descobertas empíricas na pesquisa. O tipo ideal se torna, por conseguinte, uma caracterização utópica da realidade.

Para a construção de tais relatos é importante o trabalho de campo e a história oral sobre a Chatuba, tendo em vista que nenhum outro intelectual se debruçou a escrever (nem descrever) a referida favela. O trabalho de campo se torna o caminho para essa construção acadêmica e caminho mais viável de contato com interlocutores participantes da construção física e social da favela.

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.186)

Como a afirmação acima se tem como ferramenta a pesquisa de campo, pois existem fenômenos que só podem ser entendidos através do envolvimento com interlocutores e, até mesmo, com os mesmos ambientes que acontecem os fenômenos que se busca analisar. Para chegar aos resultados da pesquisa se tornou necessário a ida semanal até a Chatuba. As idas semanais foram feitas sistematicamente a partir de março de 2021 até fevereiro de 2022, com algumas incursões fora desse período, inclusive em janeiro de 2023.

O primeiro contato com a Chatuba se deu antes mesmo do ingresso no mestrado. Apesar de ser um bairro já visitado esporadicamente por motivos diversos (eventos, jogos na quadra poliesportiva, visita a conhecidos), só se foi possível ter visitas sistemáticas ao bairro quando foi iniciado o projeto social na Chatuba.

As primeiras incursões à favela aconteceram ainda na pandemia, outubro de 2020. O período era de distanciamento social, por isso, só era possível fazer as visitas com os devidos cuidados e na casa de famílias carentes que se sentissem seguras. O projeto ajudava com cestas básicas, roupas, ajudas com remédios entre outras coisas.

As primeiras visitas tinham o intuito de procurar uma sede para o projeto eram feitas atividades na rua mesmo. As atividades nas ruas da Chatuba aconteceram pelo menos duas vezes, essa etapa foi concluída. Um casal acolheu o projeto na varanda da sua casa, a partir desse momento, no fim de 2020, foi possível ter uma regularidade

nas visitas à Chatuba. Nesse momento havia na cidade regras flexíveis quanto ao distanciamento social e, sempre que essas regras ficavam mais rígidas não era possível ir nas dependências da Chatuba.

Agora com uma sede permanente era possível fazer as ações previstas. Se pode iniciar as aulas de música (violão e teclado), artesanato (com mulheres do bairro) e reforço escolar. O projeto social ajudou a estreitar os laços com a comunidade, mas não é supracitado ao longo da dissertação porque mudou de sede e não se encontra mais na Chatuba, embora atenda ainda alguns moradores da favela.

O fato é que, a partir dessa observação, se pode perceber as dificuldades da favela e a carência de grande parte de seus moradores. Ao ingressar no mestrado e dar início a pesquisa se tornou importante abordar os fenômenos existentes na localidade e compreender os sujeitos que agem com ações sociais na favela.

A partir de março de 2021 se pôde ir sistematicamente ao local para fazer as primeiras observações no campo e para as aulas de música no cronograma do projeto social. Apesar de não ser o primeiro objeto de pesquisa, a Chatuba se tornou foco de pesquisa por causa dos contornos que a envolvia, sobretudo no período da pandemia.

Em seguida ocorreu a escolha da Chatuba como a favela pesquisada e as ações sociais das instituições religiosas como objetivo do trabalho. A partir dessa nova escolha o olhar sobre a favela foi se diferenciando. Se precisou observar possíveis entrevistados para a posterior dissertação.

A moradora K. foi uma figura importante nesse processo, porque foi o primeiro contato dentro da Chatuba. Ela e o marido G. receberam o projeto social na casa deles e no que se refere à pesquisa, ela foi a primeira a apontar os principais problemas de caráter social na favela da Chatuba.

Após o contato com as primeiras bibliografias se tornou importante fazer as primeiras visitas às instituições religiosas e reconhecer os sujeitos responsáveis por ações significativas para os moradores da Chatuba. Nesse momento ainda não se tinha todos os contornos da pesquisa, mas foi importante para delimitar os próximos caminhos da pesquisa.

Foi possível fazer nesse momento a delimitação das instituições, a observação dos principais problemas na estrutura. Como o governo municipal age em relação ao transporte público, coleta de lixo, iluminação pública, distribuição de água, situação da pavimentação das ruas e becos entre outras questões.

Dentre as visitas feitas nas instituições foi possível ir em diversas celebrações, nesses momentos ritualísticos se enquadram reuniões entre jovens, estudo para crianças, reuniões de estudo, cultos semanais. Nessas reuniões os líderes reforçam as campanhas de arrecadação de alimentos entre outras ações que seriam importantes na caminhada da pesquisa.

Os pastores entrevistados foram os que melhor receberam a pesquisa. Como forma de perceber as dificuldades de percurso se pode citar aqueles líderes religiosos que não atenderam e resistiram a perguntas e aproximação. Dois pastores, inclusive, foram procurados por aplicativo de mensagens e não deram retorno. Um deles respondeu que não queria participar e, o outro mesmo visualizando a mensagem não retornou. Mesmo com a devolutiva negativa de alguns líderes a pesquisa continuou e foi decidido que os três pastores seriam as lideranças que suficientemente responderiam a pesquisa qualitativa. O passo seguinte seria marcar a entrevista com eles e continuar outras observações ao longo da favela. De fato, foi necessário fazer também buscas nos órgãos municipais para saber determinados dados específicos sobre a Chatuba, ao longo do texto será possível encontrar essas contribuições.

Antes mesmo de efetuar as entrevistas se tornou importante fazer um levantamento da história contada entre os moradores sobre a formação do bairro. A partir do que eles contaram detalhar o histórico que não é encontrado em nenhuma documentação municipal nem em livros, artigos e arquivos que contam a história local.

Para isso retornei a K. e ela me indicou alguns dos moradores mais antigos. Se torna importante ter pessoas centrais na pesquisa que conheçam bem o bairro e as pessoas que possam contribuir, não que saibam tudo, mas que possam indicar caminhos dentro de uma comunidade e, que seja de confiança dos demais. Dentre os possíveis entrevistados estava o próprio pai de K., mas ele afirmou não se lembrar da maior parte do processo.

A moradora indicou outro possível entrevistado, esse, por sua vez, tinha contribuições pertinentes sobre a formação inicial do bairro. Além das contribuições o morador indicou outras pessoas que também participaram do processo de construção da Chatuba. O desenrolar desse novelo demonstrou figuras importantes dentro de todo o processo de construção da favela, embora alguns que participaram desse momento sejam falecidas foi possível ter contato o morador que direcionou o mutirão e foi o principal pedreiro na construção da favela. Em seguida foi importante marcar

as entrevistas com os líderes para entender como acontecem, segundo eles, as ações sociais das instituições que lideram. A entrevista semiestruturada norteou essas entrevistas as perguntas abertas deram liberdade aos entrevistados de dar contribuições além do que se esperava. Após escolhas teóricas foi necessário remarcar as entrevistas para outra rodada de perguntas abertas e entrevistas semiestruturadas. Aliás foi necessário ao longo do processo manter contato com as lideranças das instituições e com os interlocutores porque sempre surgiam questionamentos sobre as dinâmicas locais. Na segunda rodada de entrevista foram recolhidas informações sobre histórias de vida das lideranças e com os moradores antigos foram recolhidos alguns novos detalhes sobre a construção do bairro e principalmente sobre a construção da capela que está Chatuba.

Os três pastores foram escolhidos para as entrevistas por causa da abertura que eles deram para as perguntas e, após a aproximação e diálogos iniciais, o interesse na pesquisa. Um detalhe relevante também é o fato de se perceber que as instituições lideradas pelos entrevistados estão à frente das demais no tocante à contribuição na favela. Foi necessário, ao longo do processo, conquistar a confiança dos líderes. Para isso se tornou necessário participar de atividades inerentes as comunidades que os pastores estão à frente. Participar de mutirão e obras no templo de uma das instituições, participar de reunião entre jovens no terreno da igreja (com jogos e brincadeiras) e falar aos fiéis, foram alguns dos desafios.

Dentre os entrevistados foi necessário demonstrar seriedade e respeito pela história que eles tinham para contar. Não era como as comunidades de fé que existe sempre alguma coisa a contribuir, foi necessário falar da importância que existe na transcrição da história, os principais entrevistados se sentiram à vontade para relatar sobre a história da favela. O fato de semanalmente ocorrer visitas para pesquisa de campo na Chatuba é um dos fatores que contribuiu para que se formasse a ideia de seriedade nas atividades de pesquisas efetuadas na localidade.

As dificuldades de pesquisas foram inúmeras, mas é significativo a citação de algumas. O contato com alguns líderes foi desgastante. Apesar de ser feito o contato nos dias de celebração alguns não se sentiram à vontade em fazer parte da pesquisa. Alguns, mesmo compartilhando contatos pessoais, não responderam às mensagens posteriores. Por causa dessa resistência se tornou o melhor caminho descartar tais entrevistados. Outra questão determinante é que se existem figuras que sejam

importantes para a pesquisa e que possam contribuir com o trabalho, principalmente na parte de levantamento histórico, estas devem ser procuradas o quanto antes. No processo de formação da Chatuba existiu um homem chamado N., ele participou da construção de toda as setenta casas cedidas pela prefeitura e governo federal. Mesmo participando dos mutirões não foi possível colher o relato dele pois veio a falecer antes das entrevistas, não foi possível nem o primeiro contato com ele. Na pesquisa após ser traçada a estratégia e a metodologia os entrevistados e interlocutores com mais idade devem ser entrevistados primeiro, certamente existia um ponto de vista importante na fala do senhor N. que não foi resgatado.

Dos diversos desafios da pesquisa se pode citar uma vez que foi necessário passar por alguns caminhos diferentes dentro da favela, como parte do reconhecimento do local, e haviam movimentos suspeitos. Aproximadamente sete rapazes em uma calçada, uns sentados outros encostados na parede. O fato é que era uma área “restrita” do tráfico todos os caras estavam muito incomodados com a visita inconvenientes. Não era possível, sequer, erguer a cabeça e olhar o que estava acontecendo. Após esse momento eles enviaram um menor de idade para que acompanhasse o visitante e para saber por que estava ali, quando depois de alguns quarteirões a criança parou a perseguição. Existem locais restritos que só devem ser examinados após ter a dimensão dos riscos e da recepção negativa por parte daqueles que são do lugar. No decorrer da pesquisa se tornou prioritário conhecer as melhores favelas, seus moradores, os costumes, as instituições (saber quais tradições religiosas estão presentes e quais não) e conhecer também suas lideranças religiosas. Todos os processos de campo devem ser contrastados com bibliografia, os caminhos são marcados por acertos e erros, mas apresentam um produto de uma pesquisa qualitativa.

A palavra que melhor define a pesquisa de campo é o verbo “compreender”. A compreensão parte do enxergar o mundo a partir das “lentes” de outrem. É importante levar em consideração as singularidades dos sujeitos da pesquisa para que haja um aprofundamento significativo nos acontecimentos do campo e para ter uma interpretação mais apurada dos fenômenos. (MINAYO, 2012)

Minayo (2012) ainda aponta como se constrói o campo em uma pesquisa de campo. E é importante observar que realmente essa estrutura é coerente com o que

se propôs nesta pesquisa. Os dois primeiros passos da contribuição da autora estão relacionados às escolhas pré-campo. A seguir o apontamento de Minayo:

Terceiro - Delinear as estratégias de campo. É preciso ter em mente que os instrumentos operacionais também contêm bases teóricas: são constituídos de sentenças (no caso dos roteiros) ou orientações (no caso da observação de campo) que devem guardar estreita relação com o marco teórico, sendo cada um desses elementos um tipo de conceito operativo pensado na teorização inicial.

Quarto - Dirigir-se informalmente ao cenário de pesquisa, buscando observar os processos que nele ocorrem. É preciso ir a campo sem pretensões formais e ampliar o grau de segurança em relação à abordagem do objeto, inclusive, se possível, realizar algumas entrevistas abertas, promover o redesenho de hipóteses, pressupostos e instrumentos, buscando uma sintonia fina entre o quadro teórico e os primeiros influxos da realidade. O olhar analítico deve acompanhar todo o percurso de aproximação do campo.

Quinto - Ir a campo munido de teoria e hipóteses, mas aberto para questioná-las. É preciso imergir na realidade empírica na busca de informações previstas ou não previstas no roteiro inicial. (MINAYO, 2012, p. 623)

Minayo (2012) destaca também o sexto ponto importante, que finaliza a pesquisa qualitativa com trabalho de campo. Esse último passo está relacionado com a análise dos conteúdos empíricos para que, junto com o material teórico, seja construída a reflexão a partir desses elementos.

Ao completar as tarefas de pesquisa se torna importante contribuir para a discussão sobre religião, periferia e políticas sociais se utilizando de mais uma peça do quebra-cabeça social que está presente na periferia da cidade do Norte Fluminense, onde as instituições religiosas participam ativamente das ações sociais. A interpretação do trabalho de campo com a parte teórica para a fundamentação do debate fortalecerá os argumentos da discussão.

## 2 CAPÍTULO 1: PRODUÇÃO DAS FAVELAS

A presente pesquisa discorre sobre a favela da Chatuba, localizada em São Fidélis, no norte do estado do Rio de Janeiro. O processo de favelização não é uma exclusividade do Brasil e, por isso, torna-se necessário discorrer sobre esse fenômeno chamado favela que, tem tomado o lugar de “catástrofe mundial da pobreza urbana” (DAVIS, 2006, p.32).

O mundo está imerso em um crescimento urbano desproporcional, com cada vez mais conurbações e regiões com potencial para novas áreas de nó urbano. Também é o mundo das megacidades com seus mais de oito milhões de habitantes e hiper cidades com mais de vinte milhões de habitantes, nesse contexto acontecem as desigualdades sociais e, conseqüentemente, os processos de favelização.

Para Davis (2006) a Terra urbanizou-se mais rápido do que pôde ser percebido. O quantitativo de cidades com mais de 1 milhão de habitantes que, na década de 1950 era de oitenta e seis cidades, chega em 2006 em um total de mais de quatrocentos centros urbanos (DAVIS, 2006, p. 13).

“As cidades absorveram quase dois terços da explosão populacional global desde 1950” (DAVIS, 2006, p. 13). A mão de obra urbana, por sua vez, também teve acréscimos significativos, enquanto o campo começa a decrescer seu quantitativo populacional, aponta Davis (2006).

Maricato (2001) aponta que o crescimento urbano, somado à industrialização com remuneração ínfima e ainda acrescido de um mercado imobiliário centralizador e não acessível são marcantes para a periferização no contexto do Brasil. A consequência desse processo é o crescimento e surgimento de favelas. Maricato 2001 acrescenta nesse sentido que:

Uma marca fundamental do processo de urbanização sob a “industrialização com baixos salários” é um mercado de moradias restrito e concentrado. O que poucos percebem é que grande parte da população urbana brasileira não tem condições de comprar a moradia no mercado privado legal. Não estamos nos referindo aqui ao trabalhador do informal, sem emprego fixo e sim ao trabalhador da indústria automobilística fordista, ou ao bancário ou ao professor secundário. Essa é a explicação para que funcionários da Universidade de São Paulo, a mais importante do país, morem nas favelas que circundam a universidade (MARICATO, 2001, p.2)

As afirmações acima sobre crescimento da população urbana, o aumento da mão de obra na cidade e o decréscimo de pessoas na zona rural apontam para o

ponto central da pesquisa, que é a favela. Os processos de grande crescimento urbano ao longo dos anos deixam claro que a periferia recebe uma fatia considerável de ex-moradores do campo, refugiados e de recém-nascidos.

Para Davis (2006) os países do “Terceiro Mundo” também tiveram seus processos de urbanização em extremo avanço na segunda metade do século XX. O surpreendente é que esse crescimento permaneceu mesmo com as crises financeiras, diminuição salarial e aumento de preços, “3,8 % ao ano entre 1960 e 1993” descreve (DAVIS, 2006, p. 24).

Em vez do estereótipo clássico do uso intensivo de mão-de-obra no campo e uso intensivo do capital na metrópole industrial, o Terceiro Mundo apresenta hoje muitos exemplos de campo como uso intensivo do capital e cidades desindustrializadas com uso intensivo de mão-de-obra (DAVIS, 2006, p.26)

Davis (2006) acrescenta que os principais autores da teoria social clássica, “de Karl Marx a Max Weber” (p.26), apontaram o surgimento das grandes cidades do futuro:

seguiriam os passos industrializantes de Manchester, Berlim e Chicago – e, com efeito, Los Angeles, São Paulo, Pusan (Coréia do Sul) e, hoje, Ciudad Juarez (México) Bangalore e Cantão aproximaram-se de certa forma dessa trajetória canônica (DAVIS, 2006, p. 26)

Porém esse fato não é uma realidade na maioria das cidades do hemisfério sul que, por sua vez, tiveram retrocessos no que se refere a industrialização, aponta Davis (2006).

Dentre os processos que contribuíram para que a população mundial, principalmente dos países do hemisfério sul, se tornasse majoritariamente urbana, estão o interesse dos governos pela venda de commodities onde os camponeses e agricultores pobres foram desfavorecidos, e isso somado ao PAEs (plano de ajuste estrutural), que tratou da “desruralização e políticas nacionais de descampesinação” (DAVIS, 2006, p.25). Para Davis as cidades, mesmo com o baixo crescimento econômico e com a infraestrutura com investimentos ínfimos, receberam o fruto da “descampesinação” (2006, p.26). A saturação das cidades desencadeou, logicamente, a formação de favelas e o crescimento das já existentes.

Davis (2006) destaca que, no ano de 1985, o plano Baker fez com que os principais países do “Terceiro Mundo” abandonassem seus projetos de

desenvolvimento em troca de novos empréstimos e de participação na economia global. Davis (2006) acrescenta que os impactos das PAEs na África, assim como em outras partes do mundo, foram a perda de capital, o colapso industrial e o aumento negativo da receita de exportação. “Como resultado, por toda parte a infraestrutura e a saúde pública perderam a corrida para o aumento populacional.” (DAVIS, 2006, p.159)

O PAE trouxe impactos também na América Latina. No continente a população pobre em sua maioria estava em áreas rurais na década de 1970 (75 milhões), isso muda no final dos anos 80 quando a maioria dos pobres (115 milhões) estão em regiões urbanas. A pobreza urbana cresceu (50%) na América Latina a partir da década de 80, a população economicamente ativa chegou a cair 21% no Brasil e no México houve aumento no emprego informal nesse período, enquanto isso os “gastos sociais” diminuiram pela metade (DAVIS, 2006, p. 160).

As favelas têm como principais características a população excessiva, as habitações pobres e/ou informais, dificuldade de acesso à água potável e, além disso, a marginalidade econômica e social. Essas características foram adotadas oficialmente pela ONU em Nairóbi em 2002 e, serviram para unificar o conceito de favela, mesmo com as especificidades que podem ser encontradas de um território para outro (DAVIS, 2006, p.33).

Maricato (2001) acrescenta ao debate, quando ressalta que:

Essa marca de ilegalidade e a conseqüente ausência de direitos é que irão determinar grande parte o estigma que acompanha as áreas ocupadas por favelas. Ela implica em uma exclusão ambiental e urbana, isto é, são áreas mal servidas pela infraestrutura e serviços urbanos (água, esgoto, coleta de lixo, drenagem, iluminação pública, varrição, transporte, telefonia, etc). Mas a exclusão não se refere apenas ao território, seus moradores são objeto de preconceito e rejeição. Eles têm mais dificuldade de encontrar emprego devido a falta de um endereço formal. Idem quando fazem uma compra a prazo. Em geral eles são mais pobres, o número de negros e de mães solteiras é maior do que a média da cidade. O número de moradores por cômodo também é maior, revelando que é mais alto o congestionamento habitacional. Enfim, “a exclusão é um todo”: territorial, ambiental, econômica, racial, cultural, etc. O solo ilegal parece constituir a base para uma vida ilegal e esquecida pelos direitos e benefícios urbanos. É ali, também, que os moradores estão mais sujeitos à violência, que é medida em número de homicídios (MARICATO, 2001, p.1)

O acesso e, conseqüentemente, as construções em solo urbano são de alto custo. As ocupações em locais que constituem as favelas posteriormente eram (e são) lugares de risco, nas franjas urbanas, planícies passíveis de inundação, encostas

sujeitas a deslizamentos, lugares pantanosos e até mesmo instalações industriais abandonadas e poluídas (DAVIS, 2006).

Em Buenos Aires, por exemplo, a maioria das *villas de emergência* – habitadas muitas vezes por imigrantes ilegais bolivianos e paraguaios – localiza-se ao longo das margens fétidas do poluídíssimo rio de la Reconquista de la Matanza. “A água estagnada e o esgoto não tratado”, escreve o geógrafo David Keeling sobre uma visita a uma *villa* típica na margem do rio de la Reconquista, “criaram um fedor insuportável e toda a área estava infestada de ratos, mosquitos, moscas e outros insetos”. As *villas* só são toleradas porque esses terrenos abandonados estão temporariamente sem valor numa economia em depressão (DAVIS, 2006, p.49)

O trecho destacado acima relata a insalubridade das favelas, sobretudo, na América latina. A verdade é que as condições precárias dos moradores de favelas não é uma exclusividade dos solos latinos, onde quer que seja encontrado áreas de ocupação irregular, serão encontradas péssimas condições para a sobrevivência humana.

Nos países desenvolvidos é possível verificar uma população de moradores de favelas de 6% dentre os residentes da cidade, enquanto nos países de “terceiro mundo” 78% da população urbana se encontra em situação de favela. O quantitativo se refere a pelo menos um terço dos moradores urbanos ao redor do mundo, contribui Davis (2006).

Figura 2 - Imagem da tabela das maiores populações faveladas por país

Maiores populações faveladas por país		
	% da pop. urbana na favela	Número (milhões)
China	37,8	193,8
Índia	55,5	158,4
Brasil	36,6	51,7
Nigéria	79,2	41,6
Paquistão	73,6	35,6
Bangladesh	84,7	30,4
Indonésia	23,1	20,9
Irã	44,2	20,4
Filipinas	44,1	20,1
Turquia	42,6	19,1
México	19,6	14,7
Coréia do Sul	37,0	14,2
Peru	68,1	13,0
Estados Unidos	5,8	12,8
Egito	39,9	11,8
Argentina	33,1	11,0
Tanzânia	92,1	11,0
Etiópia	99,4	10,2
Sudão	85,7	10,1
Vietnã	47,4	9,2

Fonte: DAVIS, 2006, p. 34

A tabela acima destaca os países com maior quantitativo de população urbana em situação de favela. Os Estados Unidos se destacam aparecendo nesta tabela mesmo sendo um país de “primeiro mundo”, é possível perceber o Brasil como o país latino mais atenuante dessa tabela, seguido de México, Peru e Argentina.

O fenômeno das favelas, se tratando de América latina, conta com o exemplo da Cidade do México que “tinha em 1992, estimados 6,6 milhões de pessoas vivendo em aglomerados em 348 quilômetros de moradias informais”, mesmo que o próprio governo mexicano apontasse apenas 10% de pobreza no período (DAVIS, 2006, p. 37).

No Peru as condições não são diferentes, os pobres se aglutinaram nessas “concentrações espaciais de pobreza urbana” que se colocam nas franjas urbanas (DAVIS, 2006, p. 38). Dentre as *barriadas* (como são chamadas as favelas no Peru) se pode destacar a Villa El Salvador que nasce em 1971 no governo militar peruano e que em pouco tempo tem uma população de mais 300 mil habitantes, afirma Davis (2006).

O advento das favelas ao redor do mundo, em alguns casos, se tornou “um drama político digno de manchetes” (DAVIS, 2006, p.48). O fato é que, na América latina não foi diferente, a guerra pela posse das terras não aconteceu de forma amistosa, Davis (2006) reforça essa afirmativa quando relata que:

Na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980, assim como no Egito, na Turquia e na África do Sul em épocas diferentes, esse tipo de ocupação assumiu a forma de invasões violentas de terras, muitas vezes com o apoio de grupos radicais ou, mais raramente, de governos nacionais populistas (Peru na década de 1960 e Nicarágua na de 1980) (DAVIS, 2006, p. 48)

As terras visadas nesse processo, são terras de um único proprietário ou as do próprio governo que estejam sem nenhuma utilização. O caso é que, pode ser na maioria das vezes essas situações de ocupação são conflituosas, de processo prolongado demarcado pela resistência contra a “máquina repressora do Estado” (DAVIS, 2006, p. 48). O exemplo prático dessa fala está na cidade de Caracas na década de 1970 onde assentados tinham embates com as autoridades, durante a noite eles construíam seus barracos e durante o dia polícia destruía, destaca Davis (2006).

O período com maior crescimento das favelas em países pobres, para Davis (2006), foi na segunda metade do século XX. Isso se deve principalmente ao que se

pode chamar de “muralhas urbanas” que foram entraves políticos e sociais que mantiveram os moradores do campo afastados da cidade e, até mesmo os que tinham funções nas áreas centrais não conseguiam, de fato, ter acesso permanente e direito à cidade.

O campo ainda conterà a maior parte da população pobre até meados da década de 2030, aponta Davis (2006), e afirma ainda que essa explosão se trata de um “processo histórico não linear”. Para Davis (2006, p.155) o acréscimo gradativo de favelas no entorno das cidades está diretamente ligado ao que ele chama de “tempestades de pobreza e explosões súbitas de construção de barracos”.

A seguir se torna importante direcionar especificamente o foco para o Brasil, para ser entendido como acontecem as dinâmicas dentro do território nacional. A dinâmica brasileira é cabível aqui, visto que é onde se desenrola os aspectos dentro das dinâmicas que são propostas para pesquisa.

## 2.1 FAVELAS NO BRASIL

No Brasil a questão da terra sempre foi assunto primordial para que sejam entendidas as dinâmicas urbanas e sociais. Um país onde atualmente a parte majoritária da população reside na cidade, mas não tem direito a aos benefícios que a vida urbana deveria proporcionar, Ferreira (2005) acrescenta que:

As cidades brasileiras são hoje a expressão urbana de uma sociedade que nunca conseguiu superar sua herança colonial para construir uma nação que distribuisse de forma mais eqüitativa suas riquezas e, mais recentemente, viu sobrepor-se à essa matriz arcaica uma nova roupagem de modernidade “global” que só fez exacerbar suas dramáticas injustiças. Pesquisas de várias instituições indicam que as grandes metrópoles brasileiras têm em média entre 40 e 50% de sua população vivendo na informalidade urbana<sup>1</sup>, das quais de 15 a 20% em média moram em favelas (chegando a mais de 40% em Recife). E não seria exagero afirmar que a questão do acesso à propriedade da terra está no cerne dessa enorme desigualdade sócio-espacial. (FERREIRA, 2005, p. 1)

O IBGE é o órgão responsável por coletar dados referente a população brasileira e, com isso, conseqüentemente apontar dados precisos sobre as favelas. O fato apontado por Maricato (2001) é que o avanço do crescimento das favelas não tem sido apontado nem mesmo pelo próprio IBGE. Sobre isso Maricato 2001 aponta:

A magnitude do crescimento de favelas nas cidades grandes e médias, em todo país, representa um presente preocupante e a possibilidade de um futuro dramático. A população moradora de favelas tem crescido mais do que a população urbana como mostraram os Censos do IBGE para 1980 e 1991. Nos anos 80, 1,89% da população brasileira morava em favelas. Em 1991 já era 3,28%. De acordo com esses dados o crescimento foi de 70% em uma década.

Essa tendência está correta, mas esses dados são controversos devido à metodologia utilizada pelo IBGE na medição e, devido ainda, à dificuldade de classificar corretamente muitos dos núcleos de favelas sem a devida pesquisa nos cadastros fundiários municipais. O fato de não termos dados precisos sobre o assunto, já é, em si, muito significativo (MARICATO, 2001, p.1)

Maricato (2001) aponta também que, a população residente em favelas no país é muito maior do que especifica o IBGE, uma das evidências é o fato de as prefeituras municipais não fornecerem dados atualizados sobre suas respectivas favelas e zonas periféricas (MARICATO, 2001, p.1).

O passo seguinte é apontar os caminhos que se seguiram para a urbanização brasileira de modo que, primordialmente, se possa compreender como aconteceram o surgimento das grandes cidades e dos grandes aglomerados urbanos, e perceber que dinâmicas urbanas culminaram nas favelas, tão presentes no território nacional.

A lei de terras de 1850 é um marco importante para apontar nesse caminho de reconhecer de que forma aconteceu a divisão fundiária no país. Ferreira (2005) ressalta que a terra no Brasil colônia/império não tinha seu devido valor, e era distribuída para pessoas escolhidas pela Coroa, posterior a Lei as terras passam a ser valorizadas, mas agora apenas alguns possuem-nas. Ferreira (2005) detalha esse fato quando afirma:

Até meados do século XIX, a terra no Brasil era concedida pela Coroa – as sesmarias – , ou simplesmente ocupada<sup>2</sup>. Os municípios tinham o Rócio, terras em que se implantavam as casas e pequenas áreas de produção, sem custo. Assim, a terra ainda não tinha valor comercial, mas essas formas de apropriação já favoreciam a hegemonia de uma classe social privilegiada. A Lei das Terras, de setembro de 1850, transformou-a em mercadoria, nas mãos dos que já detinham "cartas de sesmaria" ou provas de ocupação "pacífica e sem contestação", e da própria Coroa, oficialmente proprietária de todo o território ainda não ocupado, e que a partir de então passava a realizar leilões para sua venda. Ou seja, pode-se considerar que a Lei de Terras representa a implantação da propriedade privada do solo no Brasil. Para ter terra, a partir de então, era necessário pagar por ela (FERREIRA, 2005, p.1)

A lei de terras foi, sem dúvida, importante dentro do processo de impedimento da reforma agrária, pois impediu que as terras fossem utilizadas pelos pequenos produtores, todo e qualquer pedaço de terra que não tivesse sendo ocupado, estava

incorporado aos grandes latifúndios só mudando de dono através da compra por preços altíssimos e, inacessíveis para as camadas mais pobres da população.

Para Ermínia Maricato o Brasil apresentou seus maiores passos no que se refere à urbanização, na segunda parte do século XX. “Em 1940 a população urbana era de 26,3% do total. Em 2000 ela era de 81,2%” (MARICATO, 2001, p. 21). Trata-se de um crescimento urbano considerável, para um país desigual e despreparado para tal avanço populacional.

Milton Santos (1993) acrescenta ao tema quando relata que a “urbanização pretérita” brasileira acontece a partir do crescimento da agricultura comercial e da exploração dos minérios presentes no território, essas relações, mesmo em um país com proporções continentais, favoreceram o avanço implacável da urbanização. Milton Santos para tanto escreve:

Subordinado a uma economia natural, as relações entre lugares eram fracas, inconstantes, num país com tão grandes dimensões territoriais. Mesmo assim, a expansão da agricultura comercial e a exploração mineral foram a base de um povoamento e uma criação de riquezas redundando na ampliação da vida de relações e no surgimento de cidades no litoral e no interior. A mecanização da produção (no caso da cana-de-açúcar) e do território (não apenas no caso da cana) vêm trazer novo impulso e nova lógica ao processo (SANTOS, 1993, p. 20)

Milton Santos (1993) descreve o Brasil dos primeiros séculos como um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior” (p. 26). Os subespaços citados tinham seus próprios polos que, por sua vez, se relacionavam muito pouco entre si.

O fato que muda a realidade brasileira, é quando o café assume a cena no estado de São Paulo na segunda parte do século XIX, como descreve Milton Santos (1993). Milton Santos aponta detalhadamente o fato quando afirma que:

Esse quadro é relativamente quebrado a partir da segunda metade do século XIX, quando, a partir da produção de café, o Estado de São Paulo se torna o polo dinâmico de vasta área que abrange os estados mais ao sul e vai incluir, ainda que de modo incompleto, o Rio de Janeiro e Minas Gerais (SANTOS, 1993, p. 26)

Os avanços trazidos pela cafeicultura e pela exploração dos minérios foram centrais para o crescimento das cidades, bem como para infraestrutura destas. A

criação e o aprimoramento de meios de comunicação, estradas de ferro, criação e reformas nos portos, detalha Santos (1993). Para Milton Santos as relações de trabalho nesse período recebem uma nova conjuntura:

De outro lado, é aí também onde se instalam sob os influxos do comércio internacional, formas capitalistas de produção, trabalho, intercâmbio, consumo, que vão tornar efetiva naquela fluidez. Trata-se, porém, de uma integração limitada, do espaço e do mercado, de que apenas participa uma parcela do território nacional. A divisão do trabalho que se opera dentro dessa área é um fator de crescimento para todos os seus subespaços envolvidos no processo e constitui um elemento de sua crescente diferenciação em relação ao resto do território brasileiro (SANTOS, 1993, p. 26-27)

A dinâmica apresentada acima destaca o início embrionário da industrialização no Brasil, e ainda, o estado de São Paulo como o epicentro desses processos. “Está aí a semente de uma situação de polarização que iria prosseguir ao longo do tempo, ainda que em cada período se apresente segundo uma forma particular” (SANTOS, 1993, p. 27).

As décadas de 1940 e 1950 para Milton Santos (1993) são fundamentais para os processos de industrialização e urbanização no Brasil, sobretudo na região Sudeste. Por isso Milton Santos (1993) faz ponderações sobre o período de crescentes na indústria e na urbanização, quando destaca que:

A partir dos anos 1940-1950, é essa lógica da industrialização que prevalece: o termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua mais ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado como a expansão de consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terceirização) e ativa o próprio processo de urbanização (SANTOS, 1993, p. 27)

Para Santos (1993) o país dispunha de “uma base econômica” que ultrapassava a escala regional para chegar notavelmente à escala nacional e, a partir desse momento se tem uma urbanização crescente e mais pontual no território. A urbanização nesse momento dialoga com o crescimento demográfico que é apontado nas médias e grandes cidades e, principalmente, as capitais dos estados.

A inversão de população rural para população majoritariamente urbana no território brasileiro acontece, de fato, no período entre 1940 e 1980. Na verdade, é possível verificar um salto significativo na taxa de urbanização que vai de 26,35% (1940) para 68,86 (1980) ressalta Santos (1993).

Para Santos (1993) uma gama de fatores é responsável pelo crescimento da população residente nas áreas urbanas, dentre esses fatores estão o aumento da taxa de natalidade e o declínio dos índices de mortalidade por causa dos avanços sanitários e melhorias pontuais na qualidade de vida.

A explicação para essa urbanização em curto tempo se encontra na “mecanização do território, isto é, a constituição, sobre áreas vastas” (SANTOS, 1993, p. 36), que se tornou viável pós segunda Guerra Mundial, quando as estradas passam a ter conexão, são construídas estradas de rodagem conectando as regiões entre elas.

Para Milton Santos (1993) o golpe militar de 1964 foi um marco pois, integrou o país em processo de internacionalização que acontecera no mundo. O Brasil desponta no mercado mundial como exportador de insumos agrícolas, e atende seu mercado consumidor em ascensão. Sobre isso Milton Santos relata que:

Esse período duraria até fins dos anos 60. O golpe de Estado de 1964 todavia aparece como um marco, pois foi o movimento militar que criou as condições de uma rápida integração do País a um movimento de internacionalização que aparecia como irresistível, em escala mundial. A economia se desenvolve, seja para atender a um mercado consumidor em célere expansão, seja para responder a uma demanda exterior. O País se torna grande; exportador tanto de produtos agrícolas não tradicionais (soja, cítricos) parcialmente beneficiados antes de se dirigirem ao estrangeiro, quanto de produtos industrializados. A modernização agrícola., aliás, atinge, também produções tradicionais como o café, o cacau, o algodão; alcança produtos como o trigo, cujo volume plantado e colhido se multiplica; implanta-se em muitos outros setores e se beneficia da expansão da classe média e das novas equações de um consumo popular intermitente, com o desenvolvimento da produção de frutas, verduras e hortaliças. A população aumentada, a classe média ampliada, a sedução dos pobres por um consumo diversificado e ajudado por sistemas extensivos de crédito, servem como impulsão à expansão industrial (SANTOS, 1993, p. 36)

Os aspectos que caracterizam o processo de urbanização brasileira precisam ser pontuados. Para Santos (1993) o primeiro elemento é: a mudança da configuração territorial, isto é, a sobreposição da natureza, por parte do homem. O segundo ponto a ser destacado: o desenvolvimento na produção que trouxe consigo a mudança na estrutura de distribuição, circulação e, conseqüentemente, no consumo.

O terceiro ponto é o “desenvolvimento de novas formas econômicas”, isto é, “formas de produção materiais” e “formas de produção não-materiais” (saúde, educação, lazer, informação) que, são espalhadas pelo país nesse período de avanço da urbanização ressalta Milton Santos (1993).

Santos (2001) em linhas gerais, porém sem ignorar especificidades, destaca 3 momentos da urbanização brasileira. O primeiro momento tem duração até a segunda Guerra Mundial, o segundo tem como destaque o Brasil unificado e como “fator dinâmico a indústria” e o terceiro momento está relacionado à globalização até os dias atuais (SANTOS, 2001, p. 265).

No primeiro momento temos a nomenclatura de “Brasil policêntrico” (SANTOS, 2001, p. 265), onde pode ser percebido um Estado centralizador, porém com dificuldades de gestão no território nacional. As regiões produtoras se conectavam aos centros litorâneos e, conseqüentemente, ao mercado externo, mas as relações internas eram fracas escreve Milton Santos (2001).

A segunda metade do século XIX é marcada por um incipiente avanço na comunicação dentro do território a partir da introdução das estradas de ferro, tornando-o mais dinâmico. O Sudeste nesse processo estabelece laços mais fortes e pontuais que são refletidos até hoje nessa região concentrada, com destaque para eixo Rio x São Paulo.

A Segunda Guerra Mundial demarca o início da segunda parte desse processo, pois foram percebidas fragilidades organizacionais no território brasileiro como um todo. O próximo passo seria fortalecer o território a partir dos transportes. O fortalecimento das linhas férreas e a construção apressada de uma rede nacional de rodovias, destaca Milton Santos (2001) e acrescenta que:

O crescimento industrial de São Paulo constitui a outra peça indispensável a esse processo de integração nacional. Estavam subjacentes a essas realizações toda uma teoria de desenvolvimento e uma vontade de emancipação nacional que iriam desembocar num processo de unificação do Brasil, unificação para dentro (SANTOS, 2001, p. 266-267)

No terceiro momento a indústria deixa de ser o fio condutor e dá lugar para a informação. São Paulo continua sendo o polo nacional, com o setor terciário em crescente, porém o que Santos (2001) ressalta sobre esse período é que as principais atividades econômicas se moldam as forças “centrífugas” do Estado (p.267). Santos finaliza destacando as funções, respectivas, de São Paulo e Brasília nesse momento:

Uma coisa é certa: nas condições atuais, tanto Brasília quanto São Paulo veem comprometidos o seu papel de regulação, tornando-se, desse ponto de vista, menos “centrais”, enquanto o país como um todo se torna ainda mais periférico (SANTOS, 2001, p. 268).

O destaque do texto de Milton Santos está nas fases que o Brasil passou. De um país basicamente desconcentrado em seu território, para arquipélagos ainda não exatamente organizados e, posteriormente um país com suas centralidades políticas e econômicas definidas, porém com efeito centrífugo. Assim também suas cidades lançam para as periferias os problemas urbanos.

A questão que está posta, é que o avanço urbano desencadeia crescimento populacional, que demanda infraestrutura (abastecimento de água, rede de esgoto, energia elétrica, entre outras demandas). A cidade, de certa forma, não acompanhou as demandas por isso é percebido tamanha segregação socioespacial e desigualdade no espaço urbano. Maricato (2001) acrescenta ao debate, quando escreve:

Trata-se de um gigantesco movimento de construção urbana necessário para o assentamento residencial dessa população, bem como para a satisfação de suas necessidades de trabalho, abastecimento, transporte, saúde, energia, água, etc. Ainda que o rumo tomado pelo crescimento urbano não tenha respondido satisfatoriamente a todas essas necessidades, o território foi ocupado e foram geradas condições para viver nesse espaço. Bem ou mal, de algum modo, todos esses 138 milhões de habitantes moram em cidades (MARICATO, 2001, p. 21)

As obras de infraestrutura realizadas foram “reformas urbanas”, focadas no saneamento básico e paisagismo. Essas reformas eram focadas no mercado imobiliário fomentando o capitalismo vigente. Como principal consequência dessas reformas os mais pobres foram empurrados para as franjas periféricas das cidades aponta Maricato (2001, p. 22).

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno à moda da periferia. Eram feitas obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, implantavam-se as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista, ao mesmo tempo em que a população excluída desse processo era expulsa para os morros e as franjas da cidade. Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram, nesse período, por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial. (MARICATO, 2001, p. 22)

O Brasil, nesse processo, tem caminhos similares aos que aconteceram ao redor do mundo. O final do século XIX é marcante, visto que, a abolição da escravatura trouxe os negros para as regiões urbanas e foram se formando espaços chamados de cortiços, que são: “grandes habitações coletivas, vistas como moradias baratas

carentes de serviços públicos e mobilidade urbana” (RIBAS, LIMA e OLIVEIRA, 2018, p. 113).

O problema é que esses cortiços eram malvistos, seus moradores discriminados e por causa da ausência do estado esses espaços causaram proliferação de doenças e epidemias. Os moradores desses cortiços eram, em sua maioria, negros libertos da escravidão e, por isso, eram considerados criminosos e vadios (RIBAS, LIMA e OLIVEIRA, 2018, p. 113).

O estado, partindo das premissas citadas por Ribas, Lima e Oliveira (2018) decidiu acabar com os cortiços, a partir de reformas urbanísticas, dentre as quais a reforma Pereira Passos (1902-1906) é a mais citada. O presidente do Brasil na época dessa reforma era Rodrigues Alves e Pereira Passos o prefeito da capital Rio de Janeiro, onde a reforma trouxe modificações impactantes na dinâmica urbana.

Ribas, Lima e Oliveira (2018) acrescentam que o governo não implementou políticas públicas de acesso à moradia para as populações pobres retiradas dos cortiços. Os locais higienizados pelo governo, agora passam a custar alugueis inacessíveis para os antigos moradores que, por sua vez, não puderam mais ficar nos espaços reformados e não tiveram a oportunidade de ter moradias populares acessíveis.

O resultado dessas reformas urbanísticas e do fim dos cortiços foi o surgimento de novos problemas na dinâmica urbana, na verdade o problema só foi transferido de lugar (RIBAS, LIMA E OLIVEIRA, 2018, p.114). Para Ribas, Lima e Oliveira (2018), a esses ex-escravos, migrantes da zona rural e os pobres moradores de cortiço só restou mudar para as periferias da cidade e para os morros ao redor (locais considerados subalternos) e que denominamos de “favela”.

O termo favela para a maioria dos estudiosos está atrelado ao Morro da Favela da zona portuária do Rio de Janeiro, que recebeu militares vindos da Guerra de Canudos no interior da Bahia. Esses militares se instalaram nesse local porque não receberam moradias que foram prometidas pelo estado (RIBAS, LIMA E OLIVEIRA, 2018, p.114).

O estado foi um ator importante na formação das favelas, porque não organizou a situação do exército, não estabeleceu políticas de moradia para os residentes dos cortiços e não geriu todas as demandas de políticas públicas que demandavam a periferia (RIBAS, LIMA E OLIVEIRA, 2018, p.114). O crescimento das favelas era

inevitável, surgindo da segregação, desigualdade social e do descaso do poder público.

## 2.2 NORTE FLUMINENSE, CAMPOS DOS GOYTACAZES E SÃO FIDÉLIS

A região Norte do estado do Rio de Janeiro não foge aos processos formadores das favelas. Mesmo ao observar cidades de médio porte, como é caso de Campos de Goytacazes e, cidades de pequeno porte como a cidade de São Fidélis é perceptível características fundantes no que se refere aos processos de favelização, descaso do poder público municipal, êxodo rural, desigualdade social e periferização dos mais pobres.

Para Faria (2005) nas décadas de 50 e 60 a estrutura urbana campista não suportou as mudanças na estrutura populacional, visto que, estava acontecendo um êxodo rural por causa das novas leis trabalhistas e do declínio no cultivo de café. A partir desse momento que se intensifica as relações duais de centro x periferia na cidade de Campos (FARIA, 2005, p.47).

Outro fator preponderante para a formação das favelas campistas é, para Faria (2005), a falência das usinas de cana-de-açúcar. Os trabalhadores das usinas e os trabalhadores das lavouras também se somam a população urbana que chega à cidade que, por sua vez, não se expandiu o suficiente para receber o quantitativo de pessoas.

Faria (2005) aponta que a crise no sistema sucroalcooleiro é um dos fatores mais marcantes para a formação das favelas em Campos, e conseqüentemente contribui para o inchaço de sua população urbana. O quantitativo de favelas em Campos sobe de quatro favelas na década de 1940 para mais de trinta favelas na década de 1990.

A segregação socioespacial sofrida pelas camadas mais empobrecidas é uma marca da formação dos territórios das pequenas e médias cidades brasileiras (OLIVEIRA, PEDLOWSKI, 2012). Nesse contexto se enquadram o Norte e Noroeste Fluminense, principalmente, Campos dos Goytacazes e São Fidélis como cidades que são fruto de uma forte herança colonial e de uma complexa estrutura urbana construída a partir do capitalismo dependente (OLIVEIRA, PEDLOWSKI, 2012).

Segundo Lamego (1974) o território que hoje compõe a região Norte juntamente com a região Noroeste Fluminense fazia parte da Capitania de São Tomé. Essa Capitania foi doada a Pero Góis da Silveira por Martin Afonso de Souza doação confirmada por D. João VI em 1536. Por falta de recursos e por resistência dos indígenas Pero Góis da Silveira abandona as terras, que só são devolvidas para a coroa posteriormente por Gil de Góis que teve também tentativas frustradas de povoar a terra, mas os constantes ataques dos indígenas o impediram (LAMEGO, 1974). Assim, escreve:

Os municípios que hoje compõem as regiões Norte (Campos dos Goytacazes; São João da Barra; Macaé; São Fidélis; Conceição de Macabu; Cardoso Moreira; Quissamã; Carapebus; São Francisco do Itabapoana) e Noroeste Fluminense (Itaperuna; Itaocara; Cambuci; Miracema; Bom Jesus do Itabapoana; Natividade; Porciúncula; Laje do Muriaé; Italva; Aperibé; Santo Antônio de Pádua, São José do Ubá; Varre-Sai), se originaram da Capitania de São Tomé, doada por Martin Afonso de Souza a Pero Góis da Silveira e confirmada por D. João VI em 1536. Após algumas tentativas frustradas de se fixar nas terras, primeiramente pela resistência dos indígenas e, finalmente, por falta de recursos, Pero de Góis da Silveira abandona a Capitania. Anos depois, Gil de Góis herdou a dita Capitania, mas também sofreu vários ataques dos índios e após várias tentativas malogradas de fundar uma vila, abandonou, igualmente, as terras que retornaram à Coroa (LAMEGO, 1974).

Posteriormente, as terras dessa capitania abandonada foram transformadas em Sesmarias e divididas para sete capitães em 1627 por Martin de Sá, Governador do Rio de Janeiro, gerando dissensões. Esses conflitos estão diretamente ligados ao fato de que os limites entre os territórios não estavam bem definidos e, por isso, não se era fácil identificar onde começava e terminava determinados direitos de posses. Esses embates marcaram a formação urbana do Norte e Noroeste Fluminense (FARIA, 2003).

As elites de Campos dos Goytacazes, por sua vez, surgem com o objetivo de ser o polo que vai intermediar as relações comerciais entre as Regiões Norte e Noroeste Fluminense e a capital Rio de Janeiro, logo Campos foi esse centro comercial de grande importância naquele momento para Portugal se tornando o entreposto comercial entre a região e a metrópole (FARIA, 2003). Assim Lamego escreve:

Através de seus portos, no rio Paraíba do Sul, uma das mais importantes vias de transporte à época, exportava-se os principais produtos de sua região o açúcar, aguardente e o café de São Fidélis, para o Rio de Janeiro. Campos

também exportava outros produtos excedentes para Rio e Bahia: milho, feijão, queijos, porcos, aves e madeira para construção (LAMEGO 1974, p. 187).

Conclui-se que a Região Norte e a Noroeste Fluminense se origina a partir do desmembramento das cidades de Campos dos Goytacazes, Macaé, São João da Barra e da cidade de São Fidélis que, por sua vez, foram os primeiros centros urbanos a se formarem e se destacarem desde o período colonial (FARIA, 2003). Assim, Faria escreve sobre esse início: “A formação/consolidação de núcleos urbanos no período colonial decorria da conjugação de processos sociais e políticos administrativos” (FARIA, 2003, p.12).

Os processos de favelização em Campos dos Goytacazes podem, de certa forma, representar os processos de periferização no interior do estado, visto que o êxodo rural começa a acontecer por causa das más condições de vida na zona rural, sobretudo no declínio do plantio de café e nas leis trabalhistas. A cidade de Campos nesse processo começou a não comportar todas essas questões e passou a ter problema socioespaciais destaca Faria (2005) e, acrescenta que:

A partir dos anos 1980, a cidade se vê encurralada pela problemática do processo de favelização, acentuado, sobretudo, pela falência das Usinas de cana-de-açúcar em Campos e pelos inevitáveis conflitos oriundos da expansão urbana insuficiente para o volume demográfico que recebera a cidade ou qualquer iniciativa de controle urbano que se tenha efetivado (FARIA, 2005, p.47)

A partir dessa análise, pode-se compreender a dinâmica histórica de formação urbana da região Norte Fluminense e, conseqüentemente, a centralidade de Campos dos Goytacazes nesse processo. A seguir faz-se necessário a construção do histórico de formação da cidade de São Fidélis, importante município da região, sobretudo, para aprofundar o local de objeto, a Favela da Chatuba.

### 2.3 A CIDADE DE SÃO FIDÉLIS

São Fidélis é uma cidade de pequeno porte no interior do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente do Norte Fluminense, com população estimada de aproximadamente 38.500 habitantes em 2021 (IBGE, 2017). A cidade atualmente é dividida em 5 distritos: São Fidélis (sede), Ipuca, Pureza, Colônia e Cambiasca. São Fidélis (2010) detalha algumas outras características do município:

Situada na região norte do Estado do Rio de Janeiro, às margens do Rio Paraíba do Sul, a cidade de São Fidélis está envolvida por belas montanhas e por um clima agradável. Seu território (parte da sua região serrana) também é abrangido pelo Parque Estadual do Desengano – Mata Atlântica – composto de vegetação e fauna nativas, além de belíssimas cachoeiras, oferecendo aos turistas e visitantes uma excelente oportunidade para a prática do ecoturismo e do turismo de aventura (SÃO FIDÉLIS, 2010)

Figura 3 - Localização do município de São Fidélis/RJ



Fonte: IBGE (2019)

Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS, 2020) é um documento municipal que aponta alguns aspectos atualizados sobre São Fidélis. O PMGIRS (2020) aponta que o município apresenta uma área de 1.034,82 km<sup>2</sup>, o IBGE (2010) aponta uma densidade demográfica estimada de 37,5 moradores por km<sup>2</sup>. O território fidelense faz divisa com os municípios de Cambuci, Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, Italva, Itaocara, Santa Maria Madalena e São Sebastião do Alto.

Figura 4 - São Fidélis divisão distrital



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São Fidélis

Para São Fidélis (2010), site oficial da prefeitura, A cidade poema – como é chamada por muitos – é conhecida pelo plantio de cana-de-açúcar, pela agropecuária e por sua policultura. Sobre isso São Fidélis (2010) acrescenta que:

Também é conhecida como “Cidade Poema” devido às belezas naturais e ao seu grande número de poetas. Terra de inúmeros grupos de imigrantes, muitas de suas famílias possuem origem sírio-libanesa, portuguesa, alemã, italianas, dentre outros grupos. Sua economia é baseada no cultivo da cana-de-açúcar e na agropecuária (gado de corte e pecuária leiteira). Na agricultura, São Fidélis se caracteriza pela policultura, sendo suas principais culturas a de cana-de-açúcar, arroz, milho, tomate, banana, algodão e goiaba. Apresenta ainda potencial para fruticultura, olericultura, floricultura e silvicultura. Sua economia possui representação também em outros setores, como indústria, comércio, cooperativas e pesca (SÃO FIDÉLIS, 2010, s.p.)

Os responsáveis pela primeira exploração em terras fidelenses foram os freis capuchinhos Angello Maria de Lucca e Victório de Cambiasca. Eles foram designados pelo bispo Dom Jose Justiniano Mascarenhas Castello Branco e pelo Vice-Rei do Brasil, Dom Luiz de Vasconcellos para catequizar as tribos existentes a norte da Vila de São Salvador dos Campos de Goytacazes (LACERDA, 2001). Detalhadamente se pode destacar que: “os dois missionários partiram de seu convento o “Hospício de Nossa Senhora da Oliveira”, localizado à Rua dos Barbonos, hoje Evaristo da Veiga,

a 5 de setembro de 1781” (BARROS, 1992, p.18) a pedido do Rev. Pe. Frei Antônio de Veneza com a finalidade de reunir os ameríndios da região e erguer um aldeamento, acrescenta Barros (1992).

Segundo Lacerda (2001), os freis saíram de São Sebastião do Rio de Janeiro no dia 5 de setembro de 1781, chegando à Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes no dia 15 de setembro. No dia 27 de setembro, chegaram de canoa em um lugar chamado Gamboa, vieram acompanhados do remador e intérprete Francisco Macedo.

Os frades capuchinhos, ao aportar na Gamboa, encontraram aproximadamente trinta nativos e alguns casebres feitos de sapê e se abrigaram neles. No dia seguinte, “dia 28 de setembro de 1781, celebraram a primeira missa em território fidelense na primeira capela construída, erguida com matéria prima rústica” (LACERDA, 2001, s.p.).

Para Barros (1992) os passos posteriores à chegada dos capuchinhos e celebração da primeira missa, foram a construção da capela, das malocas e primeiros cultivos na terra. Barros (1992) descreve esse fato:

Feita a escolha do local deram início às obras, trabalhando sem cessar e, em menos de dois meses, levantaram malocas com materiais que o lugar oferecia, paus finos e fracos, sendo que a palha, para cobri-las, só a encontraram três léguas distantes. Iniciaram ainda as primeiras derrubadas para a lavoura, plantio de milho, arroz, feijão e mandioca. Construíram logo uma capela, pois a mais próxima, o Santuário de N.S. do Saco, ficava na Vila de São Salvador (BARROS, 1992, p. 19)

Os missionários conseguiram doações de cabeças gados que, somados a lavoura, possibilitou o sustento da aldeia naqueles primeiros momentos, descreve Barros (1992). “Construíram esses missionários até mesmo uma olaria para a produção de telhas e tijolos artesanais (adobes)” (BARROS, 1992, p.20). Prosseguiram a ampliação do aldeamento e, receberam mais doações para isso, Barros (1992) escreve que:

A igreja media 90 palmos de comprimento, 30 de largura e 22 de altura. A casa conventual, ou seja, o chamado hospício tinha 53 palmos de comprimento. Na parte lateral voltada para a praça do aldeamento media 31,46 m. Para a cobertura da igreja e da casa conventual, contribuíram fazendeiros das redondezas com 18 milheiros de telhas. Contribuíram ainda esses fazendeiros, cedendo escravos para empregá-los no corte da madeira e na construção das casas e de canoas junto aos indígenas. (BARROS, 1992, p.20)

A “Freguesia de São Fidélis de Sygmaringa”, foi elevada à categoria de Vila conforme estabeleceu o vice-presidente da Província do Rio de Janeiro através da Lei Provincial, no dia 19 de abril de 1850 (LACERDA, 2001). São Fidélis foi considerada durante anos uma das vilas mais importantes da cidade de Campos dos Goytacazes e mesmo com uma câmara de vereadores desde 1855, ainda recebia e obedecia às ordens e demandas de Campos. Após a eleição do Dr. Antônio Manoel Peixoto de Souza, os ideais de emancipação total dos fidelense cresceu, e no ano de 1869 foi apresentado, pelo citado deputado, à Assembleia Legislativa o projeto de emancipação, projeto este, que foi aprovado pelos demais deputados provinciais; mas o projeto só foi transformado em lei no ano seguinte no dia 3 de dezembro de 1870. Sobre isso Lacerda (2001) destaca que:

A Vila de São Fidélis de Sygmaringa, com suas Freguesias de São José de Leonissa, de Santo Antônio de Pádua, São Bom Jesus do Monte Verde e de Nossa Senhora da Conceição de Ponte Nova, sentiu a necessidade de emancipação total do município de Campos dos Goytacazes, uma vez que já funcionava na Vila a Câmara de Vereadores desde 5 de março de 1855. Por iniciativa do deputado dr. Antonio Manoel Peixoto de Souza, foi apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, no segundo ano da décima sétima legislatura, na Sessão Ordinária de 1869, o projeto elevando à cidade (município) a Vila de São Fidélis (LACERDA, 2001)

São Fidélis (2010) descreve a formação administrativa da cidade, com devidos detalhamentos. Os acontecimentos são especificados com data e numeração das respectivas leis, organizando cronologicamente a formação do atual território municipal fidelense:

Freguesia criada com a denominação de São Fidélis de Sigmaringa, por lei provincial n.º 177, de 02-04-1840, no município de Campos atual Campos dos Goytacazes, bem assim os decretos estaduais nº 1, de 08-05-1892 e nº 1-A, de 03-06-1892. Elevado à categoria de vila com a denominação de São Fidélis de Sigmaringa, pela lei provincial nº 503 de 19-04-1850, desmembrado de Campos. Constituído do distrito sede. Instalado em 05-03-1855. Pelo decreto provincial nº 1288, de 24-12-1864 e decretos estaduais nº 1, de 08-05-1892 e nº 1-A, de 03-06-1892, é criado o distrito de Ponte Nova e anexado à Vila de São Fidélis de Sigmaringa. Elevada à condição de cidade e sede com a denominação de São Fidélis, pelo decreto-lei nº 1533, de 03-12-1870. Pelo decreto nº 140, de 28-10-1890, elevou o povoado de São José de Leonissa a município, com a denominação de Itaocara, sendo o território desmembrado do de São Fidélis. Ela deliberação de 29-10-1890, foram criados os distritos de Cambuci, Dois Rios, Ipuca, Nova e Timbó. Pelo decreto estadual nº 222, de 06-05-1891, desmembra do município de São Fidélis o distrito de Cambuci. Elevado à categoria de vila. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município se compunha de 5 distritos: São Fidélis, Dois Rios, Ipuca, Ponte Nova e Timbó, Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº

392-A, de 31-12-1938, o distrito de Dois Rios passou a denominar-se Colônia. Pelo decreto-lei estadual nº 641, de 15-11-1938, o distrito de Timbó passou a denominar-se Pureza. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município de São Fidélis é constituído de 5 distritos: São Fidélis, Colônia ex-Dois Rios, Ipuca, Ponte Nova e Pureza, ex-Timbó. Pelo decreto-lei estadual nº 1056, de 31-12-1943, o distrito de Ponte Nova passou a denominar-se Cambiasca. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município de São Fidélis figura com 5 distritos: São Fidélis, Cambiasca ex-Ponte Nova, Colônia, Ipuca e Pureza. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (SÃO FIDÉLIS, 2010)

A referência acima se relaciona com formação territorial do município de São Fidélis. A criação da Freguesia conectada ao município de Campos dos Goytacazes em 1840 até o ano de 2007, quando é consolidada a constituição territorial do município com os 5 distritos que perdura até os dias atuais.

A constituição territorial de São Fidélis passa por dois momentos chaves, a elevação à categoria de vila, sendo desmembrando do município de Campos dos Goytacazes em 1850 e a elevação a condição de cidade no dia 3 de dezembro de 1870 tendo como sede São Fidélis.

O IBGE (2010) descreve alguns dados atuais sobre o município de São Fidélis. No que se refere aos seus moradores, é considerada uma cidade urbana. Dos seus dezenove mil cinquenta e quatro endereços registrados apresenta catorze mil cento e sessenta nove na zona urbana e, apenas quatro mil oitocentos e oitenta e cinco localizados em áreas rurais IBGE (2010).

Figura 5 - Dados populacionais de São Fidélis

População	Popul.(1991)	% do Total (1991)	Popul. (2000)	% do Total (2000)	Popul. (2010)	% do Total (2010)
População Total	34.581	100,00%	36.789	100,00%	37.543	100,00%
Popul. Residente Masculina	17.194	49,72%	18.078	49,14%	18.394	48,99%
Pop. Residente Feminina	17.387	50,28%	18.711	50,86%	19.149	51,01%
População Urbana	22.160	64,08%	26.513	72,07%	29.679	79,05%
População Rural	12.421	35,92%	10.271	27,93%	7.864	20,95%

Fonte: IBGE (2010)

O quadro acima aponta a distribuição da população fidelense apontada nos respectivos anos de censo demográfico, destacando o quantitativo de residentes

masculinos e femininos, destacando a população urbana e população rural, nesse ponto cabe ressaltar a superioridade numérica da população urbana.

Para o IBGE (2010), São Fidélis detém um índice de pobreza de 32,53% do total da sua população ocupando 40ª posição no ranking da pobreza do estado do Rio de Janeiro. O índice de pobreza se acentua quando se destaca a periferia da cidade: Favela da Chatuba, Bairro São Vicente de Paulo (Usina), Montese e Morro do Fábio (Fabre).

Os bairros periféricos se destacam dentro das cidades, na maioria das vezes por aspectos negativos (segregação, pobreza, abandono por parte do Estado). A Chatuba interessa no contexto de São Fidélis, visto que, se insere no contexto de segregação socioespacial e pobreza. A seguir será dado destaque a formação do território deste bairro para que posteriormente possamos desdobrar a temática do texto.

## 2.4 CHATUBA

Com a finalidade de discorrer sobre a construção histórica da Chatuba foi necessário fazer um levantamento também do bairro São Vicente de Paulo, porquanto os dois se relacionam. Além da proximidade geográfica, ambos possuem moradores majoritariamente pretos, as estruturas das casas são semelhantes, assim como, as ruas, a falta de estrutura e a ausência de políticas públicas.

Figura 6 - Chatuba vista de cima



Fonte: Google Earth

De acordo com Lacerda (2001), as terras desses bairros pertenciam ao Sr. João Ernesto Machado, um latifundiário da região, após seu falecimento sua esposa Celina Machado vendeu essas terras para a diocese de Campos. Entretanto, “a venda transformou-se em caso de justiça pois, os filhos do casal não aceitaram a venda e queriam desfazê-la, mas a justiça deu ganho de causa para a diocese” (LACERDA, 2001, s/p.). A questão que enquanto se desenrolava todo o processo na justiça ocorreram invasões nas terras (LACERDA, 2001).

Para Lacerda (2001), a partir das invasões dos moradores começa a se formar o bairro e, o pároco Ovídio Simon o nomeia de São Vicente de Paulo, que é o protetor dos pobres e necessitados, referente ao perfil econômico dos moradores do bairro, que vieram da zona rural. “Na época, a igreja foi construída em cima de uma pedra pelo próprio pároco, casa está, muito simples e feita de tijolos maciços e crus, mas

que perdurava uma grande fé” (LACERDA, 2001, s.p.). Ainda sobre a formação da Usina e Chatuba Lacerda (2001), afirma que:

Na década de 30, o bairro era composto por pastos e arbustos, não existindo, portanto, pavimentação. A água que os moradores usavam era usufruída do Valão Catarina e do Rio Paraíba do Sul. A luz elétrica não existia e era somente através de lamparina a querosene que os moradores faziam uso. (LACERDA, 2001, s.p.).

Os bairros da Usina e da Chatuba são populosos e, isso se deve ao êxodo rural que ocorreu em seu entorno, por causa da usina de cana-de-açúcar existente na localidade, que atraiu os trabalhadores para viessem morar próximos ao trabalho, vindos, em sua maioria, da zona rural fidelense. Sobre isso Lacerda (2001) afirma que:

O índice populacional do bairro justifica-se ainda pelo contexto histórico, porque antigamente, muitas pessoas saíam da zona rural para a cidade em busca de empregos e, na época, já existia uma Usina de cana de açúcar instalada no bairro (onde funcionava a antiga ORDEM – Organização do Desenvolvimento Municipal e atual Caca – Centro de Atenção à Criança e Adolescente). Uma usina que dava empregos, mas a demanda de gente com o que se chamar de “êxodo rural” que se tornava maior que a oferta de cargos oferecidos pela Usina. Muitos que vinham para seu lugar de origem, e assim ficavam pela cidade vivendo como podiam. E foi assim a proliferação de casebres; vindo a denominar uma espécie de favela que se instalara por toda área do bairro. Com o decorrer dos tempos, a Usina deixou de gerar com a cana de açúcar e passou posteriormente, a investir em outras economias como a pilação de arroz, seguida, algodão, feijão e, por fim, café. Todos esses processos de atividades econômicas predominaram até a década de 60. (LACERDA, 2001)

A década de 1970 além de ser marcada pelo crescimento do bairro e surgimento de novas casas, pode ser apontada como a década de surgimento da primeira escola de samba do bairro São Vicente. Essa tradição com carnaval dura até os dias atuais. Lacerda (2001) afirma que:

E ainda assim, os primeiros do carnaval na cidade, surgiram com a Escola de Samba “Bando da Lua” (1978), que foi a primeira escola carnavalesca do bairro, tendo como presidente – Emitério Justino. Depois a escola passou a se chamar escola de samba Grêmio Recreativo Unidos do São Vicente de Paulo, a partir de 1980 (LACERDA, 2001)

Para a construção da história do bairro será feito um levantamento de relatos entre os moradores para a construção da história oral. A seguir se pode perceber a história do bairro contada a partir do ponto de vista de moradores antigos do bairro,

que contribuíram diretamente para a construção e formação do bairro. Os moradores selecionados são emblemáticos para o bairro visto que trabalharam na obra de construção da Chatuba, do ponto de vista físico e social.

Enquanto o bairro de São Vicente de Paulo estava em crescimento havia uma área de morro adjacente, parte desse local era utilizado como o depósito de resíduos domésticos, e a outra para voos de aviões de pequeno porte e esquadrilha da fumaça (BADORA, 2022). A senhora Badora, mulher, negra, aproximadamente setenta anos de idade, descreve da seguinte forma esse início:

Isso aqui era um lixão. Era um lixão e o campo de aviação passava ali atrás. O pessoal da cidade vinha tudo pra cá pra ver avião, esquadrilha da fumaça, tudo aqui no morro. Nós subíamos pelas trilhas aí. Não tinha estrada! Tinha muito mato isso tudo era mato. A gente subia pra ver a esquadrilha da fumaça eu e a “turmada” (BADORA, 2022)

No final da década de 1980, o então prefeito doutor Guilherme Tito de Azevedo dividiu esses terrenos igualmente em setenta e dois lotes de 10m x10m e doou para setenta e duas famílias carentes que, receberam do governo federal, material suficiente para construir uma casa de 3 cômodos por lote, para tal, os moradores fizeram um mutirão (B., 2022). O senhor B. narra essa história da seguinte forma:

Nós trabalhamos viemos daquela primeira rua lá embaixo. Você acabou de subir num tem uma igreja construída no barranco lá assim? Daquela rua pra cá até aqui atrás foi tudo construção nossa, fazia a vala e fazia uma vala dessa largura, e a gente enchia de concreto. Isso aqui tem uns 70 centímetros (fundação da casa). Isso aqui abaixo de Deus está seguro. Doutor Guilherme doou o terreno o governo federal entrou com material. Naquele tempo se a gente fosse construir não ia dar não, naquele tempo as coisas eram boas mais eram difíceis (B., 2022)

As obras se iniciaram no “dia 21 de junho de 1988” (F., 2022), no mutirão havia setenta e duas pessoas cadastradas além de voluntários, amigos, serventes de pedreiro e ajudantes. Quem não podia ir durante a semana por ter trabalho fixo em outro local, deveria mandar ou pagar um representante. Um dos moradores entrevistado fala sobre isso:

Na época de seu Guilherme. Eles colocaram uma pessoa, acho que do inea que anotava tudo, que inteirava que saía as nossas horas de trabalho. A gente tinha que dar hora, além de trabalhar a gente tinha que dar hora. Àquele que não pudesse dar hora e estava de serviço ou ocupado mandava uma pessoa que estivesse aposentada ou que fizesse biscate aí a gente botava

para trabalhar no lugar da gente aí no final de semana a gente vinha (B., 2022)

A luz e a água encanada foram ligadas por volta da mesma época em que as obras estavam terminando, cerca de 1990-92, logo que os primeiros moradores foram morar nas casas recém-construídas, afirma B., (2022). O calçamento e asfalto datam do fim da década de 90 e início dos anos 2000, no governo do então prefeito Davi Loureiro, F. (2022).

Segundo disse o senhor B., a Chatuba não recebe atenção da prefeitura desde, aproximadamente, 2008, que foi o último ano de mandato do prefeito que colocou asfalto nas principais ruas do bairro, o senhor B. afirma que:

Aí calçou a rua eu não me lembro quem foi, acho que foi no governo de Passarinho, não foi no governo de Davi, é e asfaltou no governo dele também. O primeiro governo dele foi de 2000 a 2004. Que Passarinho tinha adoecido e Dr. Josemar que era vice de Passarinho ficou no comando, nessa época eu trabalhei na prefeitura, aí depois Davi ganhou de novo Aí veio o asfalto (B., 2022)

Tendo em vista que a pesquisa discute os acontecimentos na Chatuba relacionados a pandemia do corona vírus (COVID-19), que teve início em março de 2020, essa data será o ponto de partida temporal para discorrer sobre as relações sociorreligiosas e as políticas públicas empregadas nesse contexto. A contribuição histórica feita acima vai nortear a pesquisa no sentido de ser entendido quais são as características do bairro e de seus moradores.

A Favela da Chatuba, atualmente já formada, possui o perfil de favela com traços rurais dentro do perímetro urbano, principalmente, por causa de sua aglomeração de casas sem planejamento urbano, beco, população marginalizada por causa dos preços de terras nos bairros centrais, suas construções com cercas feitas de bambu, algumas criações de galinhas e outros animais e alguns pequenos pastos (isso se deve, provavelmente, por causa de seus primeiros moradores vindos da zona rural).

A construção da Chatuba aconteceu com um processo de doação de terras por parte da prefeitura somado a construção por mutirão organizado pelas famílias. Se pode apontar o quantitativo de trinta e cinco ruas ao longo do bairro. Nos próximos capítulos se fará menção das principais características atuais do referido bairro

Figura 7 - Mapa da Favela da Chatuba e bairros vizinhos



Fonte: Acervo pessoal

Entretanto, um dado que torna a Chatuba semelhante aos outros bairros da cidade é a forte presença da religião, manifesta através de templos e celebrações. A Chatuba tem em seu território igrejas pentecostais diversas, uma igreja batista de missão, uma igreja católica esses grupos serão destacados no decorrer da pesquisa. Além desses grupos religiosos vale citar os traficantes que também citam frases relacionadas a divindade nos muros da Chatuba demonstrando também relação, de alguma forma, com a fé.

A seguir no próximo capítulo se pretende detalhar a história recente de São Fidélis e Chatuba, juntamente com as instituições religiosas presentes no município principalmente, no bairro da periferia. Se pretende dar notoriedade aos processos formativos de tais instituições esboçadas dentro de uma estrutura municipal, se utilizará, ainda os processos de formação de instituições que vieram de fora do município e/ou até de fora do Brasil.

### **3 CAPÍTULO 2: AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS EM SÃO FIDÉLIS E NA CHATUBA**

O presente trabalho pretende dialogar a partir da religião da Favela da Chatuba, no sentido de abordar as ações sociais que acontecem nas comunidades durante a pandemia e, apontar como aconteceram essas relações durante a pandemia do novo corona vírus, a partir do relato de pastores evangélicos presentes na localidade.

Para dar continuidade a esse processo se torna necessário apresentar o município do Norte Fluminense e destacar como acontece a religiosidade na cidade de São Fidélis e, a partir desse ponto avançar para discorrer sobre a Chatuba. A análise da cidade como um todo dará uma visão ampla de como se desenvolvem as comunidades na cidade, além da dimensão de uma possível disposição centro periferia.

O município de São Fidélis está localizado no norte do estado do Rio de Janeiro, possui cinco distritos (São Fidélis, Ipuca, Pureza, Colônia, Cambiasca). O território fidelense faz limite com os municípios de Campos dos Goytacazes, Santa Maria Madalena, Cambuci, Italva, Itaocara, São Sebastião do Alto e Cardoso Moreira, dados do IBGE (2020).

São Fidélis é banhado pelo Rio Paraíba do Sul e seus afluentes (Rio Dois Rios e Rio do Colégio). O acesso mais comum ao município pode ser feito através a partir da RJ 158, principalmente, a partir do município de Campos dos Goytacazes, destaca o site oficial da Prefeitura Municipal de São Fidélis (PMSF).

O município se destaca por ter moradores advindos de imigrações de diferentes lugares como, por exemplo, famílias sírio-libanesas, portuguesas, italianas e alemãs (PMSF), além da presença de população indígena e afro-brasileira importantes para a formação da população fidelense.

São Fidélis dispõe de uma economia ativa, principalmente em relação a agricultura nos cultivos de cana-de-açúcar, arroz, milho, tomate, banana, algodão e goiaba. O município tem ainda condições apropriadas para do desenvolvimento da fruticultura, olericultura e silvicultura, relata RTVI (2019). Na pecuária São Fidélis dispõe de rebanhos de gado leiteiro e gado de corte.

O município, apesar dos rebanhos, das mudanças geográficas em função da pecuária e do uso do solo na agricultura, mantém parte importante da Mata Atlântica em seu território. O Parque do Desengano (Mata Atlântica) está presente no território

fidelense e é parte dessa vegetação prejudicada devido ao crescimento das cidades, avanço industrial e extrações pretéritas.

O parque do Desengano é um dos pontos turísticos do município, que ainda conta com cachoeiras que são atrativas para visitantes e turistas. Dentre essas cachoeiras estão a Cachoeira do Oriente e Cachoeira do Recreio presentes no curso do Rio do Colégio afirma o site da Câmara Municipal de São Fidélis (2017).

A economia fidelense é aquecida por setores como a indústria (fábricas de doce, fabricas de café), o comércio, cooperativas e a pesca. A principal fonte de renda do município está no setor de prestação de serviços, destaca RTVI (2019). “O setor de comércio é o que mais emprega na cidade, seguido de prefeitura e agricultura” (RTVI, 2019, s.p.)

Na descrição detalhada sobre São Fidélis cabe abordar o perfil dos trabalhadores do município. Para o IBGE (2020) estima-se que 14,4 por cento da população esteja empregada e a média salarial dessa população seja de um salário mínimo e meio. Nesse contexto a população com poder de consumo no município é de aposentados, de funcionários públicos comércio dentre outras atividades de menor participação popular.

Em 2020, o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 14.4%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 83 de 92 e 63 de 92, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4400 de 5570 e 2352 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 35.1% da população nessas condições, o que o colocava na posição 43 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 3547 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE, 2020, s.p.)

O IBGE (2010) aponta dados importantes sobre a alfabetização no município supracitado, os dados apontam a taxa de escolarização está em 97,1% da população de 6 a 14 anos. Os dados apontados colocam o município na posição 64 dentre os 92 que compõe o estado do Rio de Janeiro.

São Fidélis, segundo ressalta o IBGE (2020), tem o PIB per capita de 20.738,50 reais, colocando o município como o 74º dentre os demais do estado. O IDH do município é de 0,691 (dados do censo de 2010). O IDH de São Fidélis classifica o município como médio desenvolvimento da sua população.

No panorama geral do município de São Fidélis é importante apontar dados relacionados às áreas urbanizadas. O IBGE (2019) relata que o município tem um território com 1.034,833 km<sup>2</sup>. Desse total se pode destacar que 47,2% das vias públicas são urbanizadas, 75,2% do território mencionado tem esgotamento sanitário instalado e, ainda 87% de arborização.

O quantitativo de pessoas que foram abordados pelo IBGE (2010) na cidade de São Fidélis é de 37.543 e foi perguntado a essas pessoas que religião professam. As pessoas responderam os seguintes dados abaixo registrados na tabela:

Figura 8 - Imagem da tabela das religiões em São Fidélis

> SEM RELIGIÃO	6.482
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	55
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	15.343
CATÓLICA ORTODOXA	27
ESPÍRITA	366
ESPIRITUALISTA	9
> EVANGÉLICA	14.331
> NÃO DETERMINADA E MULTIPLO PERTENCIMENTO	37
> NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	7
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	80
UMBANDA	9
UMBANDA E CANDOMBLÉ	9
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	727
NÃO SABE	70

Fonte: IBGE (2010)

O censo de 2010 aponta detalhes significantes no que se refere a religião no território fidelense. Dentre os dados se pode destacar o quantitativo de Católicos Apostólicos Romanos com mais de quinze mil fiéis e os Evangélicos apresentam na

estatística mais de quatorze mil adeptos. O contraponto são as religiões de matrizes africana que apresentam número de nove fiéis adeptos em toda a pesquisa.

A seguir se torna significativo abordar um pouco do histórico das comunidades religiosas de São Fidélis. Desde as mais tradicionais até as mais recentes para recortar os caminhos da religiosidade do município, sobretudo na área urbana. A pretensão é abordar o máximo de tradições religiosas apontadas no IBGE (2010), e a seguir fazer o mesmo caminho na Favela da Chatuba.

### 3.1 IGREJAS CATÓLICAS

Para Vasconcelos (2015) “a presença da Igreja se fez presente em todos os momentos da colonização do Brasil, em várias escalas e formas. Desde a presença das primeiras expedições ao continente até suas incursões pelos sertões do Brasil, na busca de metais preciosos” (p.2). O argumento demonstra a relevância da igreja romana na formação territorial brasileira e, conseqüentemente em São Fidélis.

Em uma contextualização geral, Vasconcelos (2015) ressalta que a participação da Igreja Católica nas expedições no novo mundo, sobretudo no Brasil, está ligada ao fato da perda considerável de poder e território hegemônico na Europa por conta da reforma protestante. Logo a oportunidade da participação na nova empreitada na América se tornou uma alternativa importante de dar a largada na corrida pela hegemonia religiosa e financeira.

A Igreja Católica Apostólica Romana, como já foi mencionado anteriormente, está presente em São Fidélis desde o primeiro dia de incursão. Os freis Capuchinhos Ângelo de Luca e Victório de Cambiasca vieram para as terras fidelenses com o a nítida missão de elencar as terras dentro da organização da coroa e, conseqüentemente da Igreja Romana.

Foi assim que, interessando-se pela vida local, o vice-rei tomou as primeiras providências para que ali se erguesse uma grande aldeia para os indígenas. Foram incumbidos dessa missão os frades capuchinhos Frei Vitório de Cambiasca e Frei Ângelo Maria de Luca que chegaram às terras do atual Município de Campos em 14 de setembro de 1781 (IBGE, 2010, s.p.)

No dia seguinte a chegada em terras fidelenses os freis capuchinhos, celebraram a primeira missa em uma capela improvisada com a participação dos

nativos que ali se encontravam. A seguir Barros (1992) destaca que os freis iniciaram a construção da primeira capela fixa para a celebração das missas da cidade.

No dia seguinte à chegada dos frades, foi celebrada a primeira missa em oratório improvisado, depois transformado em capela, dedicada ao culto de São Fidélis de Sigmaringa. E, apenas oito anos passados, a povoação florescia, impondo-se a construção de um templo. A 8 de setembro de 1799, foi lançada a pedra fundamental da igreja, tendo sido inaugurada a 23 de abril de 1808. É essa igreja, a atual Matriz de São Fidélis. (IBGE, 2010, s.p.)

Para Barros (1992) a formação dos aldeamentos está ligada ao processo de colonização do Vale do Paraíba e para aproveitar a mão de obra dos ameríndios considerados ociosos. “A região constituiu assim um dos mais antigos eixos de condensação urbana no Brasil [...]” (BARROS, 1992, p. 17)

No que se refere a formação da Igreja Católica, Barros (1992) relata que começaram as obras das primeiras malocas juntamente com a primeira capela. As obras eram lideradas pelos missionários capuchinhos frei Ângelo de Luca e Victório de Cambiasca. Quando pronta a capela passou a ser frequentada por moradores da região e seus escravos. “A primeira missa foi celebrada no dia 24 de abril de 1782” (BARROS, 1992, p. 19).

Barros (1992) ressalta que após problemas físicos com as casas do aldeamento e conseqüentemente com a capela foi permitida a construção de uma igreja de “pedra e cal” (p.20). “A igreja media 90 palmos de comprimento, 30 de largura e 22 de altura” (BARROS, 1992, p. 20).

Barros (1992) relata ainda que o frei Vitório foi escolhido como prefeito dos capuchinhos em 1797 e, por isso, retornou para o Rio de Janeiro em 1800. Em 1802 renunciou ao cargo e retornou para São Fidélis onde fez o risco da atual Igreja-Matriz da cidade com aspectos da Igreja Il Gesú de Roma, aponta Barros (1992).

A Igreja Católica em união com a coroa portuguesa teve uma missão comum de catequisar o Brasil. Principalmente tomando a dianteira nos territórios e, também ajudando a formá-los. O sistema era simples: conseguir riquezas para a igreja e para a coroa, ainda conseguir maior número de fiéis e fazer um contraponto ao crescimento agressivo das instituições da reforma protestante que avançavam na Europa, destaca Vasconcelos (2015).

A religião romana faz parte dos processos formativos de São Fidélis, bem como dos processos da Chatuba. A seguir cabe os relatos das principais instituições

religiosas do município seus processos formativos em seguida nos relatos sobre as instituições religiosas presentes na Chatuba se fará o destaque da chegada da Igreja Católica na favela fidelense.

### 3.2 IGREJA BATISTA

Na construção do presente capítulo torna-se relevante, a partir de agora, destacar pontos importantes da chegada dos batistas ao Brasil e, conseqüentemente, no interior do estado do Rio de Janeiro. O passo seguinte é destacar como acontecem essas relações entre os batistas e a sociedade brasileira, desde a época até os dias atuais.

Para Py (2016) os primeiros passos dos batistas em solos brasileiros foram sob o comando da convenção batista do Sul dos EUA, os missionários e, conseqüentemente, primeiros batistas em solos brasileiros. O casal de missionários batistas chegou à América do Sul após um período na África Central. Py (2016) explicita detalhes sobre esse processo:

As atividades religiosas dos batistas no Brasil são relacionadas à Convenção Batista do Sul dos EUA, fundada em 1845, na Geórgia. Por ela, Thomas Jefferson Bowen e sua esposa foram, oficialmente, os primeiros batistas no Brasil - após anos de atividades na África, na região hoje conhecida como Nigéria, chegando ao Brasil em 21 de maio de 1860. Além das atividades religiosas no Brasil e na África, a família tornou-se responsável pela formação dos primeiros religiosos batistas americanos enviados à África Central. O intuito da vinda ao Brasil decorreu do estudo do material metodista sobre a região, sendo o motivador do pedido à Convenção Batista do Sul dos EUA para que os transferissem ao país da América do Sul. (PY, 2016, p. 50)

Os missionários estadunidenses, a princípio, desenvolvem um trabalho com os africanos no território do Rio de Janeiro onde, também decidem fazer visitas nas casas e entregar panfletos, bíblias e outros trabalhos efetuados nas ruas. O casal não ficou muito tempo no Brasil um pouco mais de oito meses e, tiveram entraves para a legalização de seu trabalho com s escravos e problemas financeiros, sobre o referido Py (2016) aponta que:

Destaca-se que a atividade dos Bowen, embora ligados à Convenção Batista do Sul dos EUA, uma convenção vinculada à escravidão, desenvolve um trabalho dedicado aos africanos no pequeno período que o casal passa no solo brasileiro. Suas atividades se restringiram à geografia do Rio de Janeiro, quando distribuíam Bíblias, panfletos e faziam visitas domiciliares. Tinham interesse de criar no Rio de Janeiro uma escola de formação para líderes

negros, para que estes tivessem acesso à civilidade cristã. Contudo, pela oposição dos religiosos romanos e devido à acusação da imprensa brasileira, acabaram tendo problemas legais para o trabalho com escravos. A falta de dinheiro também foi um fator que dificultou a atividade, até porque a Convenção Sul do EUA estava se formando (PY, 2016, p. 50)

Py (2016) destaca que após a volta dos Bowser para os EUA em fevereiro de 1861, acelerada por causa da malária, o pastor Richard Ratcliff deu continuidade no trabalho iniciado por eles. Segundo Py (2016) “o pastor Richard Ratcliff, fundador da primeira Igreja Batista no Brasil, em Santa Bárbara - SP, em 1871 (p.51).”

Os primeiros missionários vindos do sul dos Estados Unidos após a formação da Primeira Igreja Batista foram William Buck Bagby e Zachary Clay Taylor destaca Py (2016). O primeiro pastor batista brasileiro de fato foi Antônio Teixeira de Albuquerque, que era um ex-padre aponta Py (2016). Se pode ainda destacar que a partir desse momento se desenvolvem mais as dinâmicas dos batistas no território brasileiro, sobre isso Py (2016) escreve que:

Os primeiros missionários batistas foram William Buck Bagby e Zachary Clay Taylor, que chegaram após a formação da Primeira Igreja Batista, a qual teve como primeiro pastor batista brasileiro o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque. Este último, em 1882, torna-se responsável por levar um grupo a fundar a Primeira Igreja Batista em Salvador, na Bahia. Com o tempo, os batistas no Brasil vão ganhando complexidade, se desenvolvendo em número de pessoas e comunidades de fé. Fruto disso foi a criação da Convenção Batista Brasileira (a CBB), em 22 de setembro de 1907, com a presença de 43 líderes na cidade de Salvador (BA). A CBB, na data, foi composta por sete juntas, sendo duas de missões: Junta de Missões Nacionais e Junta de Missões Mundiais (PY, 2016, 51)

O trecho acima apresentado demonstra o desenvolvimento dos batistas no território remontando como os batistas conseguem notoriedade ao longo do tempo e como esse desenvolvimento alcançou parte significativa do território. A seguir é importante relatar como a dinâmica batista chegou ao território fidelense, como religião central na região norte do estado e importante para entender como acontecem as dinâmicas sociorreligiosas em São Fidélis.

A igreja batista chega no território de São Fidélis a partir da figura do missionário Salomão Ginsburg. Os detalhes sobre a história da Primeira Igreja Batista de São Fidélis (PIBSF) estão em registros documentais da própria instituição. A ata da primeira reunião é um documento importante nesse sentido.

Segundo a PIBSF (1894) em uma sexta-feira dia 27 de julho de 1894 foi organizada a igreja batista em São Fidélis. A primeira reunião teve sete pessoas

presentes e nessa reunião foi feita a ata que iniciava oficialmente a participação dos batistas em terras fidelenses.

O responsável pela chegada da tradição batista em São Fidélis foi o missionário judeu Salomão Luiz Ginsburg (PY, 2016). O missionário alugou uma casa no centro da cidade e nessa residência, com os bancos emprestados, foram feitas as primeiras celebrações destaca PIBSF (2011).

Os relatos da PIBSF (2011) acerca da primeira reunião apontam que algumas pessoas não aceitaram aquela celebração e lançaram pedras e lixo na casa. Ao iniciar sua fala o missionário foi insultado e teve palavras obscenas dirigidas a ele. As perseguições continuaram, aponta PIBSF (2011), e Ginsburg foi preso, colocado em um caixote e enviado a Niterói em um vagão de trem de carga, quando foi solto retornou para São Fidélis e continuou seu trabalho com ajuda da força policial.

O momento seguinte das igrejas batistas área urbana fidelense está relacionada a Segunda Igreja Batista de São Fidélis. Para C. (2022) secretária da SIBASF os fiéis que formaram a instituição vieram principalmente da Primeira Igreja. Eles se reuniam na casa de um fiel chamado João Batista no bairro Vila dos Coroados.

As reuniões aconteceram no início da década de 1960 e, C. (2022) relata que esses ajuntamentos eram em torno de um coral tradicional (Eflúvios Celestes) que curiosamente tem um ano a mais que a própria instituição. A seguidas reuniões do coro se tornaram cultos e posteriormente uma congregação, segundo relatos de C. (2022).

No dia 5 de janeiro 1963, a convite da igreja batista de São Fidélis se reuniu no templo da Congregação da Vila dos Coroados as seguintes igrejas; que se constituíram concílio organizatório igrejas Batista de São Fidélis, 1ª Ernesto Machado, 1ª de Tabua, São Luís, Aperibé, Pádua, Guarauí, Colônia, Bela Vista, 3ª de Campos, Boa Hora, Pureza, Itacolomi, São José. Estavam presentes os seguintes pastores Walter Vellasco, Ozéas Batista, José Larrúbia de Abreu, Osvaldo Viana, Avelino Vicente Figueiredo, Salvador Borges, Benedito Borges Botelho (SIBASF, 1963, s.p.)

O trecho acima é retirado da ata de organização da segunda igreja batista de São Fidélis que foi feita no dia oficial de inauguração dessa instituição na presença de seus 60 membros. Diferente da primeira igreja a SIBASF não teve muitos entraves para sua formação. A SIBASF fica na Rua Missionário Salomão Ginsburg em homenagem ao fundador da tradição batista na cidade.

A seguir se torna importante apontar a tabela com as principais igrejas batistas de São Fidélis resultado dos processos citados acima. Se pode destacar a centralidade da primeira igreja como pioneira nesse processo e a segunda igreja como segunda instituição na área urbana, o Norte Fluminense é uma região adensada no que se refere a tradições batistas.

Tabela 1 - A relação das igrejas batistas em São Fidélis

<b>Nº</b>	<b>IGREJA E CONTATO</b>	<b>ORGANIZADA EM:</b>	<b>PASTOR</b>
01	Primeira em São Fidélis -2758 2385	27/07/1894	Hermínio Pinheiro Pandino
02	Segunda em São Fidélis-2758 3644	05/01/1963	
03	Terceira em São Fidélis 2758 3175	17/05/1964	Samuel Mury de Aquino
04	Central em São Fidélis 2758 5156	01/05/1969	Marlucio Alves Batista
05	Jardim do Senhor 2758 2627	03/07/1982	Leandro da Costa Mendonça Silva
06	Igreja Batista Betel	22/10/1983	Ilson Nunes do Nascimento
07	I B Memorial 2758 2056	07/05/1988	Denis Alves Pinto
08	IB Nova Divinéia	01/05/2004	Ademar de Oliveira
09	Primeira em Ernesto Machado	20/01/1899	Paulo Cezar Pereira Lima
10	Primeira em Pureza	08/11/1912	Eliezer Teixeira Freitas
11	Segunda em Pureza - Angelim	14/02/1971	Josemar da Silva de Sá
12	Centenário em Brejinho	24/08/1982	Idalécio Batista da Costa
13	IB em São José do Sossego	19/10/1919	
14	IB em Água Fria	28/04/1992	Weverton Mury
15	IB em Itacolomi	07/09/1925	Erodice Campos Leite
16	IB Vila Pastor Salvador Borges	08/11/1912	Marcos Vinícios Braga da Silveira
17	IB em Santa Catarina	27/12/1953	Carlos Alberto Teixeiras Torres
18	IB em Penedo	13/06/1965	Antônio Amaral Sobrinho
19	TIB em Pureza	03/10/1988	Israel Junior Almeida Inácio
20	IB em Barro Branco	23/05/1965	Diego Fagundes do Nascimento
21	IB em Boa Hora	05/09/1925	Nelson Marcos Barra da Rocha
22	IB em Bela Vista	25/12/1919	Ademilcésar Cordeiro Barreto

23	IB em Cambiasca	05/08/1979	Jonas Pinto Machado
24	IB em Valão dos Milagres	29/11/1986	Ezequiel Martins de Matos
25	IB em Colônia	03/03/1940	Elias Gonçalves de Abreu
26	SIB em Ernesto Machado	13/09/1946	Porphirio Campos
29	Igreja Batista Monte das Oliveiras	28/03/1992	Adalto Gandra de Assis Júnior
31	IB Vargem Grande	30/09/2017	Jodrick Fabiam Araujo Trindade

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Associação Batista Centro Fluminense (2022)

O quadro acima mostra o crescimento e desenvolvimento dos batistas em São Fidélis nas áreas urbanas e rurais. Desde as principais instituições, que foram as primeiras a ser fundadas até as mais recentes. O destaque fica, para a Igreja Batista Monte das Oliveiras que se encontra localizada fisicamente na Chatuba fundada em 1992.

### 3.3 CENTRO ESPÍRITA

O Espiritismo é também uma religião presente em São Fidélis (RJ), antes de destacar a formação do Centro Espírita José de Castro, templo Espírita fidelense é importante em um primeiro momento apontar o surgimento do Espiritismo e como que sua dinâmica acontece no território brasileiro.

Segundo Lang (2008) o Espiritismo teve início na França em meados do século XIX, o marco desse princípio é a codificação do Livro dos Espíritos por Allan Kardec. O Espiritismo, em seu começo, ainda passa pela experiência sobrenatural das irmãs Fox nos Estados Unidos, Lang (2008) destaca detalhes quando aponta que:

O espiritismo teve início na França com a codificação do Livro dos Espíritos por Allan Kardec em 1857. As primeiras manifestações de espíritos na linha que conduziu ao kardecismo ocorreram nos Estados Unidos, em uma propriedade rural em Hydesville, quando as irmãs Margaret e Katie Fox, de doze e catorze anos, ouviram batidas na parede e as interpretaram como manifestações inteligentes de espíritos, dado que respondiam a perguntas por meio do número de batidas. A notícia logo se espalhou e atraiu inúmeras pessoas. As irmãs Fox foram levadas à Europa (LANG, 2008, p. 173)

As irmãs Margaret e Katie Fox foram precursoras do movimento Espírita que impactou a Europa aponta Lang (2008). Na Inglaterra, como descreve Lang (2008), começa o fenômeno das mesas girantes, que eram mesas onde os espíritos

respondiam questionamentos através de um lápis acoplado a uma cesta essas manifestações também eram comuns na França.

Os princípios básicos da doutrina Espírita se encontram no Livro dos Espíritos (1857), escrito por um pedagogo da França que fora atraído pelas práticas Espíritas e que, segundo próprio relato, auxiliado por um espírito denominado de Espírito da Verdade escreve detalhes sobre o Espiritismo, relata Lang (2008). Sobre isso Lang (2008) escreve que:

Tais fatos atraíram a atenção do pedagogo francês Hippolyte Léon Dénizard Rivail (1804-1869), já autor de livros em sua especialidade, que decidiu investigá-los. Foi auxiliado por um espírito que se apresentou como o Espírito da Verdade e que respondia às questões que eram formuladas por Kardec, dando origem ao Livro dos Espíritos (1857), que mantém a estrutura de perguntas e respostas, introduzindo os princípios básicos da doutrina espírita: a imortalidade da alma, a necessária evolução do espírito conduzindo à perfeição, a reencarnação, a possibilidade de comunicação entre vivos e espíritos através dos médiuns (LANG, 2008, p.174)

O escritor dos principais livros Espíritas Hippolyte Léon Dénizard Rivail adotou o nome de Allan Kardec que era seu nome em outra encarnação, atribuído a um sacerdote da cultura antiga do povo celta denominado Druida, escreve Lang (2008). Para Lang (2008) existe um pentateuco (cinco livros) básico da doutrina Espírita escritos por Rivail (Allan Kardec):

Seguindo o mesmo procedimento, Rivail escreveu outros livros: O Livro dos Médiuns (1861), que trata das relações mediúnicas, apontando as leis e condições do intercâmbio espiritual; O Evangelho segundo o espiritismo (1864), explicitando o conteúdo moral da doutrina; O Céu e o Inferno (1865), discutindo as penas e gozos terrenos e futuros; A Gênese, os Milagres e as Predições (1868), tratando dos problemas genésicos e da evolução física da terra. Esses cinco livros formam o chamado Pentateuco espírita, cujo codificador foi Kardec, pois os livros seriam de autoria dos espíritos (LANG, 2008, p. 174)

A doutrina Espírita não foi criada por Allan Kardec, mas ele é o codificador. Para Lang (2008) A doutrina é dos Espíritos e Kardec (Rivail) é o responsável por ser a mensagem encarnada do Espiritismo. A doutrina Espírita é considerada uma fé baseada também na razão, e tem alguns preceitos basilares:

Deus é o criador de tudo o que existe; além do mundo dos vivos (ou dos encarnados) há o mundo dos espíritos que existem em diferentes graus evolutivos: os imperfeitos, os bons, e os puros ou espíritos de luz; aceita a reencarnação como condição para que o espírito possa progredir, configurando a pluralidade de existências; os espíritos puros são aqueles que

já se libertaram das encarnações; todos os espíritos evoluem sem cessar, embora possam renascerem condições sociais inferiores; as relações dos espíritos com os vivos são constantes e sempre existiram. A mediunidade é a faculdade que permite aos vivos a comunicação com os Espíritos é um dom que precisa ser desenvolvido (LANG, 2008, p. 175)

A breve descrição sobre o início da doutrina Espírita lança os fundamentos importantes para a compreensão básica da sua história e, o mínimo de entendimento de suas doutrinas básicas. Um ponto importante também é saber as origens de sua doutrina e Allan Kardec (Rivail) o principal expoente e codificador. O próximo momento se torna importante relatar o Espiritismo no Brasil.

No Brasil, destaca Lang (2008), que o Espiritismo chegou em 1840, trazido por médicos homeopatas e também alguns médiuns Bento Mure e João Vicente Martins. Para Lang (2008) no Rio de Janeiro um grupo de médicos, também homeopatas, formaram o Grupo Confúcio.

O Grupo Confúcio, por sua vez, recebeu uma mensagem espiritual direcionada ao Espiritismo no país, “informando que o Brasil fora escolhido como o país para o qual iria se transplantar a ‘árvore do Evangelho’, onde o espiritismo iria se desenvolver” (LANG, 2008, p. 175).

O Espiritismo se espalhou por todo o território brasileiro a partir desses acontecimentos citados até que no final do século XIX se forma a Federação Espírita Brasileira, como está destacado a seguir: “Ismael, mensageiro de Jesus, foi encarregado de cuidar do espiritismo no país. O espiritismo se difundiu, vários grupos se formaram e, em 1884, foi fundada a Federação Espírita Brasileira com o fito de reuni-los” (LANG, 2008, p. 175).

Em São Fidélis foi fundado o Centro Espírita José de Castro e a atual presidente da instituição, Y. Nacif (2022), relata como foi surgimento do CEJOC. Y. Nacif (2022) relata que “o Centro Espírita José Castro foi fundado em 06 de abril de 1926, por Luiz da Costa Machado, nosso eterno seu Lulu”.

O fundador do Centro Espírita fidelense era proprietário do cartório da cidade e fundou a instituição com apoio de amigos próximos, destaca Y. (2022). A causa social, destaca Y., é um dos pilares na fundação do Centro Espírita José de Castro, principalmente no cuidado dos doentes e idosos. Sobre isso ela ressalta que:

Ele era o proprietário do cartório da cidade e juntamente com vários amigos fundou nosso Centro Espírita. Sempre preocupado com o próximo, atendendo aos ensinamentos de Jesus, passou a socorrer aos "coxos e

estropiados", irmãos nossos, nas dependências do recém criado Centro Espírita. Daí surgiu o "Lar dos Velhos", que por muitos anos teve como endereço o mesmo do Centro Espírita José Castro: Rua Duque de Caxias, 444 (atualmente, essa rua teve seu nome alterado para Rua Dom Licínio Rangel) (Y. NACIF, 2022, s.p.)

O Centro Espírita José de Castro, conforme acima relatado, foi responsável pela fundação do Lar do Velhos (atualmente conhecido como lar dos Idosos). Nos anos de existência o CEJOC se dedicou a essa causa para manter acesa a causa de seu fundador, aponta Y. (2022).

Segundo relato de Y. Nacif (2022) dentro de pouco tempo o Centro Espírita vai completar noventa e sete anos de existência e nesse período alguns espíritas se destacaram na presidência da entidade. Sobre o referido Y. Nacif relata detalhadamente que:

O Centro Espírita José Castro fará dentro de poucos meses 97 anos de existência. Tivemos em sua presidência diversos espíritas, após o desencarne de seu Lulu em 1966, tais como: Augusto Andrade, Afonso Nolasco, Anildes Azevedo, Manoel Monteiro Machado, Márcio de Souza e Silva. Todos eleitos, como reza o Estatuto, por uma Assembleia, formada pelos espíritas filiados ao próprio Centro, para uma gestão de três anos (Y. NACIF, 2022, s.p.)

Y. (2022) ressalta que o Centro Espírita esteve vinculado ao Lar dos Idosos, sobretudo na parte administrativa, até o ano de 2019, "quando, em cumprimento à lei, foi preciso torná-lo independente, com sua própria diretoria" (Y. NACIF, 2022). Apesar disso o CEJOC continua contribuindo para o crescimento do Lar dos Idosos sendo seu principal contribuinte financeiro, relata Y. (2022).

Nas ações sociais, Y. (2022) relata que o CEJOC não atua especificamente na periferia, mas contribuem no local em que seja preciso de cestas básicas ou algum outro tipo de auxílio. O CEJOC tem ainda a Obra Berço que atende as famílias com recém nascidos, no trecho destacado abaixo Y. (2022) descreve detalhadamente o referido:

Nossa meta e objetivo maior é o Lar dos Idosos, que possui muitos voluntários espíritas, incluindo aí toda diretoria da Associação Lulu Machado, responsáveis que somos pela gestão do Lar. No CEJOC, temos a Obra do Berço, que distribui enxovais de bebê, além de roupas, agasalhos para todas as idades, além de cestas básicas, durante todo o ano. Não especificamente para tal ou tal lugar, mas onde sabemos que existe alguém necessitado (Y. NACIF, 2022, s.p.)

O espiritismo é a terceira instituição mais presente no território fidelense atrás apenas dos católicos e evangélicos, mas não tem nenhum braço de atuação na periferia de São Fidélis embora, faça ações sociais pontuais no município como um todo. Na Chatuba não se encontra nenhuma vertente do Centro Espírita, mas se pode apontar o espiritismo como religião significativa no território fidelense.

### 3.4 UMBANDA/CANDOMBLÉ

A cidade de São Fidélis no censo demográfico de 2010 feito pelo IBGE aponta um quantitativo de 9 pessoas que se identificam como praticantes de religiões de matriz africana (Umbanda e/ou Candomblé). Por isso se torna importante descrever um pouco de como acontecem as relações também nessa comunidade de fé.

Para Prandi (1996) o nordeste brasileiro é o berço das religiões afro-brasileiras, mas, isso aconteceu de forma tardia pois foi no final do século XIX com a aproximação geografia e social entre os negros escravos propiciou o fortalecimento de algumas tradições religiosas africanas.

O caminho das religiões de matriz africana sobretudo, umbanda e o candomblé passa pela Bahia, chega recentemente ao Rio de Janeiro e posteriormente a São Paulo se espalhando ao longo do território brasileiro. Sobre o referido Prandi (1996) destaca detalhadamente que:

Na Bahia originou-se também o muito popular candomblé de caboclo e o menos conhecido candomblé de egum. Mais recentemente, no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, constituiu-se a umbanda, que logo se disseminou por todo o país, abrindo, de certo modo, caminho para uma nova etapa de difusão do antigo candomblé (PRANDI, 1996, p. 66).

O Nordeste é também berço de modalidades religiosas vindas dos povos originários aponta Prandi (1996) que, por sua vez, incorporavam religiões afro-brasileiras ou simplesmente as influenciaram. O catimbó é um exemplo dessa mistura afro-ameríndio que, Prandi especifica quando detalha que:

Trata-se do catimbó, religião de espíritos aos quais se dá o nome de mestres e caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e curar. Esse tronco afroameríndio tem particularidades em diferentes lugares, sendo chamado de jurema, toré, pajelança, babaçuê, encantaria e cura (PRANDI, 1996, p. 66).

Prandi (1996) escreve que quando se refere ao candomblé, a referência que se faz é ao candomblé queto, da Bahia, que tem origem iorubá. ” Seus antigos terreiros são os mais conhecidos e prestigiados do Brasil: a Casa Branca do Engenho Velho, o candomblé do Alaketo, o Axé Opô Afonjá e o Gantois” (PRANDI, 1996, p. 66).

A umbanda surge no século XX e é considerada uma religião brasileira em sua essência resultado da junção de algumas outras religiões destaca Prandi (1996). A umbanda não é uma religião voltada para apenas um público específico, mas surge como religião totalizante. Sobre a formação da umbanda Prandi detalha, ao escrever que:

Em nosso século nasceu a umbanda, que tem sido reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, ela resulta do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas (2). Ao contrário das religiões negras tradicionais que se constituíram como religiões de grupos negros, a umbanda surge como religião universal, isto é, dirigida a todos. A umbanda sempre procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente os traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava, mantendo, contudo, essas marcas na constituição do panteão (PRANDI, 1996, p. 66).

Segundo relata Prandi (1996) a década de 1920 é chave para umbanda, pois é quando o primeiro centro é fundado no estado do Rio de Janeiro. Em linhas gerais houve resistência por parte dos kardecistas, e posteriormente preconceito dos católicos. Surgiram no Rio de Janeiro alguns centros de umbanda, assim chamado pela ligação direta com algumas doutrinas espíritas. Prandi (1996) destaca que a União Espírita Brasileira deu patrocínio para a primeiro Congresso de Umbanda no Rio.

Em São Fidélis os relatos sobre as religiões de matriz africana são restritos, não é comum encontrar praticantes, na verdade o quantitativo de pessoas é pequeno para um município, apenas nove praticantes. Mesmo sendo trabalhoso foi possível relatar um pouco dessa prática religiosa no município a partir do relato do senhor R. S. (2022) homem, negro, com 60 anos de idade e atualmente aposentado.

R. S. (2022) relata que a principal líder da umbanda em São Fidélis é sua esposa a senhora Zilda Mota que liderou o Terreiro Pai Joaquim por trinta anos na cidade. Atualmente dona Zilda Mota está acamada e impossibilitada de continuar suas celebrações quinzenais.

R. S. (2022) ressalta que veio de Itaocara e sua esposa de Campos dos Goytacazes, ambos já tinham contato com a instituição, mas só começam a fazer os trabalhos quando se conhecem e se casam, segundo ele fizeram cabeça no próprio município de São Fidélis e a partir desse momento tiveram autorização para as celebrações.

O senhor R. S. (2022) destaca que eles praticaram nesse período de trinta anos ritos da umbanda, segundo ele de linha branca “totalmente diferente do candomblé” (R. S., 2022) que faz sacrifícios de animais, algo errado segundo suas crenças.

O interlocutor (2022) descreve suas práticas, dizendo que ele e sua esposa se detinham a rezas para cura de doenças, rezas proteção de animais (gado) e para proteção de lavouras. Anualmente os membros do terreiro preparavam as festas de Nossa Senhora Aparecida, Folia de Reis e a festa de São Cosme e Damião (com distribuição de doces e bolos).

As celebrações eram quinzenais sempre as segundas-feiras das dezenove até as vinte duas horas, relata R. S. (2022), que destaca ainda a rigidez do horário por causa da boa convivência com os vizinhos próximos. As reuniões tinham dez membros fixos somado a visitantes e simpatizantes que se aproximavam nas segundas.

Quando perguntado sobre outros terreiros na cidade o senhor R. S. (2022) apontou um outro que se encontra inativo e disse que não lembra de nenhuma outra prática de umbanda em São Fidélis. R. S. (2022) apesar de apto para assumir as práticas da umbanda no Terreiro Pai Joaquim diz que não vai assumir esse compromisso, mas que vai cuidar da dona Zilda Mota antiga responsável, essa é sua atual responsabilidade.

Se pode observar semelhanças da umbanda que chega ao estado do Rio de Janeiro nos anos de 1920 com as práticas efetuadas por dona Z. e senhor R. S. No sincretismo das práticas em algumas falas aproximadas ao cristianismo, além do universalismo das participações das celebrações.

### 3.5 IGREJA PENTECOSTAL

Para Freston (1993) as igrejas pentecostais podem ser classificadas em 3 momentos históricos chamados de ondas. A primeira onda é marcada pela Assembleia de Deus e pela Congregação Cristã no ano de 1910 e pela Assembleia

de Deus em 1911. A segunda onda acontece nas décadas de 50 e 60, caracterizada pela participação de 3 grandes grupos religiosos, a Quadrangular em 1951, Brasil para Cristo em 1955 e Deus é amor em 1962 destaca Freston (1993).

A terceira onda, segundo Freston (1993) começa nos anos 70, mas tem notoriedade a partir da década de 1980 e tem como principais instituições a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 e a Igreja internacional da Graça de Deus em 1980. As igrejas citadas estão relacionadas ao contexto basicamente da cidade do Rio de Janeiro ressalta Freston (1993).

A Assembleia de Deus no Brasil ao que relata Freston (1993), está ligada aos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Que vieram para o Brasil após se conhecerem nos EUA e se unirem no propósito missionário. Freston (1993) acrescenta que os missionários vieram para o estado do Pará por causa de uma profecia que receberam.

Os missionários vieram para o Brasil sem perspectiva financeira destaca Freston (1993), eles receberam ajudas esporádicas de amigos do exterior e Berg chegou a trabalhar como fundidor para sustentar ele e ao colega de missão por não terem vínculo direto com alguma igreja que os mantivessem, destaca Freston (1993)

Freston (1993) escreve que Vingren e Berg formaram, junto com dezenove fiéis, a igreja Missão de Fé Apostólica, quando algumas pessoas, da igreja batista onde congregavam, discordaram de sua postura e doutrina pentecostal. O nome Assembleia de Deus foi adotado no ano de 1917.

Para Freston (1993) os primeiros quinze anos de organização da Assembleia de Deus no Brasil estão vinculados a regiões norte e nordeste. Na década de 1920 a Assembleia de Deus expande para as regiões sudeste e sul e, na década de 30 estava presente em 20 estados brasileiros aponta Freston (1993).

O ano de 1930 marcou a autonomia da igreja com relação à Missão Sueca e a transferência efetiva da sede da denominação, de Belém para o Rio de Janeiro. A nacionalização da obra, portanto, é acompanhada pela capital federal. Todos os templos que pertenciam a missão foram entregues às igrejas brasileiras. Esse ato de desprendimento parece ter tido muito a ver com a presença no Brasil do próprio Lewi Pethrus. Este, encarnando o *ethos* congregacional do pentecostalismo sueco, não aprovava a organização eclesiástica centralizada que o autoritarismo missionário estava criando. Ao mesmo tempo, entre os próprios líderes brasileiros a tendência autoritária se evidenciava. (FRESTON, 1993, p. 71)

O trecho acima trata da separação entre a Assembleia de Deus brasileira e a Missão Sueca e, a mudança da sede nacional que era no Norte para o Rio de Janeiro no Sudeste. A partir desse momento aponta Freston (1993) o Brasil passa a receber missionários americanos que, por sua vez, não foram bem aceitos pelos suecos que admitiam somente o modelo empregado por Pethrus.

O sistema organizacional das Assembleias de Deus é “oligárquico e caudilhesco”, é um emaranhado de igrejas (congregações) ligadas a uma igreja central (sede) onde o “pastor-presidente” representa um bispo (FRESTON, 1993, p. 72). “Tradicionalmente, um homem chega ser pastor vencendo uma série de estágios de aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor (FRESTON, 1993, p. 73).

Segundo Freston (1993) a Assembleia de Deus tem uma cisão significativa, quando a convenção geral desligou Madureira, acusando a ramificação e seu falecido pastor Paulo Macalão de “invasão de campo” e de não respeitarem normas designadas por ela. A convenção geral a partir desse momento deixou de representar mais de um terço da Assembleia.

Em São Fidélis a Assembleia de Deus Madureira chega no final da década de 1930. Para construção desse relato foi recebida a contribuição de D. P. (2022), que é obreiro e professor de estudos bíblicos na Assembleia de Deus em São Fidélis, pois não se encontrou documentação precisa sobre essa parte da história.

Segundo D. P. (2022) os primeiros passos da ADM em São Fidélis foram num local chamado “curva da folha” na localidade do Rio do Colégio. Naquele período a igreja era ainda ligada a Campos dos Goytacazes, as lideranças eram vindas da cidade vizinha para as celebrações, ressalta D. P. (2022).

D. P. (2022) relata que somente em 1939 houve, de fato, uma emancipação por parte da igreja fidelense, quando a igreja vem para uma parte central do município. Em um local chamado Careca dentro do bairro Barão de Macaúbas na casa de uma família se inicia os primeiros passos independentes na direção do pastor Nelson.

Posteriormente, ressalta D. P. (2022) que o pastor Nelson conseguiu o terreno onde se encontra o templo principal, a doação foi feita pelo então prefeito Sebastião de Almeida e Silva (Sossó), destaca D. P. (2022). O pastor Nelson iniciou a obra de construção do templo, mas quem a concretizou foi o pastor Erodice que foi o pastor presidente seguinte.

As igrejas pentecostais de São Fidélis têm representação nas “três ondas do pentecostalismo” (FRESTON, 1993). A Igreja Pentecostal Casa de Deus é um exemplo disso pois, sua formação vem da Igreja do Evangelho Quadrangular que, segundo Freston (1993) é uma “igreja pentecostal de segunda onda” (p.82).

A princípio se torna importante apontar os caminhos feitos pela IEQ dos Estados Unidos até sua chegada no Brasil findando com sua vinda até São Fidélis, para a seguir destacar a formação da IPCD a partir desta. O passo seguinte é falar da formação da IPCD e como chegou até Chatuba, se tornando mais pujante na cidade do que a própria IEQ.

A International Church of the Four-Square Gospel nasceu numa Los Angeles que era a Meca de grupos religiosos exóticos e da crescente indústria do entretenimento. A fundadora, Aimee Semple Mcpherson, apresentou o pentecostalismo numa roupagem adequada a essa mistura do que havia de mais moderno e bizarro nos anos 20. É a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher (FRESTON, 1993, p. 82).

O trecho acima ressalta o contexto em que acontece a formação da IEQ nos Estados Unidos. A centralidade de uma figura feminina emblemática para sua época, a igreja Quadrangular tem Aimee Mcpherson como figura principal de um movimento moderno no que se refere a religião nos EUA nos anos 20.

Freston (1993) ressalta que Aimee Mcpherson, nascida no Canadá de uma família metodista teve contato com a experiência pentecostal ainda jovem, aos 17 anos, e se casou com um pregador da época. Em uma viagem missionária na China ela perde o marido e se casa novamente.

Mcpherson se separa do segundo marido para seguir com o projeto de ser pregadora. Freston (1993) ainda relata que Mcpherson conseguiu uma tenda de lona pegou um carro e percorreu os Estados Unidos pregando em auditórios lotados com suas famosas sessões de cura divina (pregação que marcam as igrejas pentecostais de segunda onda).

A fundadora da Quadrangular Aimee não era o tipo de mulher que se adequava aos padrões das mulheres pentecostais da época, talvez por isso, a igreja Quadrangular seja a igreja que menos cobra posturas e costumes da parte feminina dentre seus fiéis. A four-square inovou no que se refere às mídias, visto que, tinha programas nas rádios em 1922 e passou a ter sua própria emissora de tv em 1924 aponta Freston (1993).

A IEQ chega ao Brasil anos após a morte de Mcpherson, relata Freston (1993). O missionário responsável por trazer essa tradição pentecostal ao Brasil foi Harold Williams que, funda uma igreja na cidade de São João da Boa Vista em São Paulo no ano de 1951.

A IEQ (não com este nome) se torna mais visível no cenário nacional no ano de 1953, quando Harold convida um amigo, acostumado a pregar nas tendas de lona nos Estados Unidos, para uma campanha. “O evangelista é outro ex-cowboy de cinema que veste camisa xadrez e toca guitarra elétrica” (FRESTON, 1993, p.83). Mesmo com o descontentamento de algumas igrejas históricas a campanha teve êxito e participação de pastores de denominações diversas.

Segundo Freston (1993) Harold pretendia implantar o método americano de cultos itinerantes com tendas de lona. Harold então fundou a “Cruzada Nacional da Evangelização”, a cruzada que era para ter vários pastores não teve sucesso por causa da divergência de liturgia.

A Igreja da Cruzada então foi fundada em 1954 no lugar do trabalho itinerante, aborda Freston (1993). No ano de 1955 assume a estrutura de Igreja do Evangelho Quadrangular vinculada a Four-Square dos Estados Unidos que nomeou o pastor presidente. Freston (1993) ressalta que a maior parte dessa liderança é vinda da igreja Metodista.

No Brasil a IEQ alcança seu reconhecimento na década de 80 quando demonstram uma “novidade metodológica” na comunicação, nos locais de celebração e até mesmo na forma mais moderna e urbana de se vestir relata Freston (1993, p. 84). O avanço da IEQ acaba dando o suporte suficiente para ela se separasse da igreja mãe em 1988.

Para Freston (1993) a IEQ tem no início da década de 90 mais de 3000 igrejas e 4000 congregações e o quantitativo considerável 10000 pastores. Uma característica marcante da Igreja Quadrangular na época era que 35 por cento dos pastores era feminino, para o autor (1993) isso se deve ao fato de uma figura feminina ter fundado a igreja americana.

Dentre os 3000 templos da IEQ espalhados pelo Brasil no princípio da década de 1990, se pode destacar o templo de São Fidélis que foi fundado pelo pastor e missionário Alfredo Bueno no final da década de 1980 segundo relata, o pastor e amigo do missionário, W. F. (2022).

Segundo relata W. F. (2022) o missionário Alfredo Bueno veio para São Fidélis em meados dos anos 80 vindo de Santo Antônio de Pádua (RJ). O missionário Alfredo Bueno fez a formação de “estudo bíblico seguido por oito anos de aprendizado prático” exigidos aos ministros e, veio para o campo escolhido por ele mesmo (FREESTON, 1993, p. 84).

A IEQ, segundo destaca W. F. (2022), não contribui com nenhum auxílio fixo ao então missionário Alfredo. O natural naquele momento era que ele recebesse o dinheiro dos dízimos de membros que ele agregasse a igreja que se formaria. W. F. relata que nesse primeiro momento o missionário passa dificuldades, tendo inclusive que dormir de favor em uma borracharia.

No princípio da década de 1990 a IEQ de São Fidélis está consolidada e com templo fixo. Os cultos de cura e libertação são marcantes para a cidade destaca W. F. (2022). O número de pessoas participantes das celebrações de cura divina é considerável destaca o entrevistado (2022).

No período de crescimento da IEQ em São Fidélis um casal chega à cidade vindos do Rio de Janeiro. Se trata de José Carlos Coutinho e sua esposa Maria Canedo, eles eram participantes da IURD e agora, fazem parte do corpo de obreiros da IEQ. O fato a ser ressaltado é que aconteceram divergências entre José C. Coutinho e o então pastor Alfredo. Dentre as divergências estavam questões financeiras da igreja (cobrança exacerbada de dinheiro) e questões relacionadas ao tipo de roupa que os membros da igreja deveriam vestir.

O casal não se entendeu com o pastor. No ano de 1992 os obreiros da IEQ fazem uma jornada de oração no monte, na Serra do Sapateiro, no interior de São Fidélis. Nesse dia o obreiro José C. Coutinho recebe uma mensagem vinda do próprio Deus: “a mensagem aponta que o então obreiro se tornaria pastor de uma nova denominação” afirma W. F. (2022).

Ao receber essa mensagem José C. Coutinho se desliga imediatamente da IEQ e começa os cultos na sua própria casa (onde já era ponto de pregação da IEQ). No dia 24 de setembro de 1994 se reúnem cinco fiéis e inauguram a IPCD (Igreja Pentecostal Casa de Deus). Os presentes eram, “o agora Pastor Coutinho, sua esposa diaconisa Maria Canedo, Ana Canedo, Maria Antônia e Luiza (tesoureira)” relata W. F. (2022).

A IPCD com o passar do tempo se torna uma denominação mais pujante que a IEQ (1 templo) no território fidelense com 5 templos espalhados pelo município: Na Ipuca segundo distrito (sede), Chatuba (segundo templo), Vila dos Coroados (terceiro templo), Angelim no quarto distrito (quarto templo) e a Tenda (quinto templo) localizado na Nova Divinéia área periférica do segundo distrito.

Como mencionado anteriormente a IPCD tem um templo na Chatuba, ou seja, existe uma formação continuada entre as igrejas centrais em São Fidélis que se dispersam em direção as franjas da cidade. É o caso da Assembleia de Deus Madureira, A própria Casa de Deus e a Igreja Batista Monte das Oliveira que são resultado das relações centro-periferia em um sentido de celebrações religiosas.

Além da IPCD se pode apontar outras igrejas na Chatuba, mas no primeiro momento se torna importante apontar as questões atuais do bairro mais de trinta anos após seu processo de fundação descrito no capítulo primeiro. Em seguida descrever as instituições presentes na Chatuba para posteriormente detalhar as ações sociais de três comunidades em específico.

### 3.6 A CHATUBA HOJE

No primeiro capítulo, sobre as favelas foi apontada a formação histórica do bairro/favela da Chatuba, bem como os processos atrelados a esse processo formativo. Nesse momento é importante, antes de dar notoriedade às ações sociais das instituições religiosas, fundamentar o contexto atual da Chatuba.

A Chatuba que em seu processo formativo tem a relação com o governo municipal que fez a concessão dos terrenos e lotes, divididos igualmente, para a construção das casas, o governo federal com doação de material e supervisão da obra e o mutirão formado por moradores (vindos em sua maioria da zona rural) e familiares.

Posterior a esse início se tem um crescimento desordenado que nos traz para o tempo atual e que mostra a Chatuba nas franjas de São Fidélis como um bairro abandonado pelo poder público. A Favela da Chatuba, atualmente já formada, possui o perfil um processo de doação de terras por parte da prefeitura somado a construção por mutirão organizado pelas famílias.

Depois do período de construção da Chatuba, a partir de mutirão com mão-de-obra dos próprios moradores e familiares, as ruas receberam nomes referentes a sentimentos e à unidade dos moradores. Os nomes que exemplificam o que foi dito

são: Rua das Amizades, Rua da Esperança, Rua da União, Rua da Cooperação, Rua da Solidariedade entre outras ruas com nomes emblemáticos.

Figura 9 - Chatuba (foto aérea)

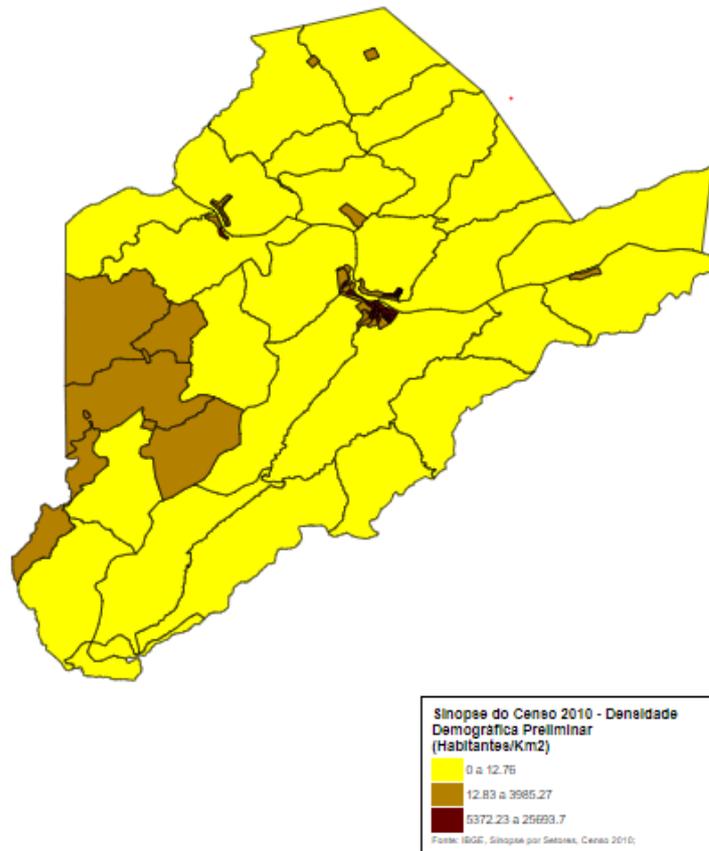


Fonte: Youtube

Segundo Mateus (2022) funcionário da Prefeitura Municipal de São Fidélis e, um dos responsáveis pelo setor de IPTU da cidade supracitada, a Favela da Chatuba tem 310 (trezentos e dez) domicílios cadastrados, considerando o último recadastramento datado no ano de 2001. O quantitativo acima referido vai ser o norteador para moradias no bairro, visto que, o site do IBGE (2017) não destaca valores específicos de moradias na Chatuba.

A Chatuba ocupa dois índices importantes no IBGE no que se refere ao território fidelense. O primeiro índice se relaciona ao fato de ser um bairro adensado no tocante a população, ou seja, tem um dos índices de densidade demográfica mais altas da cidade de São Fidélis, como destaca a imagem abaixo. Maricato (2001) aborda que apesar de ser algo difícil de mensurar, até mesmo para o IBGE, o crescimento das favelas é algo alarmante e significativo. Logo o adensamento populacional da Chatuba entra na esteira de crescimento acelerado das favelas brasileiras.

Figura 10 - Densidade demográfica de São Fidélis - Chatuba no centro do mapa



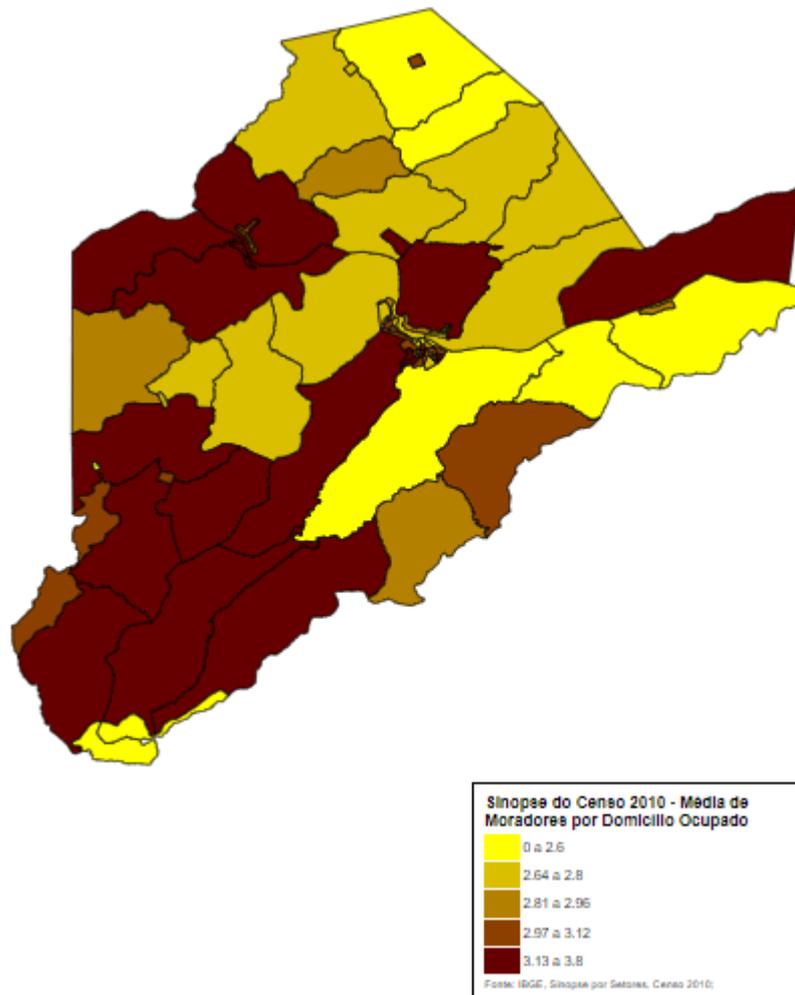
Fonte: IBGE

A Chatuba na imagem acima está na parte escura ao centro do mapa nas proximidades do centro da cidade, como já foi mencionado anteriormente. As áreas mais escuras são as partes do território com o maior quantitativo de pessoas por quilômetro quadrado. O problema que se pode mencionar com um percentual alto de pessoas é que a qualidade das moradias não atende as necessidades básicas dos moradores, sobre o assunto Carvalho (2008) acrescenta que:

As políticas públicas inadequadas de oferta de habitação para as populações de baixa renda, por décadas, contribuíram para o déficit habitacional no Brasil e incentivaram o descontrole do crescimento informal das grandes cidades brasileiras, que apresentam graves problemas de moradia e grande concentração de pobreza. Estima-se que quase metade da cidade do Rio de Janeiro seja formada por assentamentos informais, que configuram-se como locais carentes de infra-estrutura urbana, muitas vezes sujeitos a situações de risco, com irregularidade fundiária, urbanística e edilícia, precariedade habitacional, e que concentram os piores índices de desenvolvimento humano (CARVALHO, 2008, p.1)

Outro índice importante é o quantitativo médio de pessoas morando na mesma residência. A Chatuba se encontra na parte do território com maiores quantitativos de pessoas morando num mesmo imóvel aponta o IBGE (2010). A Chatuba tem uma média de 3,13 a 3,80 pessoas por moradia, observe a imagem abaixo.

Figura 11 - Média de moradores por domicílios



Fonte: IBGE

O bairro além de suas ruas, becos e casas tem uma creche, um posto da Polícia Militar (DPO), uma quadra poliesportiva de uso comunitário. A Chatuba tem uma linha de ônibus (Expresso Fidelense) que liga o bairro ao centro da cidade, segundo K. (2022) esse ônibus passa a cada uma hora, além de um posto para alguns atendimentos médicos.

Figura 12 - Ônibus que liga a Chatuba ao Centro



Fonte: Acervo Pessoal

Diante do que foi exposto, o que difere a Chatuba dos demais bairros fidelenses, exceto da Usina, é seu crescimento urbano desorganizado, seus becos e vielas, as escadarias e sua população majoritariamente de pessoas carentes. Apesar das casas serem feitas de alvenaria não existe uma lógica de construção das mesmas e, não tem um plano urbanístico para o bairro/favela, diferente do centro da cidade e dos bairros nobres, que por sua vez possuem um projeto bem definido e estruturado.

A Chatuba não recebe um tratamento adequado por parte do poder público em diversas áreas, na distribuição de água, por exemplo, como narra um morador: “Tive que fazer a cisterna, porque é o seguinte, eles são de veneta tiveram vezes que a bomba dava defeito que eles demoravam.” (A., 2022).

Figura 13 - Escadaria da Chatuba: traços rurais e visão do centro de São Fidélis



Fonte: Acervo Pessoal

A fotografia acima mostra a proximidade da Chatuba com o centro de São Fidélis, mesmo assim, não diminui a exclusão que esse bairro sofre no que se refere a políticas públicas, o senhor B., homem, negro, 68 anos, morador local, relatou sobre isso: “Atualmente eles vêm aí capinaram, mas fazer alguma coisa aqui pelo bairro não” (A., 2022). Na caminhada pelo bairro é possível perceber problemas com coleta de lixo e até mesmo na distribuição de água, a foto abaixo deixa nítido esses problemas: “Atrás da creche mesmo tá horrível, se você passar ali você vai ver que a coisa tá feia ali. Já era pra toda semana eles tirarem o lixo tem muita gente que mora aqui” (A., 2022).

Figura 14 - Lixeira na Chatuba: Ausência de coleta do lixo



Fonte: Acervo Pessoal

A coleta de lixo é um problema constante na Chatuba, os moradores também destacam o esgoto a céu aberto e os postes de iluminação pública quebrados (V. e M., 2021). O senhor V.<sup>3</sup>, negro e de aproximadamente setenta anos de idade, também afirmou: “filho, isso é assim mesmo, isso tá aí tem um tempão. Eles não tiram não!” (V., 2021), falando sobre o lixo e o esgoto a céu aberto.

A moradora M., mulher, negra de aproximadamente cinquenta anos, curiosa com a pesquisa, aproximou-se e disse: “você é do jornal? Vai lá na minha rua vê lá os postes de lá nenhum tá funcionando! É lá nas casinhas!” (M., 2021). Outra moradora seguiu afirmando: “De vez enquanto a gente fica sem água aqui em cima.” (K., 2021).

---

<sup>3</sup> Nome fictício dado ao morador que estava de passagem no local.

Diante das reclamações foi necessário fotografar um esgoto que está aberto há aproximadamente um ano.

Figura 15 - Esgoto a céu aberto na Chatuba



Fonte: Acervo Pessoal

A Chatuba não tem uma associação de moradores para tratar desses assuntos relacionados a políticas públicas e fazer reivindicações ao prefeito e aos vereadores. O local que sediava a associação, que segundo Fi. (2022) fora doado também pela prefeitura, encontra-se abandonada e os moradores não têm se reunido há algum tempo.

Figura 16 - Antiga associação de moradores



Fonte: Acervo Pessoal

A ausência de participação popular é um agravante no que se refere a invisibilidade de suas reclamações junto ao poder público municipal (OLIVEIRA, PEDLOWSKI, 2012). A Chatuba sofre atualmente com a ausência de organização e isso se reflete na ausência do poder público fidelense nas demandas do bairro.

A antiga sede da associação de moradores na Chatuba, teve o terreno doado em 1996, segundo Fi. (2022): “para tratar desses assuntos relacionados a políticas públicas e fazer reivindicações ao prefeito e aos vereadores”, mas a casa que sediava a associação “encontra-se abandonada os moradores não têm se reunido recentemente” afirma o senhor Fi. (2022) ex-presidente da associação. Outro dado importante que aponta a segregação sobre o território da Chatuba é a presença do tráfico através da facção T.C.P. (Terceiro Comando Puro). Esse elemento é aferido no território com pichações e avisos pelos muros das ruas e dos becos em todo o bairro (VITAL, 2015).

Mesmo com um DPO (Departamento Policial) no bairro, os moradores mencionam locais de venda de entorpecentes, e que “ainda se pode perceber movimentações de pessoas envolvidas no tráfico e com o consumo de entorpecentes” (A., 2022). Por exemplo, em uma das idas para Chatuba, um homem de aproximadamente trinta anos, negro aparentemente alcoolizado estava dizendo “estou com flagrante no bolso” - uma referência ao estar portando entorpecentes.

As vias de circulação da Chatuba têm as principais ruas asfaltadas embora estejam com sérios desgastes devido ao tempo e às intempéries, como por exemplo 23 buracos ao longo da principal via de acesso sem contar as rachaduras que são menores, mas serão problemas futuros para o asfalto.

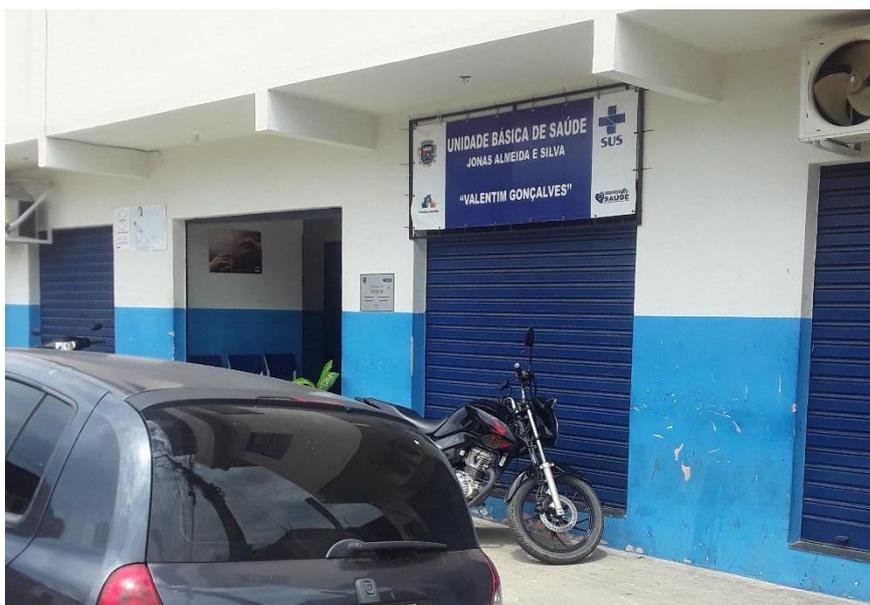
Figura 17 - Buraco na principal via da Chatuba



Fonte: Acervo Pessoal

A Chatuba conta com uma unidade básica de saúde “Valentim Gonçalves”, para atendimento da comunidade com consultas de médicos pediatras, campanhas de vacinação, consultas de clínicos gerais e médicos ginecologistas. Atendimento mais complexos são feitos na clínica da família no bairro São Vicente ou no hospital Armando Vidal no centro da cidade.

Figura 18 - Unidade Básica de Saúde Valentim Gonçalves



Fonte: Acervo Pessoal

Atualmente, o bairro conta com rede de esgoto, abastecimento de água (precário) e energia elétrica. Além disso, o local também dispõe de uma quadra poliesportiva, onde acontecem os eventos de grande porte (de igrejas, projetos sociais, campanhas políticas etc.), além de ser o principal local para recreação dos filhos dos moradores na ausência de ambientes de recreação (praças e parquinhos).

O fornecimento de água em São Fidélis passa por reformas destaca o Pastor A.<sup>4</sup> (2022). Segundo ele o fornecimento de água e tratamento de esgotos da cidade, e conseqüentemente da Chatuba, não é mais responsabilidade da CEDAE (empresa com economia mista), mas sim da empresa Rio + Saneamento do Grupo Águas do Brasil (capital privado). Para A. (2022) isso afeta diretamente aos residentes da

---

<sup>4</sup> Homem negro de aproximadamente 46 anos, criado na cidade de Magé onde teve uma visão espiritual e, desde então se tornou um sacerdote. No primeiro momento como ministro de música e posteriormente fundando a igreja Vida na Vida da qual se tornou o pastor principal.

Chatuba, uma vez que eles não pagavam por esses serviços. “A mudança obriga os moradores lá de ‘cima’ a pagar a partir de agora pelo uso da água” (A., 2022).

A Chatuba estruturalmente tem quatro entradas ou saídas: a escadaria (passagem de pedestres), a subida principal a partir da RJ 158, a subida interna pelo bairro São Vicente de Paulo (acesso para pedestres, ciclistas e motociclistas) e a Subida pela parte “traseira” do bairro que chega nos novos loteamentos, onde fica a Igreja Evangélica Vida na Vida.

Figura 19 - Quadra poliesportiva na Chatuba



Fonte: Acervo Pessoal

Diante do que foi exposto, o que difere a Chatuba dos demais bairros fidelenses, exceto da Usina, é seu crescimento urbano desorganizado, seus becos e vielas, as escadarias e sua população majoritariamente de pessoas carentes. Apesar das casas serem feitas de alvenaria não existe uma lógica de construção das mesmas e, não tem um plano urbanístico para o bairro/favela, diferente do centro da cidade e dos bairros nobres, que por sua vez possuem um projeto bem definido e estruturado.

Os fatos apresentados fortalecem a contribuição de Milton Santos (1993), que destaca que a cidade brasileira tende, fortemente, a exercer uma “força centrífuga” lançando os problemas de caráter urbano para as franjas da cidade e, conseqüentemente as periferias são afetadas.

Para Carvalho (2008) as favelas do Rio de Janeiro apresentam problemas que comprometem o meio ambiente e ainda dificulta a qualidade de vida dos moradores, tornando as referidas comunidades locais insalubres e, acrescenta que esses problemas não estão sendo tratados pelo governo. Na Chatuba não é diferente apesar de iniciar em plano urbanístico pontual no presente carece de políticas públicas, nesse contexto as instituições religiosas cobrem lacunas deixadas pelo Estado.

Entretanto, um dado que torna a Chatuba semelhante aos outros bairros da cidade é a forte presença da religião, manifesta através de templos e celebrações. A Chatuba tem em seu território igrejas pentecostais diversas, uma igreja batista tradicional, uma igreja católica e uma história recente de jongos e cultos de matriz africana (ainda em investigação) esses grupos serão destacados no decorrer da pesquisa. Além desses grupos religiosos vale citar os traficantes que também citam frases relacionadas a divindade nos muros da Chatuba demonstrando também relação, de alguma forma, com a fé.

### 3.7 AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA CHATUBA

Na Chatuba, como mencionado anteriormente, pode ser percebido a presença de instituições religiosas que são parte da história do bairro e também são personagens importantes na “organização social” como Weber (1983, p.65) escreve delas, também na Chatuba. A partir do contato com esses grupos religiosos, o trabalho será construído e possibilitará compreender como esses grupos reagiram à pandemia do Covid-19 no bairro da Chatuba.

Portanto, pode-se esboçar as seguintes comunidades religiosas na Chatuba que vão desde comunidades pentecostais, protestantes tradicionais e uma capela católica. Assim:

Tabela 2 - Instituições Religiosas da Chatuba

<b>Instituição Religiosa</b>	<b>Líder/sacerdote</b>	<b>Tradição Religiosa</b>
Igreja de São Vicente	Padre M. Antônio	Católica
Capela de Nossa Senhora	Padre Marco Antônio	Católica
Igreja Batista Monte das Oliveiras	Pastor Adalto	Batista
Igreja Batista do Calvário	Pastora Marta	Pentecostal
Assembleia de Deus Madureira	Pastor S.	Pentecostal
Igreja Pentecostal União no poder de Deus	Pastor Marcos	Pentecostal
Igreja Pentecostal Casa de Deus	Pastor Samuel	Pentecostal
Igreja Pentecostal Trono da Glória de Deus	Pastor Marcelo	Pentecostal
Assembleia de Deus Nação Eleita	Pastora Rute/Pastor Marco	Pentecostal
Igreja Evangélica Vida Na Vida	Pastor A.	Pentecostal/missão integral
Igreja o Brasil Para Cristo	Pastor D.	Pentecostal

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

É possível notar a forte presença de instituições religiosas, que são parte da história do bairro, e que se tornaram importantes atores nas mobilizações, para suprir a falta de política social para os moradores da Chatuba. As igrejas evangélicas são nove no total e de maioria pentecostais, oito ao todo.

Além disso, existem mais duas igrejas relevantes para a Chatuba, uma na sua divisa com o São Vicente, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo – ela que demarca o início da subida da Chatuba (Figura 19). A OBPC se encontra na Rua Alziro Novaes nº41, essa é a principal via de acesso ao bairro e, onde se encontram boa parte das instituições religiosas. A outra instituição é a Igreja Católica (capela de São Vicente),

que ajudou no desenvolvimento do bairro desde o início, embora não esteja nas dependências do bairro.

Figura 20 - Templo da Igreja O Brasil para Cristo



Fonte: Acervo Pessoal

A Igreja Batista Monte das Oliveiras (figura 20), por sua vez, já se encontra dentro das dependências da Chatuba, desde março de 1992, na Rua Alziro Novaes s/nº ao lado da casa numerada de 358. A IBAMON, como é conhecida demarca a segunda parte da subida da Chatuba e, também é a única igreja batista do bairro, isto é, é uma igreja protestante de missão na região. Em seguida, a Igreja Batista do Calvário que, apesar do nome, é uma igreja pentecostal, ou melhor, do pentecostalismo autônomo. A Igreja Batista do Calvário está localizada na Rua Alziro Novaes s/nº, algumas casas após a IBAMON, próxima à casa de nº 400.

Figura 21 - Templo da Igreja Batista Monte das Oliveiras



Fonte: Acervo Pessoal

A Chatuba em seu território também tem uma congregação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério de Madureira (figura 21), que nasceu do desdobramento da igreja Assembleia de Deus mais tradicional do país, no Belém do Pará. ADM na Chatuba se encontra também na Rua Alziro Novaes s/n° algumas casas após a IBC, próxima à casa número 504.

Figura 22 - Templo da Assembleia de Deus ministério de Madureira



Fonte: Acervo Pessoal

Além dessa congregação existem outras Assembleias de Deus de pequeno porte, que são igrejas pentecostais, mas que também são importantes para entender como são as celebrações na Chatuba, visto que, essas pequenas igrejas são fundadas por moradores, pessoas que conhecem melhor o dia a dia na Chatuba.

Dentre essas igrejas Pentecostais fundadas na própria Chatuba lideradas por figuras da própria comunidade se pode destacar a Igreja Pentecostal Unção no poder de Deus que está presente na Rua Alziro Novaes s/n°, algumas casas após a ADM, próxima da casa número 510. A instituição, liderada pelo pastor Marcos, está localizada próxima da terceira (e última) subida do bairro em uma curva acentuada e perigosa.

A Igreja Pentecostal Trono da Glória de Deus é também uma instituição pentecostal autônoma na Chatuba, porém não está localizada na principal via do bairro, sua localização é a Rua da Esperança s/n° próxima a quadra poliesportiva do bairro. A instituição é fundada no próprio bairro e é liderada pelo pastor Marcelo. A Assembleia de Deus Nação Eleita da mesma maneira está em uma via adjacente do bairro, a Rua Joel Albino. A instituição liderada pela pastora Rute e pelo pastor Marco e marcada por estar em um local marcado pela forte presença do tráfico.

A igreja seguinte é a IPCD (Casa de Deus), que se encontra após a curva acentuada citada anteriormente, a congregação, liderada pelo pastor Samuel, está localizada ao longo da última subida, na Rua Alziro Novaes n° 688. A história da IPCD, que tem cinco templos em São Fidélis, se conecta com a IEQ (Igreja do Evangelho Quadrangular) que é uma igreja da segunda onda do movimento pentecostal no Brasil (FREESTON, 1993).

A IEVV (Igreja Evangélica Vida na Vida) e a IPCD (Igreja Pentecostal Casa de Deus) são outras igrejas pentecostais autônomas (não pertencem a nenhuma convenção) presentes na Chatuba e também possuem grande influência no bairro. A IEVV (figura 22) é uma igreja importante no trabalho social com os moradores e está localizada no loteamento novo da Chatuba, ainda não há referência de rua e numeração no templo, como mostra a imagem abaixo:

Figura 23 - Templo da Igreja Evangélica Vida na Vida no novo loteamento



Fonte: Acervo Pessoal

A IEVV é uma igreja pentecostal autônoma importante na Chatuba, fundada, inicialmente, em outro bairro (Penha) e que, atualmente, está sediada na Chatuba. A igreja possui, aproximadamente, oitenta membros fixos entre moradores e pessoas de fora do bairro. A IEVV, segundo relato do seu pastor, atua com doação de alimentos, atendimento psicológico, visita a presídios (prestando atendimento a familiares dos presos) e até mesmo doação de água em momentos de falta de abastecimento por parte da CEDAE, situação recorrente no bairro. O pastor da IEVV fez até a solicitação de caminhão-pipa para atender os moradores, A. (2022).

As situações que devem ser observadas sobre esse tema são, em primeiro lugar o que o poder público municipal tem feito. E em segundo lugar é, a postura das inúmeras instituições religiosas em relação aos seus fiéis e suas celebrações durante a pandemia. É possível perceber que a Chatuba tem algumas contribuições a serem feitas no que se refere a políticas públicas e religião em tempos de pandemia. A seguir serão descritas contribuições das instituições religiosas nesse bairro.

Na Chatuba, como mencionado anteriormente, pode ser percebido a presença de instituições religiosas que são parte da história do bairro e também são personagens importantes na organização social (WEBER, 1983, p.65), também na Chatuba. Nesse sentido a ação social constituída a partir das igrejas ajuda na consolidação da paisagem da comunidade, demandando práticas sociais de assistência. Assim, a partir do contato com esses grupos religiosos, o trabalho será

construído e possibilitará compreender como esses grupos reagiram à pandemia do Covid-19 no bairro da Chatuba.

Portanto, pode-se indicar as seguintes comunidades religiosas na Chatuba que vão desde comunidades pentecostais de segunda e terceira onda, protestantes históricas e uma capela católica. Assim:

Figura 24 - Imagem de Satélite da Chatuba - Marcação das Igrejas



Fonte: Google Earth

A partir da imagem acima é possível notar a forte presença de instituições religiosas, que são parte da história do bairro, e que se tornaram importantes atores nas mobilizações, para suprir a falta de políticas públicas para os moradores da Chatuba, sobretudo, no momento da pandemia. Na Chatuba se percebe dez tradições religiosas, sendo, uma capela católica e nove igrejas evangélicas no total. Do total de igrejas a maioria são pentecostais, oito ao todo. Além disso, se pode citar a Igreja Católica capela de São Vicente, que não se encontra nas dependências da Chatuba, mas que ajudou no desenvolvimento do bairro desde o início.

A Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (OBPC) demarca o início da subida da Chatuba, sendo a igreja da entrada do bairro. A OBPC é classificada como igreja pentecostal de segunda onda por Paul Freston (1993). Inicia seus trabalhos em 1955 em São Paulo se destacando dentre muitas igrejas que surgem no mesmo período

(FRESTON, 1993, p. 66), segundo disse o pastor D.<sup>5</sup> (2021) a OBPC está na Chatuba a trinta e sete anos, desde a década de 1980.

A Igreja Batista Monte das Oliveiras, por sua vez, já se encontra dentro das dependências da Chatuba, há mais de trinta anos, e é a única “igreja protestante de missão” (PY, 2016) do bairro, isto é, é uma igreja protestante de missão na região. Em seguida, a Igreja Batista do Calvário que, apesar do nome, é uma igreja pentecostal, ou melhor, fruto de um “pentecostalismo autônomo” (BOECHAT, DUTRA Jr, PY, 2018), isto é, sem vinculação com as igrejas pentecostais históricas.

A Chatuba, embora a capela de São Vicente faça parte da história, tem sua própria capela para celebração das missas. F. (2022) relata sobre a fundação desse templo importante para o bairro. Com o início das construções das casas no bairro e, mudança das primeiras famílias o padre Luís Carlos pede ao próprio F. (2022) que vá até a prefeitura e peça uma parte de terreno para construção da capela.

F. (2022), como representante da associação de moradores do recém-formado bairro Jonas de Almeida e Silva (posterior Favela da Chatuba), faz a documentação e segue até a prefeitura para pedir a liberação do terreno próximo a sua residência. O senhor F. foi o pedreiro da capela, pois ele já trabalhava com isso, “nesse bairro aqui em cima eu coloquei o primeiro e o último tijolo” (F., 2022). A capela de Nossa Senhora liderada pelo pároco principal da cidade, padre Marco Antônio, foi construída em anexo a uma pequena praça.

As obras da capela foram concluídas no início do ano de 1993. Posteriormente o senhor F. (2022) liderou a construção do salão em anexo com a capela, ressalta o mesmo. O término da construção do salão foi no ano de 1996 aponta F. (2022). Hoje a capela recebe missas todas as quartas-feiras as dezenove horas, com participação dos moradores fieis a fé católica romana. A capela de Nossa Senhora não é a primeira instituição religiosa do bairro, mas aponta para o intento católico de participar sempre das incursões territoriais no Brasil, como aponta Vasconcelos (2015).

---

<sup>5</sup> Homem negro de 40 anos vindo da cidade de Barra do Piraí, juntamente com sua esposa e dois filhos, para ser o líder da OBPC em São Fidélis em julho de 2019. Ao chegar na cidade seus planos iniciais foram interrompidos pela pandemia de corona vírus.

Figura 25 - Capela de Nossa Senhora Aparecida (Chatuba)



Fonte: Acervo Pessoal

Assim, após as descrições das principais comunidades religiosas, no próximo tópico se passará as descrições das atividades que envolvem diretamente ações sociais na direção das políticas públicas na comunidade de Chatuba, tendo em vista “os anos de encolhimento das políticas sociais no território” (BEHRING, 2003, p.55). Portanto, durante o período da pandemia foi possível perceber que na Chatuba tem algumas “ações sociais que ajudam na organização da região” (WEBER, 1983, p.45), que nesse caso, as instituições religiosas presentes na região são ligadas a agenda das expressões religiosas, diante do declínio da associação de moradores.

#### **4 CAPÍTULO 3: OS TIPOS DE AÇÕES SOCIAIS DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA PANDEMIA**

Ao longo do texto preocupado com as ações sociais das comunidades de fé na Chatuba, se descreveu a origem e organização de São Fidelis, da Chatuba, e por fim, das comunidades religiosas na cidade e no bairro periférico. Agora, passaremos a descrição dos tipos ideais das ações sociais na Chatuba. São, precisamente, três tipos: as ações populares, as ações institucionais e as ações mistas que têm como objetivo representar objetivamente como acontecem as ações sociais na favela fidelense com enfoque nas motivações dos líderes. A base dessas tipologias se encontra no pensamento weberiano de um aporte direcional da pesquisa empírica que se fundamenta na capacidade das ciências sociais de classificar elementos nas investigações que fazem. No presente capítulo serão apontadas as ações sociais que os líderes (pastores) das principais comunidades pentecostais desenvolveram na região pela falta de atuação do estado no fornecimento das políticas públicas – algo típico das periferias brasileiras.

Na pesquisa de campo e na observação dos entrevistados foi possível elencar três “tipos ideais” de ações sociais e cada liderança exerce de maneira distinta essas as ações por isso a importância desse mapeamento. O pastor D. abre o debate com as ações mistas que, nesse contexto, acaba por remeter relação com a ação social popular e com a ação social institucional.

Em seguida o pastor A. tem em suas atitudes em prol da favela a tipologia de ação social popular e no decorrer do capítulo se fará a apresentação de apresentação de suas contribuições e ficará nítido como se dão as relações entre o líder e a comunidade. A relação estabelecida está diretamente conectada com o crescimento de oportunidades. Em seguida o pastor S. da ADM será o tipo ideal da ação social institucional tendo em vista as contribuições da ADM e o distanciamento, na prática, desse líder em relação a comunidade, ou seja, o impacto de ações de S. está relacionado com a instituição em que está integrado.

Nesse último tópico se indicará como algumas contribuições das instituições religiosas em termos de organização de ações sociais no período da pandemia do coronavírus (PY, SHIOTA e POSSMOZER, 2020) para suprir as carências de políticas públicas. No primeiro momento serão importantes as contribuições dos líderes

religiosos que com “carisma” (WEBER, 2004), conseguem dos fiéis, que os seguem, ajudas e contribuições para o bairro.

O carisma puro é especificamente alheio à economia. Constitui, onde existe, uma “vocação”, no sentido enfático da palavra: como “missão” ou “tarefa” íntima. Despreza e condena, no tipo puro, o aproveitamento econômico dos dons abençoados como fonte de renda – o que, no entanto, é mais um ideal do que uma realidade. (WEBER, 2004, p.160, 161)

O destaque acima dá capilaridade aos discursos dos líderes em suas comunidades de fé que, convida os fiéis para participar de uma missão, ou melhor, um convite a participar da sua jornada de fé, na qual eles (líderes) estão aptos para guiar a comunidade religiosa através de poderes concedidos divinamente. Weber (2004) descreve carisma como:

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos, ou então se a toma como pessoa enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’ (WEBER, 2004, p. 158, 159).

Nos relatos a seguir se pretende perceber a construção do elemento carismático que forma o “líder” e/ou pessoa “exemplar” no seio da comunidade de fé. A partir dessas falas se percebe como se deram a construção pessoal de cada um dos líderes religiosos e como a formação pessoal deles contribuiu para que eles ajudassem aos moradores da Chatuba.

O carisma se enquadra como um dos tipos ideais explicitados por Weber (2004), quando ele propõe, como um recurso técnico, a aproximação de uma pessoa real (e/ou histórica) a um tipo ideal construído unicamente de forma teórica. Nesse contexto o carisma está ligado aos “tipos de dominação” descritos por Weber (2004).

No momento o conceito de “carisma” é o que melhor se aplica para o que se pretende analisar. A saber as falas dos e contribuições dos pastores da Chatuba, visto que, a dominação carismática dá conta de revelar em qual ponto os líderes conseguem ações participantes de seus liderados.

No que relaciona a interpretação das entrevistas sobre as ações sociais das instituições religiosas se fará o exercício de classificar tais contribuições. O pensamento descritivo do presente texto permite a classificação das contribuições dos pastores. As ações sociais das comunidades de fé serão tipificadas para contemplar

as motivações por traz das ajudas dos líderes religiosos. As tipologias servirão como quadro classificatório para as ações sociais na favela, é importante salientar que essas tipologias só devem ser aplicadas às instituições religiosas.

As ações sociais aqui serão classificadas como Institucionais, Populares e/ou Mistas levadas pelas lideranças. A ação social institucional está relacionada às instituições religiosas que já possuem uma matriz de ajuda arrolada por uma estrutura pretérita. Na verdade, aqueles que chegam para a liderança têm que se adequar a estrutura e moldes preexistentes. Nesse caso as ajudas endereçadas ao público, sejam eles fiéis ou não, espera que se tenha um retorno, no sentido de fortalecimento de vínculo com a instituição. A ADM na figura do pastor S representa essa tipologia em momentos seguintes serão detalhadas as ações sociais institucionais dentro desse contexto.

As ações sociais populares são àquelas que acontecem quando o líder e/ou a instituição religiosa tem uma ligação afetiva com os ajudados como, por exemplo, os fiéis e os moradores da localidade onde está a comunidade. Nesse tipo de ação social a instituição religiosa não conta com uma estrutura financeira, mas conta diretamente com os fiéis mais próximos e, principalmente, existe um determinado entendimento social e viés político na ação. Nesse caso se pode perceber que existe uma relação da liderança com a prática social, além de apenas se relacionar com o interesse de um possível retorno por parte dos que foram ajudados. O pastor A da IEVV representa a tipologia de ação social definida aqui, em tópicos a seguir serão detalhadas as ações populares relacionadas à IEVV.

As ações sociais mistas, por sua vez, é a agremiação das duas anteriores, ou seja, existe uma estrutura preexistente de auxílio a comunidade local, considerando os que são e não são fiéis. Nesse modelo, porém os líderes locais têm também uma identificação com a comunidade local e tem a consciência do papel político que a instituição religiosa exerce e reforça uma ação mais conectada ao centro por dialogar com as ajudas populares e por manter uma estrutura junto a parte institucional que participa. O pastor D da OBPC é o exemplo exposto dessa tipologia.

As tipologias acima descritas se relacionam com o engajamento político de cada entrevistado. As contribuições não representam, de forma direta, que determinado líder seja um líder progressista, mas assim como nos outros aspectos da

pesquisa é necessário interpretar as questões relacionadas com as ações sociais dos líderes religiosos na Chatuba.

#### 4.1 A AÇÃO SOCIAL MISTA DO PASTOR D.

Para melhor compreensão dos acontecimentos relacionados a políticas públicas na igreja O Brasil para Cristo é importante salientar a história de vida do seu líder máximo. Partindo desse levantamento da história do pastor D. contribuirá no sentido explicar o “carisma” do líder e para melhor salientar a ação social mista que ele juntamente com a comunidade de fé exerce na Chatuba (PY & CARVALHÃES, 2018).

A ação social mista destaca a função do líder juntamente com a instituição. Relacionando interesses dualistas, não somente o interesse da igreja como a ação social institucional nem só o interesse do bairro como a ação popular, mas sim a mistura dos dois moldes de ação social, em certa medida esconde um posicionamento político e propõe determinada neutralidade inexistente, mas que por pressão da instituição não é salientada.

D. nascido em 16 de fevereiro de 1983 na cidade de Barra do Piraí no sul do estado do Rio de Janeiro. Filho de um operário e uma doméstica, relata D. (2023). Sobre a religiosidade da família D. relata que seu pai era católico não praticante e sua mãe era pentecostal, membra da Assembleia de Deus Madureira. A influência da sua avó nesse sentido era significativa, visto que ela encaminhou seus filhos e, agora, os netos a serem evangélicos. D. traz mais detalhes sobre o assunto abaixo:

Minha criação com meus pais sempre foi boa, meu pai ainda não é evangélico, meu pai é católico. E minha mãe sempre foi evangélica, então minha criação sempre foi no lar evangélico. Meu pai apesar de ser católico ele não foi muito praticante. Então minha mãe sempre foi mais praticante no evangelho é com isso acabou me levando, eu e meus irmãos a gente acabou crescendo num lar evangélico. Hoje, tudo aquilo que a gente vive foi debaixo da nossa base. Na minha família minha avó teve um encontro, não nasceu mesmo, mas teve um encontro com Cristo na juventude dela, e aí os filhos também vieram a estar junto com ela na mesma fé. Minha mãe era da Assembleia de Deus, Ministério Madureira. Minha mãe sempre levava a gente, e a minha avó também (D., 2023)

Para D. todos os acontecimentos desde a sua infância até sua adolescência são comprovações cabais do seu chamado para ser líder e, todas as vezes em que ele se sentiu salvo de situações e auxiliado em outras atribuiu ao sagrado tais

acontecimento como forma de fomentar o quanto sua vida era importante no passado, por causa de sua missão no presente. Mesmo que isso implique em problemas e penalizações para outras pessoas que não foram escolhidas. Desde sua adolescência até sua ida para a OBPC pastor D. passa por outras instituições

Na nova caminhada já na OBPC, D. conhece àquela que viria ser sua esposa. Ele se casa com dezoito anos e se torna presbítero no ano seguinte com dezenove anos de idade. O pastor afirma que: “com dezenove anos eu recebi a unção de presbítero na igreja” (D., 2023). D. relata que chegou a fazer um curso interno para os pastores em seguida foi submetido a uma pesquisa de conduta e a sabatinas dos pastores antigos. Ao fim desse processo ele elenca a equipe de pastores da OBPC de Barra de Piraí.

D. estava dirigindo uma congregação no período anterior a sua vinda para São Fidélis. Na OBPC da Chatuba estava a dois anos sem um pastor dirigente o pastor de Cardozo Moreira estava como interino, vindo a São Fidélis de quinze em quinze dias, principalmente para celebrar a ceia (sacramento cristão). D. relata os acontecimentos a seguir:

Essa igreja hoje que estou cuidando aqui em São Fidélis, ela estava já dois anos sem pastor local. Nós tínhamos aqui um pastor interino que era Cardoso Moreira, pastor lá de uma igreja. E ele vinha aqui dar assistência porque a igreja aqui ficou sem pastor, aconteceu algo com a liderança que estava e a convenção entreviu. E como não tinha um pastor local na igreja, não tinha ninguém que pudesse estar à frente, o pastor mais próximo era de Cardoso Moreira. Então a igreja dividiu o pastor de lá com São Fidélis. Então ele ficava vindo aqui de 15 em 15 dias, ficava vindo ministrar ceia, dia de semana ele vinha uma vez na semana estar com os irmãos (D., 2023).

Após fazer uma conferência de quatro dias D. conhece a igreja fidelense e seus membros e surge afinidade entre eles. Depois dessa conferência o pastor sentiu o desejo de ficar dirigindo a igreja de São Fidélis e falou sobre com sua esposa. A confirmação das orações veio quando o pastor presidente o chamou para ir para o município. D. traz detalhes a seguir:

E aí como tinha disponibilidade de viajar e estava só pelo ministério, nosso pastor presidente do campo do estado do Rio de Janeiro, que é o pastor presidente ali de Campo Grande, me deu a incumbência de vir aqui fazer uma conferência de 4 dias. Aí eu vim aqui, ministrei quatro noites em São Fidélis, fui bem recebido pelo pastor de Cardoso, ele me deu assistência. E quando eu vi essa igreja aqui, a estrutura, o local que a igreja estava, o povo da igreja sem pastor local, aquilo mexeu comigo. Apesar de ter também outras igrejas na mesma condição, mas quando eu vim aqui eu falei com a minha esposa:

se Deus direcionadas a gente para vir pra cá, você viria? Ela respondeu: gostei muito dessa igreja, mas tem muito local que eu queria. E aí fomos orar e fomos chamados pelo pastor presidente (D., 2023).

O entrevistado afirma que foi a partir dessa experiência que foi decidida sua vinda para São Fidélis. O pastor presidente o chama para orar em relação a sua vinda que é confirmada. Pastor D sua esposa e seus três filhos chegam definitivamente na Chatuba em julho de 2019 meses antes de iniciar a pandemia. D se refere aos fatos:

O pastor presidente disse: vocês foram lá, conheceram a igreja e aí? Respondi: pastor, fomos lá, gostamos muito, visitamos os irmãos, uma igreja muito boa, tem tudo para crescer, mas a igreja do jeito que tá com o pastor vindo, ele não consegue dar conta aqui nem dar conta lá. Ele falou assim: olha, essa igreja é uma das igrejas que eu gostaria que vocês orassem, pode ser que vocês vão pra lá. E começamos a orar em prol disso. E pedimos a Deus algumas confirmações e Deus nos confirmou nossa vinda pra cá. E aí quando foi 2019, dia 28 de julho, nós mudamos pra cá e viemos oficialmente para poder assumir a igreja de São Fidélis e estamos aí até hoje, graças a Deus trabalhando para o Senhor. E assim Deus tem uma obra, graças a Deus, nessa igreja (D., 2023).

D. afirma que sua caminhada pastoral se confirma a partir da perseguição espiritual que já sofreu por causa de sua fé. O pastor chega a afirmar que após orar na casa de uma família um “espírito maligno” o ameaçou de morte (2023). Semanas depois após pregar em um programa de rádio ele sofre um acidente de moto que o deixa sete dias na UTI do hospital. O relato desse fato está a seguir:

O ministério em si ele é muito difícil. As batalhas espirituais elas existem. As lutas espirituais elas existem. Mas eu tive dentre algumas, eu tive uma que assim foi antes de eu receber a unção. Eu estava vindo de uma rádio, fazia o programa numa rádio, todos os sábados à tarde e vindo daquela rádio eu sofri um acidente de moto. E há semanas atrás, eu tinha ido a casa de uma pessoa orar, uma família, a esposa daquele homem, ela manifestou um espírito maligno e ela ali disse assim: eu vou te matar, você não vai ser pastor, eu vou te matar. E aí o que acontece? Eu saindo dessa rádio sofri esse acidente então eu senti assim a luta espiritual né? Isso uma luta espiritual como Satanás querendo frustrar o que Deus tinha na minha vida (D., 2023).

D. afirma que ficou três dias em estado grave de hemorragia interna. Seguiu relatando que os médicos não sabiam o que estava acontecendo com ele. Depois de alguns dias foi descoberto que o tombo trouxe traumas internos a ele, até mesmo seu fígado sofreu com o impacto. E segue detalhando:

Eu fiquei 3 dias com hemorragia interna, os médicos não sabiam o que eu tinha. No terceiro dia que foram descobrir que eu estava tomado de sangue

dentro de mim, que no momento em que a moto veio, ela me jogou, sofreu o acidente, eu bati com o lado direito num banco de cimento. Então por fora não fraturou nada, mas por dentro meu fígado desfez. Então foram momentos assim que eu passei difíceis, fiquei 7 dias na UTI, fiquei 15 dias no hospital (D., 2023).

O dado mencionado acima reforça, para D., o chamado que Deus tinha para ele, e torna concreto o “carisma” (WEBER, 2004) como elemento reforçador de sua “missão”. O mais importante para o pastor nessa história foi a visitação que ele afirma ter tido do próprio Deus o ressuscitando, quando, ele acreditava já estar morto. D. afirma que após o fim desse problema ele recebe a “unção” pastoral.

Numa noite dentro do hospital eu senti que eu estava morrendo, que eu estava partindo, e aí o Senhor, Ele de forma poderosa me ressuscitou ali naquele hospital, me deu vida novamente. Então eu vi que ações malignas pra tentar nos parar ao ponto de não cumprirmos o Ministério de forma e aí quando se passou um tempo, nós recebemos essa unção pastoral, que Deus havia falado comigo desde a infância, que tinha pra mim um ministério pastoral. (D., 2023)

Os acontecimentos que são relatados por D. ajudam a construir junto aos fiéis e a outros líderes uma fala que demonstra a importância dele como um líder e, o torna, diante das pessoas, apto a ser ouvido e respeitado, visto que passou por inúmeras experiências, inclusive de morte. O carisma aponta para essa missão que só ele é capaz de fazer e a divindade interrompe caminhos para que seja concluída a jornada. É importante ressaltar que os relatos miraculosos aqui mencionados não são e nem se pretendem ser científicos, mas são percepções do próprio entrevistado.

O pastor D. afirma que a OBPC tem como propósito principal cuidar de pessoas e que apenas o ensino da palavra é insuficiente diante das dificuldades das pessoas. Ele afirma que “o trabalho social é quando eu mostro o amor de Cristo a elas na prática” (2023). Segundo seus relatos a OBPC tem ações sociais não só na Chatuba, mas em todo território nacional e até no exterior.

Então, ou seja, o Brasil pra Cristo é um ministério que tem isso na veia, tem um trabalho muito bem no Brasil e fora dele. Então hoje a nossa igreja, em alguns lugares, ela cava poços, em lugares que é difícil ter água, hoje constrói creches em lugares que a gente sabe que o Estado não vai. Hoje tem um trabalho muito lindo aonde a igreja compra escravos, em determinados lugares aonde ainda a escravidão ainda é forte. Hoje a igreja ela tem colégios internos aonde crianças que foram abandonadas a igreja cuida. Então o Brasil para Cristo tem isso, vive isso na veia e a gente acaba seguindo esse propósito. O propósito é lindo de mais, ver o que a igreja tem feito é lindo de mais tanto no Brasil como fora do Brasil (D., 2023).

A partir das falas do pastor D. se pode destacar a tipologia de ação social mista. O próprio D. tem uma caracterização com as ações sociais e tem o pensamento progressista de ajuda aos moradores da Chatuba e até em relação aos mais pobres. Atrelado à suas ações está a OBPC que já tem em sua estrutura contribuições sociais dentro e fora do país. O pastor D. tem o auxílio da instituição e dos fiéis, além da sua postura política mais a esquerda.

O líder afirma já ter feito trabalhos sociais semelhantes ao que executa na OBPC na Chatuba, em outros momentos em Barra do Piraí. D. afirma que gostaria de fazer muito mais, porém ressalta que “melhor você fazer alguma coisa do que não fazer nada” (2023). Sua formação ministerial junto a Igreja O Brasil para Cristo lhe concedeu essa consciência das “ações sociais” e do quanto são importantes para periferias, como a Chatuba.

O propósito é lindo de mais, ver o que a igreja tem feito é lindo de mais tanto no Brasil como fora do Brasil. E aqui no Brasil, hoje em São Fidélis a gente ainda não conseguiu fazer o que a gente gostaria porque o propósito é muito maior. Hoje a gente consegue atender, ajudar com uma cesta básica, mas a demanda é maior. Você pode dar aí 30 cestas básicas, por mês, mas não tem só 30 pessoas precisando, quando você vai ver tem 100, tem 150, 200 pessoas precisando. Então você não consegue atender tudo, mas você conseguindo fazer um pouquinho você já está vivendo o evangelho de Cristo, melhor você fazer alguma coisa do que não fazer nada. Então hoje, graças a Deus, tenho essa veia social (D., 2023).

Ao observar a história de vida de D. se pode perceber de onde foram sendo formados seus conceitos sobre ações sociais e, como de Barra do Piraí ele acaba vindo para São Fidélis em um período crítico para o país e para a periferia, fortalecendo a noção da sua “vocação carismática” (WEBER, 2004), principalmente como é destacado que o divino está sempre o protegendo e dando sinais na sua caminhada. Ao ver seu relato se pode notar que em toda a trajetória o sagrado direcionou suas atitudes e, inclusive o protegeu e esse “carisma” fortalece sua importância junto aos fiéis da OBPC na Chatuba. A seguir D. contribui com minúcias sobre a OBPC na Chatuba, bem como as principais políticas públicas feitas pela comunidade de fé na Chatuba em tempos de distanciamento social.

Além do “carisma” D. tem um posicionamento político mais a esquerda com ideias mais progressistas, mas segundo ele o presidente regional da convecção fez uma ameaça aos fiéis e líderes da OBPC, disse que que apoiasse ao PT nas eleições

presidenciais seria desligado da instituição. Essa ameaça fez com que D. não se manifestasse politicamente em 2022. Mesmo com esse contexto classifico D. com a tipologia de ações sociais mistas no seu quadro de atuação na Chatuba.

Para essa elucidação selecionou-se: a Igreja Evangélica Vida na Vida (IEVV), com seu pastor A.; a Igreja O Brasil Para Cristo (OBPC) representada pelo Pastor D.; e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus ministério de Madureira (ADM) na figura do pastor S. O primeiro pastor é o pastor D. (2021) Segundo seu relato a OBPC “contribuiu diretamente com o bairro na pandemia, principalmente no que refere a questões sociais” (D., 2021). O pastor indica que “os moradores da Chatuba que passaram dificuldades durante a pandemia iam diretamente a ele durante o distanciamento social”. O líder seguiu descrevendo:

No bairro como um todo muita gente precisando. Vindo aqui, pedindo. Pedindo aos irmãos que vinham na igreja. A gente disponibilizava ir nas casa buscar o alimento pra montar as cestas e mandar pra essas famílias que estavam precisando então, conseguimos atender algumas famílias. (D., 2021)

O relato acima abre uma série de indicações do pastor sobre as ações sociais feitas pela OBPC em São Fidélis em meio a pandemia, se pretende uma descrição, a partir do próprio D. (2021), acerca da igreja, do perfil dos fiéis e como se organizaram no período da pandemia. O pastor D. (2021) acrescenta a seu relato a importância da OBPC para a Chatuba.

D. (2021) descreve os membros da igreja que lidera como pessoas maduras e constantes mesmo durante a pandemia. O perfil de membresia da OBPC em São Fidélis, aponta D. (2021), é equilibrado sendo composto por idosos e quantitativo considerável de jovens e, jovens casados “consolidados financeiramente”.

Pastor D. (2021) ressalta que o perfil dos fiéis da OBPC em São Fidélis não é de pessoas de classe alta, mas sim de “famílias já consolidadas financeiramente” (2021). Para ele esse perfil de fiéis possibilitou a comunidade de fé ajudar a pessoas do bairro que chegaram solicitando ajuda, sobretudo, no período de distanciamento social. O pastor D. (2021) aponta que os membros da OBPC em São Fidélis são vindos da Chatuba, Usina, Montese, Ipuca, Centro e das “redondezas” da Chatuba

O pastor (2021) relata que as pessoas da Chatuba sempre procuram a igreja O Brasil para Cristo quando precisam de ajuda, principalmente, no que tange a alimentos. A OBPC costumeiramente faz doações de alimentos para a comunidade

através da Campanha do Quilo e na pandemia essa procura foi maior por causa do desemprego causado pela calamidade mundial da covid-19.

No período da pandemia o pastor D. (2021) fez um projeto entre os fiéis de arrecadar dez reais de cada um para comprar remédios, comprar gás e até mesmo pagar contas de luz de pessoas que precisassem. Sobre isso D. (2021) destaca detalhadamente que:

Hoje nós temos um projeto, sempre teve a campanha do quilo, mas hoje temos um projeto que cada irmão dá um valor e o valor mínimo é dez reais e a gente pega esse valor com os irmãos e já compra a cesta e compra que já é um meio de ajudar e quando há necessidade e já pega o dinheiro se alguém precisar de um remédio, um gás a gente consegue fazer isso tá pagando pra beneficiar essas pessoas (D., 2021).

D. segue explicando que arrecada um valor financeiro por causa da finalização das cestas básicas:

A questão da campanha do quilo é muito boa, mas às vezes falta muitas coisas porque você não traz, chega aqui muito sal, ou muito açúcar, ou muito arroz ou muito óleo então sempre falta aí tendo essa arrecadação a gente já consegue comprar uma cesta pronta pra abençoar essas pessoas que precisam (D., 2021).

D. (2021) ressalta que as demandas da favela/bairro Chatuba são inúmeras e, por isso somente uma igreja é insuficiente para atender as necessidades básicas de toda a população, sobretudo em tempos de pandemia, mas apesar disso a OBPC consegue ainda atender a uma parcela desses que ficaram em situação precária. A seguir ele relata um pouco sobre a insuficiência de recursos da instituição diante da demanda social da Chatuba.

Uma igreja só não consegue atender a demanda do bairro, porque são muitas pessoas principalmente no tempo de pandemia necessitaram de um alimento, uma ajuda muita gente desempregada. Muita gente hoje, devido as contas não está conseguindo se manter, e a gente consegue ajudar algumas famílias (D., 2021).

O pastor (2021) descreve os problemas estruturais do bairro da Chatuba que, para ele são principalmente a estrutura das ruas, os buracos que têm potencial para causar acidentes e, até mesmo causar defeitos passíveis de manutenção nos veículos que subam para o bairro.

Nos problemas de origem social, D. (2021) menciona que existem inúmeras pessoas carentes que precisam de mais atenção na área da saúde. As crianças, segundo ele, também carecem de maior atenção por parte do poder público, principalmente, por causa da proximidade com o tráfico existente na Chatuba. Sobre o referido o pastor (2021) relata que:

E eu vejo também a questão social o bairro tem aqui muitas pessoas carentes, muitas pessoas que precisam de uma atenção e em relação a saúde que é uma coisa também necessária no bairro precisa assim de coisa material fora o espiritual. É um bairro que carece de uma evangelização e nós vemos que são muitos jovens perdidos com a vida errada justamente por ele não ter opção acabam entrando para o mundo do crime. A gente vê que é um bairro que também precisa de que a igreja se mobilize pra estar evangelizando esse bairro (D., 2021).

O pastor segue destacando a importância de uma intervenção por parte do poder público para com o público infantil. Ele reforça essa ideia, pois acredita que as crianças geralmente são propensas a ter envolvimento com o tráfico presente no bairro. Abaixo D. indica sobre o relatado:

A gente viu que as crianças precisam de uma atenção maior dos poderes da cidade olhar para as crianças, eu tenho um desejo de fazer um trabalho que possa trazer alguma coisa para essas crianças. a gente vê que a criança vai crescendo no meio disso tudo e a tendência é daqui a pouco, precisamos fazer alguma coisa pra envolver essas crianças (D., 2021).

A igreja O Brasil para Cristo, e as demais instituições religiosas da Chatuba exercem um papel social, segundo D. (2021) que é afastar as crianças e jovens do caminho do tráfico de drogas. Ele (2021) relata que o tráfico na Chatuba faz vítimas e, como um recém chegado no bairro sente que a igreja precisa fazer algo a respeito.

Por isso o trabalho da igreja aqui é muito importante, a parte da evangelização das igrejas se unirem trabalhar nesse bairro por tem crescido e tem sido assunto de jornal: - "Chatuba" a gente viu aí tempos atrás que não podia subir de moto com capacete a noite, tinha que acender a luz pra subir ali a noite então acaba se tornando, um lugar tranquilo um lugar violento, um lugar difícil de se morar e, eu vejo que se a gente cruzar os braços a tendência é piorar. Chegou um tempo atrás que mataram um rapaz ai. Dizem que foi gente de fora, aliás foram dois rapazes. Balearam, deram tiro no rapaz é... um hospitalizaram outro foi tiro na cabeça, então, ou seja, por conta dessas violências, questão de tráfico envolveu essa briga de território de tráfico, então começou a ficar aqui meio barra pesada (D., 2021).

O pastor D. (2021) descreve como foi o momento da chegada da pandemia e como foram as celebrações dos cultos nesse período. Ele chega na OBPC de São

Fidélis no meio do ano de 2019 com projetos e planos para a igreja que, agora, passa a presidir. A virada de ano traz consigo a pandemia e as demandas sociais e religiosas se tornam mais complexas.

Cheguei aqui, na verdade, no meio do ano de 2019. Aí virou o ano, pandemia, cheio de projetos vindo pra trabalhar não deu pra fazer quase nada. Foi um período muito difícil, esse período de pandemia desarmou a gente né, muitas coisas que a gente tinha planejado para 2020 nós tivemos que reagendar, algumas coisas deixar pra depois, então acabou desarmando a gente. (D., 2021)

D. (2021) destaca que “os moradores da Chatuba tinham acesso a ele, porque, reside na casa pastoral que está em anexo a igreja” (D., 2021). O que é um detalhe importante das comunidades pentecostais, quando normalmente são lideras por pessoas que habitam na região de onde congregam, com salientaram Py e Pedlowski (2021), no artigo sobre Pentecostalização do meio rural do Norte Fluminense. Logo, D. segue pontuando a importância de viver na Chatuba para a construção da “ação social” na comunidade quando “as pessoas iam diretamente a igreja mesmo que ela estivesse fechada para as celebrações. Com a ajuda de doações dos próprios membros da igreja eles conseguiam atender aos que precisavam de ajuda” (D., 2021).

A fala anterior reforça o fato de o pastor D. atender a população da Chatuba nas diversas demandas, inclusive durante a pandemia. O fato de atendê-los sem, necessariamente, esperar um retorno por parte dos ajudados. Outro fator significativo é a casa pastoral que fica no próprio prédio da igreja, deixando o pastor acessível à toda comunidade.

O pastor da OBPC afirmou que além do elemento da ação pela política de alimentos os moradores da Chatuba também chegaram a pedir ajuda para compra de alguns itens básicos para algumas famílias. O pastor (2021) apontou que “pediram ajuda para a compra gás de cozinha e remédios foram pedidos, que com a ajuda dos membros da igreja, atendeu as demandas dessas as famílias” (D., 2021). A OBPC, segundo afirmou, “conseguiu ajudar nas demandas da Favela da Chatuba por causa de seus contribuintes que mantiveram a renda mesmo na pandemia” (D., 2021), o que favoreceu o atendimento àqueles que moravam no entorno da igreja, mas não eram diretamente ligados à instituição. Sobre isso ele (2021) reiterou sobre a perspectiva do conjunto de ações sociais construídas durante o período da pandemia:

No período da pandemia alguns irmãos ficaram desempregados, mas a maioria são casados aí as vezes a esposa ficou desempregada e o marido continuou trabalhando com renda. A gente disponibilizou sempre assim: irmãos, estamos aqui pra atender. Nesse tempo de pandemia poucos irmãos precisaram abertura de ajuda. Nós não tivemos uma demanda grande né, graças a Deus. (D., 2021)

D. (2021) destaca que “além do auxílio com cestas básicas, remédios e ajuda financeira a pessoas necessitadas, no período da pandemia os cultos online e as lives ajudaram psicologicamente pessoas” que estavam em depressão com o isolamento social. Assim, o pastor indica que auxiliou na questão da política de saúde mental da população local, com o serviço religioso, indicando que:

Tivemos muitos testemunhos, durante ali os dias de culto que eu dava o alimento eu fazia uma *live* também as dez horas. Na verdade, eu fiz só uma *live* fora dos dias de culto e o pessoal começou a pedir: "pastor, amanhã vai ter *live*?", "pastor, amanhã vai ter de novo?" e eu falei porque eu vi que as pessoas estavam precisando, aí depois a gente colheu testemunho. Foram mais de vinte dias fazendo *live* todos os dias e, fazer *live* não é fácil, uma coisa é você pregar presencial, outra coisa é saber que as pessoas estão em casa te vendo então você tem que ter todo um preparo e então tivemos que adaptar tudo isso aí (D., 2021).

“A igreja não tinha costume de fazer lives e, não tinha canal no Youtube”, aponta D. (2021). Para avançar no período de distanciamento social necessário começar a tomar medidas “para não deixar os irmãos sem alimento”, ressalta o pastor D. (2021), ele e seus auxiliares tiveram que aprender a lidar com as tecnologias que anteriormente não conheciam.

O aparato tecnológico foi uma barreira, como destacado anteriormente, D. (2021) relata que foi importante descobrir como funcionava para continuar as celebrações. No templo geralmente eram apenas 3 fiéis que, com ele, faziam a transmissão, ressalta (2021). O carro da polícia estava sempre verificando as instituições aos domingos para garantir o distanciamento e para evitar templos lotados.

Fizemos o culto *online* que é algo que nós não tínhamos aqui costume, antes da pandemia nós não tínhamos costume de fazer, nós não tínhamos preparação, nós não tínhamos canal no *Youtube*, quase não se usava o canal da igreja pra fazer transmissão ao vivo. E aí foi o momento que nós precisamos nos adaptar a isso. É criar o canal no *youtube* mobilizar um meio de fazer as transmissões, tentar entender como isso funcionava pra não deixar os irmãos sem alimento (D., 2021).

Além das transmissões dos cultos feitas pelo Youtube, o Pastor D. (2021) aponta as lives como forma de se comunicar com os fiéis da O Brasil para Cristo que não podiam estar no templo e, ressalta que essas lives ajudaram pessoas que passaram momentos difíceis em casa por conta da falta de contato com outras pessoas.

O pastor D. afirma que o papel da OBPC na Chatuba não se resume apenas às ações religiosas, mas sim tem um papel social junto aos moradores e fiéis da favela. Ele destaca que um dos papéis da comunidade de fé é “ajudar pessoas” além de “dar assistência aqueles que precisam de uma ajuda também material, material aqueles que precisam de uma ajuda em relação a alimentação, vestimenta” (2021).

D. se refere às ações sociais da Igreja o Brasil para Cristo como papel importante da instituição. E, elucida que “a igreja precisa trabalhar no espiritual e no material. E oração, orar e ação. É como chegar na casa de alguém que está passando fome e orar, não, essa pessoa tá precisando de ajuda” (2021).

O relato de D. reforça a ideia de “ação social” em Weber (2004) com relação a valores, porque para o pastor não existe uma desvinculação entre a fé e as obras. Para ele, junto com os dogmas da instituição, o papel das ações sociais tem um grau de importância significativa para o bairro. Ao relatar isso ele cita um trecho da Bíblia onde está escrito que “a fé sem obras é morta”. O pastor vincula as ações sociais da OBPC aos seus valores de fé preexistentes. Por isso a classificação de D. está nesse misto de sua posição política pessoal de sempre contribuir com a comunidade e estar fisicamente relacionando entre os moradores ou de ser um agente da OBPC e seguir seus parâmetros em detrimento de alguns de seus reflexos sociais.

Em linhas gerais a igreja O Brasil para Cristo apesar de estar na Chatuba tem membros vindos de diversos bairros da cidade, esses membros não precisaram de ajuda financeira diretamente da instituição e isso permitiu maior atendimento a comunidade. A OBPC contribuiu para a Chatuba no que se relaciona as ações sociais, apoiou seus fiéis no período de distanciamento social com lives e cultos online, além de fazer doação de cestas básicas, ajuda com remédio e até mesmo com gás de cozinha. O fato destacado aqui se apoia sobre as “ações sociais” em um sentido estritamente racional por princípios de base religiosa (WEBER, 2004). Para D. a finalidade da instituição, além das próprias questões internas, é auxiliar aos necessitados da Chatuba.

## 4.2 A AÇÃO SOCIAL POPULAR DO PASTOR A.

A ação social popular se relaciona diretamente com pastores que sejam mais progressistas (PY, 2016b; PY, 2021b), no sentido de não tratarem as ações sociais como moeda de troca para ajuntar fiéis, mas sim, para o próprio desenvolvimento da localidade, nesse caso a Chatuba. Geralmente partem de pastores e líderes autônomos e/ou de instituições que dão abertura para o desenvolvimento de atividades diversas dentro das comunidades em que estão inseridas.

No caso da IEVV pode ser classificada com o tipo apontado acima visto que é uma igreja autônoma que, na pessoa de seu pastor, faz atividade de caráter mais progressista para com os moradores baseado simplesmente na relação de identificação com a luta desses moradores.

Além do conjunto de ações sociais desenvolvidas pela OBPC, indicadas pelo pastor D. durante a pandemia, outra comunidade pentecostal desenvolveu ações sociais importantes no período do isolamento social, que foi a IEVV. Segundo o seu pastor A., uma igreja presente no bairro a um pouco mais de um ano, “desenvolveu ações decisivas na região” (2021).

Para melhor entendimento das dinâmicas religiosas das instituições pesquisadas se tornou significativo fazer um levantamento histórico sobre a vida de seus líderes. A seguir para fomentar as contribuições feitas pela IEVV, o histórico de vida de seu pastor A. é importante para o texto.

A. é nascido no dia 19 de fevereiro de 1977 em Duque de Caxias, na região metropolitana, filho de Jorge da Costa Moreira e de Maria da Graça Soares Moreira. A. destaca que nasceu no contexto religioso da Assembleia de Deus Madureira, e na companhia de seus oito irmãos, “sendo que perdemos um ainda pequeno” (2023) todos sempre iam a igreja na sua infância.

O pastor A. na adolescência abandona sua religiosidade. Segundo suas afirmações os impulsos causados por curiosidades o levaram a fazer coisas que não eram aceitas pelas instituições de fé. Ele afirma ter tido vícios em bebidas alcóolicas, cigarro e drogas, além de outras experiências. A seguir ele relata com detalhes essa fase:

Na adolescência meus pais tiveram mais dificuldades em controlar nossos comportamentos devido a curiosidade e desejo de conhecer algo além de

uma vida religiosa até que um dia eu me vi fora de Deus e de tudo que eu vivi a vida toda. Foram 10 anos de experiências marcantes só que de uma forma negativa. Conheci as ruas a bebida o cigarro as drogas a prostituição a mentira a malandragem tudo isso por que esqueci de Deus, Ele deixou de ser prioridade e a minha vida estava cheia de desejos e sonhos humanos, terrenos (A., 2023).

Segundo A. (2023) houveram muitos danos a sua própria saúde e por consequência dessa utilização desenfreada de drogas aconteceu também a perda de um filho. Ele havia apresentado a sua namorada daquele período ao mundo das drogas e por isso o bebê foi afetado de tal maneira que ele foi retirado da barriga sem vida.

O pastor contou sua experiência de conversão que aconteceu em Magé. Ele contou que decidiu voltar para casa de seus pais, onde foi rejeitado. O avô paterno dele o acolheu na sua casa, ele disse que tinha vergonha de pedir ajuda ao pai porque temia a reação dele. O pai dele certo dia o chamou para tirar areia do rio, um trabalho que pai dele fazia para ajudar pessoas da comunidade, ele aceitou. Foram eles para o rio com uma carroça foi quando aconteceu a experiência.

A experiência dele foi de o reflexo do sol sumir da água e ele ouviu a própria voz de Deus falando com ele, e essa voz também foi ouvida por seu pai que nem estava próximo a ele naquele momento. A partir desse contato com o “sobrenatural” ele decidiu se converter e parar de usar drogas. Ele afirma: “Ali pude ouvir Deus falando comigo e a partir desse momento tomei uma decisão que mudou a minha vida” (A., 2022).

O pai dele, que já era pastor da ADM, disse que ele deveria procurar uma igreja que pudesse cuidar dele e ajudá-lo no tratamento, algo que seu pai não poderia fazer naquele momento. E assim ele fez, foi para uma igreja na mesma cidade onde o pastor daquela comunidade o acolheu e o ajudou com todas as questões de abstinência.

Naquele período A. relata que foi para uma igreja batista em Magé o pastor o ajudou como se ele fosse membro da família. “Aquele pastor sabia o que eu estava passando, ele também já tinha usado drogas” (A., 2022). Nas crises de abstinência e em todos os outros processos A. afirma ter tido apoio dessa instituição.

A. se tornou ministro de música a partir de um curso profissionalizante ele exerceu o cargo em Magé, posteriormente foi convidado, por seu primo e pastor, para ser ministro de música da Igreja Batista Jardim do Senhor em São Fidélis. A. chega

vai para a cidade do interior fluminense em 2011 onde trabalha como ministro até 2017.

A. descobre seu chamado ainda na Igreja Batista Jardim do Senhor. Segundo seu relato ele recebe uma mensagem de um missionário, ainda na igreja batista, e essa revelação se tornaria seu ponto de apoio sobre o que deveria fazer. O relato desse momento está a seguir: “percebi meu chamado pastoral numa mensagem de um missionário na Igreja onde fui ministro de música por 6 anos” (A., 2022).

A seguir A. sai da Igreja Batista Jardim do Senhor e funda juntamente com um grupo de jovens a Igreja Evangélica Vida na Vida. A IEVV a princípio se encontra no bairro Nossa Senhora da Penha (bairro residencial), mas a seguir A. junto de sua equipe decidem comprar um terreno na Chatuba, de onde ele afirma não querer sair nunca mais. A seguir o relato de A. (2023) sobre a criação da IEVV:

Não fomos nós que criamos, já era vontade de Deus. Deus já havia chamado outros para esse projeto maravilhoso, mas muita gente ignorou a voz de Deus. Então Deus chama um bando de gente que são apaixonados por vida e realiza à vontade Dele. Aí está a igreja evangélica vida na vida (A., 2023).

As afirmações de A. diferem do tipo de dominação tradicional, pois ele demonstra em seus relatos a caminhada de um herói. Sua autobiografia dá destaque aos dons extraordinários e pessoais recebidos por ele, logo o carisma é o tipo de dominação que melhor se enquadra com a caminhada de A., levando em consideração seus relatos. Além do carisma se pode destacar a ação social popular no discurso voltado para Chatuba como objetivo final da instituição que A. fundou.

A. afirma que as ações sociais feitas pela IEVV, são parte da estrutura sobre a qual está fundada a instituição e alega que as igrejas devem ter a obra social como parâmetro básico para existir, “Porque uma igreja sem o trabalho social ela é tudo menos igreja” (2023). E ressalta que: “O que aprendemos com Jesus é que o trabalho social é uma ferramenta não só para abençoar os necessitados, mas também para propagar o evangelho.” Para ele as políticas sociais estão intrinsecamente ligadas a religiosidade.

O relato da vida do pastor A. contribui para ser entendido como se formou a pessoa que figura uma instituição de fé que dá suporte social para a Chatuba. A partir desse ponto se fará o detalhamento das características da Igreja Evangélica Vida na Vida a partir do relato do pastor A. e, suas contribuições com políticas públicas em

apoio a Favela da Chatuba no período de distanciamento social. O “carisma” articulador da vivência religiosa de A. é “demonstrado a partir de uma jornada de transformação” (A., 2023) onde sua “vocação” para o pastor “se demonstra no chamado de Deus a ele duas vezes uma para abandonar as drogas e posteriormente para começar sua própria comunidade de fé” (A., 2023). Ao demonstrar o tipo de dominação carismática, que foi supracitado até aqui, é possível perceber que os fiéis auxiliam nas políticas públicas por causa da nítida dominação exercida por seu líder.

Para A. (2022) o perfil dos fiéis da IEVV é diverso, alguns assalariados, outros ganham mais, estudantes e pessoas carentes. Segundo ele, aqueles que chegam mais carentes a igreja usa sua influência para impulsionar e para conseguir trabalho ou uma fonte de renda a longo prazo. A. (2022) acrescenta que a igreja dá suporte financeiro para algumas famílias em específico:

Tem uma ou duas famílias que a gente precisa dar algum “suportezinho”, né? Com a cesta básica, às vezes ajudamos também no aluguel, mas sempre estamos correndo atrás e reajustando a situação do corpo de membros daqui da igreja. (A., 2022)

Na Chatuba, de acordo com A. (2022), além das doutrinas ensinadas pelas comunidades ainda existe uma barreira social, por isso ele ressalta que: “Às vezes você vai lá falar de Jesus e eles falar pra você assim, é, mas eu estou sem comer nada” (A., 2022). O quadro social do bairro faz com que só as reuniões semanais não sejam suficientes, se tornam necessários trabalhos sociais.

O pastor A. juntamente com a instituição em que é líder tem uma relação direta com os moradores da Chatuba sem passar por qualquer outro crivo, logo as Ações Populares caracterizam as práticas do pastor A. junto a Chatuba. Segundo relatos mencionados anteriormente a IEVV surge fora do contexto da Chatuba e ir para periferia é uma escolha popular feita pelo pastor A. com sua equipe.

Mesmo não morando na favela e não sendo criado também lá, A. entende a realidade das diversas famílias residentes na Chatuba, a instituição que ele lidera é de missão integral e isso significa também, que existe uma autonomia de trabalho para o pastor tratar de pautas transversais que não são comuns a outras igrejas evangélicas. Embora não imponha seus posicionamentos aos membros da igreja ele é inclinado aos pensamentos da esquerda fazendo, inclusive, críticas ao governo Bolsonaro. Esses posicionamentos estão diretamente ligados a parte interpretativa,

pois não é tão fácil para as lideranças religiosas evangélicas demonstrar oposição ao bolsonarismo.

O pastor A. (2022) destaca que o bairro sofre com abandono por parte do poder público, no que se refere ao cuidado com as famílias, principalmente com as crianças. O pastor da IEVV aponta também o problema com os buracos nas principais ruas do bairro, os postes de iluminação quebrados também são citados como problema. Além do tráfico atuante que, mesmo com o DPO (posto policial) presente no bairro, prossegue com ações no bairro, relata A. (2023).

Então assim, a necessidade do bairro hoje é urgente, uma intervenção do Governo que precisa acontecer é imediata. Pastor, o que que a igreja pode fazer? A igreja pode fazer por essas pessoas no campo espiritual, o que ela já vem fazendo, como as outras igrejas também vêm fazendo. Agora no campo social a demanda é muito grande exige uma necessidade urgente de uma intervenção. (A., 2023)

No relato acima A. (2023), destaca que as políticas públicas que a Chatuba necessita são inúmeras, embora a IEVV faça sua parte não é o suficiente para atender a todas questões. O pastor acrescenta que o Estado deveria intervir com mais intensidade para atender as questões sociais do bairro. Ele destaca que a Chatuba “é um bairro bom de pessoas maravilhosas. Só que as necessidades são agressivas” (A., 2022). O bairro, por mais que receba ajuda por parte das instituições religiosas, sofre por falta de políticas públicas mais decisivas. Nas falas de A. se pode perceber o “carisma” e ao mesmo tempo a ação social popular nas tendências do seu discurso. O “carisma” quando ele se coloca na condição de auxiliador enviado por Deus e de ação popular quando cobra atitudes do Estado em relação à Chatuba.

No perfil do bairro da Chatuba traçado por A. (2022), é relatado o envolvimento de parte dos moradores com drogas e bebida alcóolica (adultos e adolescentes), e para ele “essa atitude distancia as famílias e faz com que as crianças, mais vulneráveis, fiquem sem amparo por parte dos responsáveis” (A., 2022).

O propósito da igreja na Chatuba está relacionado ao atendimento a todos, relata o pastor, crianças, mulheres que são mães solteiras e idosos. A. ressalta que a igreja Vida na Vida coloca as crianças como alvo principal de ações sociais e religiosas e destaca ainda que:

nossa prioridade, a maior importância nós estamos dando para as crianças, entendeu? que a gente tendo uma umas crianças restauradas saiam as crianças crescendo com sentimento de sonhar ter um futuro a gente não vai ter lá na frente jovens quebrados ou adultos drogados entendeu? (A., 2021)

Figura 26 - Atividades feitas com crianças na IEVV - Chatuba



Fonte: Acervo Pessoal

A fotografia acima é um documento que demonstra na prática o trabalho desempenhado com as crianças da Chatuba. Nesse mesmo dia em um de seus discursos A. destaca a importância do trabalho com aqueles que estão na fase da infância, convida aos membros para participarem do mutirão para a construção das classes infantis e ainda troca a classe infantil para o interior do templo para que seja mais confortável. Está presente nesse discurso e trabalho de letramento infantil a ação social popular na ação de estruturar um espaço de atendimento ao público infantil, além de disponibilizar profissionais da educação para atender a esse público alvo. Na fala do pastor fica evidente que o foco da instituição não é, majoritariamente, ganhar as pessoas, mas sim o desenvolvimento do bairro.

As celebrações da Vida na Vida foram feitas durante o período de distanciamento social foram em forma de live no templo e algumas na residência do próprio pastor e na casa de outros fiéis. A. (2023) relata que nunca gostou de filmar os cultos, mas segundo ele foi a única forma de continuar o exercício da fé durante a pandemia.

Os cultos durante a pandemia foram todos eles celebrados online. Foram cultos on-line. Eu gravei gravando na verdade foi lá. Foram *lives*. A gente chama culto online, mas foram *lives* que foram realizadas algumas na igreja, algumas na minha casa, algumas na casa de alguns membros. e foi um período muito intenso. De novidade pra gente, falar pra câmera, eu tenho dificuldade pra isso, porque nem na igreja eu gosto de filmar culto, eu já até pedi pra parar de filmar, a gente comprou um até um kit de filmagem, eu mandei parar porque quem quiser ver nossos cultos venha à igreja, filmando

a gente tá impedindo as pessoas de vir à igreja, quando a gente faz esses tipos de culto *online*. Mas foi desse dessa maneira, foi através de culto online, através de que a igreja ela continuou no seu exercício, da sua função, cultuando e adorando o nosso senhor e salvador na pandemia, amém? (A., 2022)

Segundo ele foi possível construir uma política diferente de cestas básicas para os membros da igreja que, conseqüentemente, são residentes na Chatuba. Nesse caso, a postura do pastor A. a ação social chegava a Chatuba de forma indireta, a partir dos membros da comunidade. Nas palavras da liderança se encadeou assim:

Durante esse período de pandemia para estar ajudando aos membros da igreja, mas principalmente os membros. Conseguimos focar principalmente nos de dentro da igreja quando sobrava cesta básica ajudamos algumas famílias de fora, mas poucas vezes. (A., 2022)

Por meio do relato de A., se percebe um caminho de benefício prioritário “para o público da igreja, que somam 90% das pessoas que são moradores da Chatuba” (A., 2023). Assim, destaca-se o conjunto das ações sociais desenvolvidas pela igreja IEVV, diante da pandemia que se direcionaram a falta de políticas públicas de alimentação e saúde mediante ao “histórico descaso proposital do estado” (BEHRING, 2003, p.57) com a população da Chatuba. Outra ação de destaque indicada pelo pastor A. (2023), junto a IEVV, quando afirma que ajudou com outro tipo de ação social a comunidade de Chatuba: com distribuição de água. A liderança descreve da seguinte maneira a situação preocupante da favela a “CEDAE teve problema com o abastecimento e sentiu o dever de contribuir com os moradores” (A., 2022). Sobre isso A. (2022) narra:

Pedi um caminhão pipa para a Cedae, pois o templo está em construção e tem uma caixa d’água de vinte mil litros para isso, nesse momento ele decidiu dividir a água com os vizinhos. Chegaram tantas pessoas com balde que ele decidiu parar a obra aquele dia e pediu mais um caminhão pipa para a Cedae e atendeu a comunidade. (A., 2022)

Destaca-se a importância desse tipo de ação social porque a localidade da Chatuba, se encontra numa região alta, nem sempre a bomba de distribuição consegue dar conta de abastecer as caixas d’água do bairro. O senhor B. (2021) morador do bairro desde as primeiras construções, afirma ter feito sua própria cisterna por causa de eventuais faltas desse recurso.

Agora, além da política de água para a população, A. (2022) aponta que a IEVV “ajudou aos moradores do bairro e membros da igreja com informações e instruções sobre como conseguir o Auxílio emergencial, bolsa família e outros benefícios” (A., 2022). Pois, para ele, “muitos nem sequer sabiam de seus direitos” (A., 2022). Sobre isso, a liderança destaca que:

E sobre ajuda a membros nesse período de pandemia a gente conseguiu, é correr atrás até mesmo de ajuda. Através do CRAS porque tinha muito membro da igreja que perdeu o emprego e eles não sabiam direito o que eles tinham né; Porque muitos membros são muito leigos ainda. A respeito de direitos. E a gente orientou que alguns, até o para poder receber auxílio, outros pra receber Bolsa Família. (A., 2022)

Além dessas questões o A. afirma que a “IEVV trabalha especificamente com crianças visando as questões educacionais futuras, pensando no futuro da igreja e da Chatuba, inclusive ajudando essas crianças a retomarem seus estudos” (A., 2022). Nesse caso, a liderança pondera sobre a ação social ligada a falta de política educacional assegurando o direito da criança a educação, e sobre isso, ele reitera:

E como elas começaram a participar da igreja, a serem membros da igreja, nós começamos a correr atrás dos direitos dessas crianças. Com outros tipos de ajuda também, que eram ajuda social, que era a questão para as crianças que iam pra igreja com roupa suja, despenteadas. Algumas sujas e nós começamos a dar um suporte a elas. Um grupo da igreja, começou a doar roupas, outras começaram a penteá-las, tratar delas, até piolho tinham, muito piolho. Alguns membros da igreja compraram remédio pra ajudá-las. Da saúde e fomos até a escola, eu até lembro que eu fui também, fomos à escola pra refazer a matrícula dessas crianças, algumas já estavam sem matrícula e elas voltaram a estudar, compramos material, compramos mochilas, compramos todos os materiais para ela e a igreja gerou dentro da igreja uma classe de reforço escolar porque elas perderam muitas matérias então como tem pedagogo na igreja a gente colocou duas pedagogas para dar reforço pra elas e estão até hoje dando esse reforço e elas retornaram a escola (A., 2022).

Sobre o período de pandemia A. (2023) relatou que “alguns que ficaram doentes, na hora que ele teve todo o suporte da igreja, com remédio, medicamentos. E a igreja ela teve sempre presente. Durante esse período de pandemia para estar ajudando aos membros da igreja, mas principalmente os membros” (A., 2023). A doação financeira para ajudar no cuidado com a saúde dos membros da IEVV também é uma ação social importante para a Chatuba.

O pastor A. da IEVV, por sua vez, como líder máximo e fundador da instituição nem se preocupou em fazer menção de seu apelo político por Luiz Inácio Lula da

Silva. O pastor S. declarou inúmeras vezes apoio ex-presidente Bolsonaro mesmo que em suas atitudes em relação a pandemia fossem diferentes das proposições de seu candidato. Em suma existe uma quebra no estereótipo de que todos os líderes evangélicos apoiam a extrema direita representada por Bolsonaro.

Assim, a IEVV, junto sua liderança, o pastor A., indica que a auxiliou na Chatuba com ações sociais que atravessam elementos “que resvalam o encolhimento do Estado proposital” (BEHRING, 2003, p.57) junto a política de alimentação, de saúde, de educação e do direito da criança. A IEVV age em várias ações sociais e, por conseguinte, é uma instituição que é importante na dinâmica do bairro.

#### 4.3 A AÇÃO SOCIAL INSTITUCIONAL DO PASTOR S<sup>6</sup>.

Marcada por estar relacionada com as demandas de uma instituição forte não se importando necessariamente com as demandas da comunidade a ação social institucional aguarda um retorno daqueles que são beneficiados. A ação institucional pretende a agremiação dos receptores de seus benefícios, no sentido da participação efetiva como fiéis da comunidade de fé, não se importando diretamente com o desenvolvimento local como um todo. Nesse momento juntamente com a história de vida do pastor S. detalhes sobre a ADM na Chatuba serão feitos os relatos que fortalecem a tipologia escolhida para esse tópico.

Para a construção dos relatos sobre a Assembleia de Deus Madureira na Chatuba é importante ter o relato da figura que caracteriza a comunidade de fé, o pastor S. A partir do relato de vida do líder religioso se busca a estrutura pessoal que formou essa personagem da pesquisa que contribui pontualmente com a favela.

O pastor S. nasceu em São Fidélis no dia treze de novembro de mil novecentos e sessenta e seis, filho de pescador e de uma dona de casa, morou a maior parte da sua vida em um bairro vizinho próximo a Chatuba chamado Rua da Igualdade (bairro de rua única que se encerra no cemitério municipal), relata S. (2023).

O pastor afirma que permaneceu na igreja batista até os treze anos de idade e não chegou a passar pelo batismo (sacramento do cristianismo). Nesse período o pai de S. tinha um bar e, ele ficou responsável pelo estabelecimento. Nesse momento S.

---

<sup>6</sup> Homem negro de 56 anos, casado, pai de 3 filhos e pastor da Assembleia de Deus Madureira.

teve contato com bebida alcóolica, juntamente com alguns colegas da vizinhança. O interlocutor detalha esse momento:

Aí fiquei até os 13 anos, depois me afastei, fiquei um tempo fora. Não era batizado, papai botou um novo estabelecimento um botequim, comecei a tomar conta do botequim e a molecada de rua estava sempre lá. Com 17 anos comecei a entrar nessa onda de bebida com os colegas (S., 2023).

O período seguinte da vida de S. é a fase adulta, ele espera o momento exato de completar dezoito anos e sai um período de São Fidélis indo para São Paulo onde trabalha por aproximadamente sete meses. Ao terminar esse período ele retorna para São Fidélis quando decide trabalhar embarcado, trabalho esse que ocupou por quatro anos.

Com 18 anos comecei a trabalhar fora, dia 13 de novembro, fiz 18 fui para São Paulo, nunca tinha saído de São Fidélis para lugar nenhum. Morei 7 meses lá trabalhando, em 1986. Aí vim de São Paulo para trabalhar embarcado, fiquei 4 anos embarcando, até os 24 anos (S., 2023).

Aos vinte e quatro anos o pastor S. encontra aquela que viria ser sua esposa. Foi para ele o momento de parar de embarcar ele a encontra em conhecido baile da cidade. Os jovens iam para esses locais para dançar forró, destaca S. (2023). S. foi até o local alguns dias antes do próximo embarque, mas desistiu de ir por causa da, então, namorada. A seguir S. e sua esposa tem um filho e decidem definitivamente participar de um grupo de fiéis da ADM. Após idas e vindas S. e sua esposa trocam algumas vezes de instituições religiosas, mas acabam retornando alguns anos depois a ADM onde se tornariam pastores para em seguida serem líderes na Chatuba.

Mesmo com a resistência ao estudo teológico, S. e sua esposa iniciam o curso teológico. S. (2023) ressalta que estudou três anos e meio no curso teológico, mas antes mesmo de terminar o curso ele foi convidado pelo pastor Jorge para dirigir uma congregação na estrada que liga São Fidélis a Campos dos Goytacazes. Ao terminar o curso S. é elevado ao cargo de evangelista e é reconhecido pela convenção da ADM.

Eu e minha esposa começamos a fazer lá por 2014 em diante, ficamos três anos e meio a quatro anos estudando. Antes de eu terminar teologia comecei a virar dirigente na congregação de Palestina, Morro do Gambá ali fiquei uns três anos e meio a quatro anos também e terminei a teologia, o básico. Antes

de eu sair de lá, três anos depois, eu fui levado a evangelista aí fui convencionado. Fiquei também mais dois anos como evangelista (S., 2023).

Conforme citado acima S. ficou dois anos como evangelista, o passo seguinte era se tornar pastor. “De evangelista eu fui levado a pastor. Em 2017 comecei a filiação como evangelista. Como pastor em fui ordenado 2 anos depois em 2019” (S., 2023). A caminhada pastoral de S. não tinha sido iniciada na Chatuba, mas sim na congregação em Morro do Gambá na BR 158. Em seguida S. é convidado a ser o dirigente da congregação da Chatuba, no fim de 2019 ele assume a liderança no bairro, e por esse acontecimento ele é o líder de Madureira na Chatuba no período de pandemia.

S. declara que foi o próprio divino que o colocou na posição de líder, afirma ainda que se pudesse escolher exerceria outra função. O fato que ressaltado é que sua caminhada foi preparada por Deus, que não permitiu que ele morresse em três ocasiões, impediu sua mãe de se matar cinco vezes e ainda preparou toda sua caminhada cristã.

Uma coisa que eu nunca quis ser era pastor, mas a gente vê que foi projetado desde o princípio. Minha mãe era uma pessoa doente, tentou 5 suicídios, quase morreu por várias vezes, e Deus a guardou. Minha família começou como uma família pobre. Eu quase morri afogado a primeira vez com oito anos, depois com quinze anos de idade eu quase morri afogado de novo, peguei um pulo naquele cano da ponte da CEDAE, dei uma cabeçada no fundo ali e o rio estava cheio. Eu nem consegui voltar, eu vi a morte. Eu cheguei lá em cima não sei como, agarrei na pedra e fiquei, dias depois meu primo morreu lá. Meu primo de quinze anos, e eu também tinha quinze anos. E antes dos quinze anos, eu também não falei, eu com doze anos o Diabo tentou me matar queimado aqui na ordem, aqui dentro dessa torre, uma encenação de incêndio ali (S., 2023).

O interlocutor detalha como quase foi morto queimado, ao ajudar um amigo em uma encenação de um incêndio e ele utilizando gasolina espalhou por vários locais no quintal do prédio da ORDEM na usina sem perceber que tinha exagerado pegou o fósforo o fogo o arremessou. S. relata ter marcas até hoje do ocorrido, a seguir se tem detalhes do ocorrido:

Eu era metido, sempre fui. Falei: não Eraldo, deixa que eu boto. Aí foi lá na ordem, apanhou uma latinha de leite glória assim, cheio de gasolina entrei por baixo da torre ali, lá dentro, derramei gasolina em tudo quanto é lugar. Aí olhei, olhei e não tinha fogo, ajoelhei no canto falei: Eraldo, me dá a caixa fósforo porque aqui não tem fogo não, tem que acender de novo. Aí abaixei vim botando a gasolina fiquei fazendo a trilha naquela torre, na cúpula, o fogo

pegou sozinho lá dentro, aí o vácuo me jogou lá fora, todo queimado, queimou meu braço, queimou minha perna. Eu era novo, graças a Deus hoje não tem marca só um finalzinho no braço, na perna, pouca coisa. Aí queimou de soltar o couro. Depois a gente vai entender o plano de Deus e o diabo interferindo, querendo interferir, mas eu tive vários confrontos também com algumas situações (S., 2023).

Para S. o desejo em ajudar as pessoas da Chatuba assim como as “ações sociais” (LESSA, 1964) feitas pela ADM, por ele representada, são frutos de sua criação, ou até mesmo, feições encontradas nas pessoas. Segundo seu relato existe uma semente boa e uma semente ruim nos seres humanos cabe a cada um deixar a boa semente crescer. Abaixo segue o relato completo sobre o ressaltado acima:

A criação desde onde eu venho acreditando dentro de mim, a pitada da semente que eu preguei na igreja. Do coração procede todo desejo do homem, tanto maligno como benigno, mas no mesmo coração tem uma semente plantada por Deus se você der espaço para água que Jesus falou pra mulher do poço, se beberes dessa água nunca mais terá sede, ou seja, se tiveres conhecimento do evangelho você nunca deixará de ser a pessoa que Deus de você porque ele fez (S., 2023).

Os relatos de S. se assemelham ao dos demais pastores no que se refere a solidificar suas credenciais como pessoa apta para liderar. Em geral os entrevistados se sentem como destaque e/ou fruto de processos que legitimam o cargo que ocupam hoje. Como se as jornadas os adequassem para tal caminhada e com esses testemunhos os próprios fieis comprem as histórias e, acabam sendo voluntariamente peças da engrenagem religiosa, social e política.

A história de vida do pastor S. o encaminhou até a favela Chatuba e, suas experiências de vida o levaram a ajudar a comunidade com políticas públicas antes e durante a pandemia. A seguir é importante apontar detalhadamente a instituição religiosa que S. lidera, bem com as “ações sociais” (LESSA, 1964) feitas pela comunidade de fé na pessoa do pastor.

A última narrativa religiosa destacada foi do pastor S. (2023) da Assembleia de Deus: ministério de Madureira. Ele que atende “a comunidade com assistência médica e com cestas básicas, principalmente para pessoas que solicitam diretamente auxílio a congregação”. Além disso S. ajudou aos membros de sua instituição e moradores do bairro a ter esperança por dias melhores e fortaleceu a ideia do distanciamento social.

Para S. (2023) o perfil dos membros da igreja dirige “é de pessoas carentes, em sua maioria residentes próximos ao templo” (S., 2023). S. observa que” os

dizimistas da igreja ganham em média um salário mínimo com um saldo de no máximo dois assalariados por família dentre os membros”. Na verdade, que dentre os fiéis da congregação da ADM existe uma busca por ser assalariado.

S. (2023) relata, além do perfil dos membros, sobre as demandas de políticas públicas da Chatuba. Ele pontua sobre entulhos acumulados ao longo do bairro que a prefeitura não se mobiliza para fazer a retirada e fica acumulado mais de um mês, de fato é possível verificar a presença de latões cheios e entulhos nas vias do bairro. Pastor S. detalha o acontecimento quando pontua:

É um bairro carente se você olhar aqui do lado que tem o lixo que de mês já guardado, um entulho. Quando a prefeitura para principalmente agora neste final de ano ela para e faz o que ela manda a maioria dos contratados embora para poder ter o dinheiro para pagar o décimo terceiro no fim do ano. Então paralisou tudo, estava até agora ao final de outubro quando entrou em novembro paralisou o maquinário que pega entulho, que pega lixo parou, o lixo fica acumulado (S., 2023).

Figura 27 - Entulho acumulado na principal via da Chatuba



Fonte: Acervo Pessoal

S. (2023) aponta que, por causa do sistema de congregações da Assembleia de Deus Madureira, não foi possível fazer lives nem culto online, mas a igreja sede fez as programações durante o fechamento dos templos e essas programações já incluíam as congregações, inclusive a da Chatuba.

Nós temos a sede é ela que trabalhou com esse culto online então aqui foi um culto online. Ela era feita pela série de terça quinta e domingo Escola Bíblica e aqui não. Aí eu estava fazendo escola bíblica aqui reduzida também aos domingos pela manhã à porta fechada só com alguns também. (S., 2023)

No que se relaciona a pandemia a Assembleia de Deus de Madureira contribui com a comunidade com cestas básicas ajudas em assistência médica. O pastor S. (2023) relata detalhadamente como foi essa organização social, como eles selecionavam os beneficiários, quando afirma que:

A Igreja que em si, tem mais o trabalho com cestas básicas, assistência médica e cesta básica assim por mais tempo. Só que é o seguinte ela é em conjunto com a Sede. Não sai por aqui distribuindo cesta básica. A gente quando descobre, uma família duas ou três que necessita, a gente leva à sede, e aí há essa entrega de cesta básica para a família. (S., 2023).

A Assembleia de Deus Madureira tem uma rede de congregações (igrejas filiais) espalhadas pelo município, são subordinadas a sede (templo principal), como pontua S. (2023). É um sistema mais complexo de igrejas, onde toda essa estrutura construiu uma série de ações sociais de “ajudas e cestas básicas doadas aos moradores da Chatuba (...) vindas ou autorizadas pela sede” (S., 2023). Segundo S. (2023) a sede que se responsabilizou pelas programações e cultos online durante a pandemia e ao mesmo tempo, construiu uma rede densa de doações de alimentos buscando suprir a política pública de alimentação que o Estado não desenvolveu para Chatuba (PY, 2016b; PY, 2021b).

Segundo S. (2023) a Assembleia de Deus Madureira na Chatuba além de ajudar com cestas básicas e outras ações, também contribuiu no que se refere a ajuda psicológica não somente dos fiéis como também dos moradores da favela. S. descreve essa ação que, para ele, faz parte do papel da instituição:

Então para quem acredita então em primeiro lugar e dando confiança à igreja de que não só fazer o que a gente fala na palavra que tem na palavra tudo posso naquele que me fortalece. Mas antes disso vem um texto que vem dizendo que ele, Paulo, fala o que eu sei suportar as aflições do que eu passei por elas então são aflições o momento então é explicar para a igreja que toda a pressão de momento tem o seu tempo. (S., 2023)

Para S. outro ponto importante é fortalecer para os moradores e para os fiéis a importância de ficar em casa: “A igreja aqui no bairro se uniu mantendo cada um com o entendimento de que era melhor ficar em casa” (2023). Afirma também que até mesmo quando podiam se reunir ele preferia fazer um rodízio de participantes na hora das celebrações quando foram abertos os cultos com público reduzido: “não pode vir um senhor de idade uma senhora, uma criança e um recém-nascido” (S., 2023).

Sem suas falas sempre se respalda na ADM, ao averiguar suas falas é possível perceber que a instituição direciona suas falas suas práticas sociais na favela. Esse fato dá aderência para a classificação de ação social institucional para as práticas do líder da Assembleia de Deus Madureira na Chatuba.

Agora, os pastores entrevistados (A., D., S.), das comunidades de fé presentes na Chatuba afirmam a importância de suas instituições para a favela, principalmente, no período de pandemia do novo corona vírus, e destacaram sobretudo a ausência do poder público na favela. Por conta da “carência proposital do Estado” (BEHRING, 2003) suas instituições religiosas se tornam os atores fundamentais na dinâmica social dentro do bairro. Assim, D. segue pontuando:

E também em relação a parte física e material é dar assistência aqueles que precisam de uma ajuda também material, material aqueles que precisam de uma ajuda em relação a alimentação, vestimenta. Às vezes é uma ajuda em alguma coisa que que a igreja pode ajudar. Se a igreja age só parte espiritual ela está cumprindo seu papel? Está cumprindo seu papel! Mas pela metade. O que adianta dizer pra alguém que tem fome Jesus te ama sem dar comida? O próprio Cristo vai falar isso ..."estive com fome e não me deste de comer"... então a igreja precisa trabalhar no espiritual e no material. (D., 2021)

Assim, pelo somatório de inúmeros descasos em termos de políticas públicas, o pastor IEVV, A. (2023), afirma que a Chatuba “precisa de intervenção por parte do governo, segundo ele políticas públicas voltadas para o público infantil é urgente, além de oportunidade de emprego e cursos profissionalizantes” (A., 2023). Para ele, a IEVV tem “contribuído nessas principais lacunas deixadas pelo poder público” (A., 2023) que diz respeito as ações sociais que resvalam na saúde pública e na política educacional. Assim, o pastor afirma:

Um grupo da igreja, começou a doar roupas, outras começaram a penteá-las, tratar delas, até piolho tinham muito piolho. Alguns membros da igreja compraram remédio pra ajudá-las. Da saúde e fomos até a escola, eu até lembro que eu fui também, fomos à escola pra refazer a matrícula dessas crianças, algumas já estavam sem matrícula e elas voltaram a estudar, compramos material, compramos mochilas, compramos todos os materiais para ela e a igreja gerou dentro da igreja uma classe de reforço escolar porque elas perderam muitas matérias então como tem pedagogo na igreja a gente colocou duas pedagogas para dar reforço pra elas e estão até hoje dando esse reforço e elas retornaram a escola. (A., 2023)

Voltando ao S. (2023) afirma que a as contribuições da Assembleia de Deus Madureira da Chatuba são importantes para o bairro, desde cestas básicas

direcionadas para pessoas que precisam muito até ajuda para consultas médicas e remédios. Segundo S. (2023) o trabalho em equipe das igrejas da Chatuba contribuiria para o auxílio da sobrevivência da população em precarização e a Assembleia de Deus ministério Madureira tenta contanto com as demais congregações para trabalharem conjuntamente para auxílio da região. Dentro das premissas propostas pelos tipos de ação social descritas anteriormente se pode classificar as diversas ações dos pastores da Chatuba. O pastor S. tem em suas contribuições as características das ações institucionais, visto que, a ADM dá suporte ao líder e tem a estrutura pretérita. Verifica-se que as contribuições feitas por S., bem como, as ações pessoais foram pautadas na liberação, ou não, da igreja sede.

Assim, pode-se dizer que as igrejas presentes na Chatuba, na figura dos seus pastores presidentes, contribuíram diretamente no meio da pandemia do Covid-19, construindo um leque de ações sociais de apoio a população local de variadas formas, tanto na distribuição de cestas básica, como no fornecimento de água e também, no apoio a saúde mental dos moradores da comunidade. Nesse caso, pode-se perceber o papel “relevante na coesão social das figuras religiosas no incentivo a atuação na estruturação da sociedade” (LESSA, 1965, p.31), pois essas figuras carismáticas agremiam pessoas e ajudaram na construção de ações sociais que, diante da falta de ação dos agentes do Estado, na região desenvolveram saídas (temporárias) que incidiram nas políticas públicas da região.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é fruto de uma investigação sobre o descaso real do poder público com a periferia, enquanto instituições religiosas se apresentam para atuar em frentes que deveriam ser supridas pela máquina estatal. A Chatuba mostra de um ponto de vista local como acontecem as ações “sociais” religiosas em uma favela brasileira.

A Favela da Chatuba é constituída de uma população majoritariamente negra que, segundo a história contada por seus moradores, é fruto de um significativo êxodo rural que aconteceu no início da década de 80. A formação do território da favela está relacionada com a falta de acesso das populações pobres vindas da zona rural.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro momento é desenvolvida a concepção formativa das favelas e, se pode destacar que as relações de poder foram decisivas para que as favelas fossem formadas, visto que, as populações pretas e pobres não tinham acesso a cidade. Fato que foi atenuado diante do inchaço urbano, que teve início em meados do século XX.

Nesse sentido o Estado tem participação na formação das favelas brasileiras, principalmente se considerarmos a reformas higienistas realizadas com intuito de acabar com as populações que viviam nas proximidades do centro. Se pode perceber que a periferia, incluído as favelas, nunca foi uma prioridade dos governos.

No segundo capítulo foi pensado uma construção das principais religiões presentes em São Fidélis com uma carga histórica. O fato é que dentre todas as instituições religiosas apresentadas as igrejas evangélicas estão em maior número na favela. A igreja católica está presente também demarcando a fundação do bairro, mas o destaque é das igrejas evangélicas de vertente pentecostal que assumem um número expressivo de oito comunidades. A partir das igrejas pentecostais foram construídos os relatos.

O capítulo três trata de destacar o trabalho de campo, a apresentação dos pastores que cederam relatos sobre as instituições que lideram e contém a história de vida deles a partir de uma perspectiva própria. O terceiro é onde está destacado as ações sociais das comunidades de fé. Os líderes apresentam suas inquietações sobre a Chatuba e é nesse capítulo que eles apontam as principais demandas não supridas pelo poder público. Também no terceiro capítulo estão as relações de cada um dos

líderes com as respectivas tipologias das ações sociais. Cada tipologia aponta para uma característica política do líder ou da instituição. Na terceira parte é onde se detalha o conceito de carisma que acompanha as lideranças entrevistadas na Chatuba.

Em linhas gerais a Chatuba se difere das maiores favelas do Brasil, tem uma média de 5 pessoas morando em cada casa, que é um quantitativo menor do que acontece nos grandes aglomerados subnormais. A Chatuba tem uma organização espacial (asfalto, água encanada, rede de esgoto, energia elétrica) um pouco melhor do que a maioria das favelas brasileiras. O fato é que mesmo com esse diferencial ainda é um bairro periférico, construído pelo Estado e, que sofre com a ausência do mesmo na prática de demandas importantes.

O presente texto dissertativo contribui também para um debate extenso no país, relacionado a religião e posicionamento político dos líderes religiosos. Esse debate ganhou pujança durante a pandemia, pois líderes de grandes instituições religiosas em sua maioria igrejas evangélicas em apoio ao então presidente Bolsonaro, negaram a seriedade da pandemia e até mesmo questionaram a eficácia das vacinas.

Na Chatuba existe um contraponto para toda essa temática, visto que os pastores e liderança não representam parcela daqueles que simplesmente negaram a importância do distanciamento social. Ao contrário disso fortaleceram a importância do distanciamento social, além de contribuírem com os moradores do bairro com ações sociais e, envolver de forma carismática os fiéis no contexto de apoio a favela.

O trabalho de campo nessa pesquisa trouxe a aproximação que permitiu melhor compreensão de acontecimentos dos fatos. No que se refere a posicionamento político se pode perceber a aproximação do pastor D., da OBPC, das ideias do Partido dos Trabalhadores, mas a liderança regional da instituição proibiu qualquer menção de oposição a Bolsonaro isso tolheu não somente D. como outros membros da comunidade.

O pastor A. da IEVV contribui na Chatuba com ações sociais populares. Isso significa que suas contribuições estão relacionadas a sua afinidade com os moradores do bairro, sejam eles membros da instituição religiosa ou não. O auxílio nos períodos de falta d'água, a busca por auxílio na alfabetização das crianças do bairro e na distribuição de cestas básicas são ações que comprova a classificação das contribuições de A. Em um panorama recente após a privatização da CEDAE o pastor

A. vem tentando mobilizar a população contra a cobrança da conta de água, que antes era gratuita para os moradores da Chatuba. Essas mobilizações sociais (ou tentativas) demonstram maior engajamento social por parte dos pastores da Chatuba. A forma que se relacionam com o a favela os diferencia dos demais líderes do centro da cidade. Diferente dessa dinâmica o pastor S. esbarra na instituição Assembleia de Deus na realização das ações sociais. A sua experiência passa pela instituição e ele não demonstra atitudes próprias além do que já está estabelecido de forma pretérita.

O trabalho, desde o início, procura abordar as lacunas que as instituições religiosas preenchem por omissão do poder público. De fato, existem demandas significativas de políticas públicas na favela da Chatuba, realmente o Estado se afasta das periferias, inclusive produz favelas e bairros periféricos sem estrutura. É verdade que existe um esforço por parte das instituições religiosas de fazer ações sociais, por motivo relacionado a valores de fé.

A afirmação que não pode ser feita é que as comunidades de fé têm condição de substituir o Estado no que se relaciona a políticas sociais. As ações sociais feitas pelas instituições são soluções paliativas que não resolvem integralmente as principais demandas sociais da favela fidelense. Não existe uma resposta pronta para solucionar tais problemas, mas não há uma pretensão permanente na religião em resolver definitivamente os problemas sociais, se pode notar contribuições pontuais que durante a pandemia tomaram maiores dimensões.

As questões estão postas, o Estado que, não somente se distancia da periferia, mas tem mecanismos formadores de favelas. Líderes religiosos que formam rede de apoio entre seus seguidores, baseando seus atos na sua relação com o sobrenatural e na graça divina que se encontra sobre eles e, por último, uma favela que foi construída pelo poder público para abrigar moradores da zona rural e que hoje precisa de intervenções do Estado e encontra ações sociais. O trabalho contribui com os debates semelhantes que acontecem no Brasil e dá destaque a uma favela do interior. O esperado é que inquietações aconteçam a partir desse texto que abre uma série de discussões.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A; [16 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

A; [21 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no hall da Igreja Evangélica Vida na Vida.*

A; [13 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

A; [5 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

A; [9 de novembro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

ALENCAR, G. (2013) Matriz pentecostal brasileira: Assembléias de Deus 1911-2011. *Novos Diálogos*, Rio de Janeiro, 217-222.

BARROS, C. (1992) *O sentido do espaço na iconografia do aldeamento missionário de São Fidélis*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 133p.

BEHRING, E. (2003) *Brasil em contra-reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos*. São Paulo: Cortez Editora.

BERNARDI, C. J; CASTILHO, M. A. (2016) A Religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 17, n. 4, 745-56p.

BOECHAT, J; DUTRA, R; PY, F. (2018) *Teologia da prosperidade campista: Apóstolo Luciano e suas ressignificações religiosas na Igreja Pentecostal Semear*. Rio de Janeiro: *Religião & Sociedade*, v. 38, 198-220p.

CARVALHAES, C.; PY, F. (2018) *Teologia da libertação: nomes, temas e interesses*. *Crosscurrents*, n. 12, 334-356p.

CARVALHO, S.A. (2008) *Avaliação da aplicabilidade do conceito de habitabilidade nas moradias das favelas cariocas: o caso de Vila Canoas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CIDADES, IBGE. (2017) *IBGE: São Fidélis*. In: Brasil, Rio de Janeiro: São Fidélis. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-fidelis/panorama>. Acesso em: 29 jan. 2023.

CMSF, Câmara Municipal de São Fidélis. (2018) *O Município: Pontos Turísticos*. In: Pontos Turísticos. Google. Disponível em: <<https://cmsaofidelis.rj.gov.br/o-municipio/ponto-turistico/>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

D; [05 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal da casa do casal*.

D; [21 de janeiro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal da casa*.

D.P; [14 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

D; [13 de novembro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

D; [14 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

D; [8 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

DAVIS, M. (2006) *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo Editorial, 271p.

F; [05 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal da casa do casal*.

FARIA, T. (1998) *Campos dos Goytacazes, resources et virtualités d'une ville brésilienne - données de l'histoire*. França, 1998. Tese (Doutorado em Études Urbaines) – Paris, Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), 467p.

FARIA, T. (2003) Gênese da rede urbana das regiões norte e noroeste fluminense à luz do relatório do engenheiro Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. *Anais do X Encontro Nacional da Anpur*, Belo Horizonte: Anpur, p. 1-16.

FARIA, T. (2005) Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas. *Anais do x Encontro de Geógrafos da América Latina*, São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 4778-4799.

FERREIRA, J. (2005) A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. In: *Simpósio Interfaces das Representações Urbanas em Tempos de Globalização (Anais)*, Bauru, SP: Unesp/Sesc-Bauru, 20p.

FERREIRA, M; AMADO, J. (Org.) (1998) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 304p.

FRESTON, P. (1993) *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Campinas-SP, IFCH-Unicamp, 303p.

GOUVEIA, E. (2016) *Um estudo sobre transformações produtivas em meio à disputas pelo controle do território. O caso da comunidade rural negra de Carumbi, Campos dos Goytacazes (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Campos dos Goytacazes, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 136p.

IBGE. (2010) *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.

JUNIOR, M.C. (2011) Revisando o conceito de carisma: Líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação a performance. Porto Alegre: *Revista Todavía*, v.2, n.2, p.42-55.

K; [06 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

LACERDA, N. (2001) *O Município. São Fidélis cidade poema*. Disponível em: <<http://www.saofidelisrj.com.br/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2023.

LAKATOS, E; MARCONI, M. (2003) *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, v. 5, 311p.

LAMEGO, A. (1920) *A terra Goytacá: à luz de documentos inéditos*. Paris: L'Édition D'Art, v. 2, 432p.

LAMEGO, A. (1974) *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Lidador, v1, 226p.

LANG, A. (2008) *Espiritismo no Brasil*. Cadernos CERU, v. 19, n. 2, p. 171-185.

LESSA, H. (1964) *Ação social cristã*. Rio de Janeiro: Guanabara: Movimento de Diretriz Evangélica, 113p.

LOWY, M. (2003) *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Cortez Editora, p.15-63, 220p.

LOWY, M. (2014) *A jaula de aço: Max. Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo Editorial, 144p.

M., [05 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares na prefeitura de São Fidelis*.

M; [18 de novembro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

MANZINI, E. (2004) Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, v. 2, p. 10.

- MARICATO, E. (2000) Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, p. 21-33.
- MARICATO, E. (2001) A bomba relógio das cidades brasileiras. *Revista Democracia Viva*, v. 11, p. 3-7.
- MARICATO, E. (2001) *Favelas: um universo gigantesco e desconhecido*. São Paulo, 3p.
- MARIZ, C. L. (2016) Ação social de pentecostais e da renovação carismática católica no Brasil. O discurso de seus líderes. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.31, v.92, 16p.
- MINAYO, M. (2012) Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, v. 17, p. 621-626.
- MINAYO, M. (2015) *Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta*. In: Maria Cecília Minayo e Suely Gomes (Orgs). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Ed, Vozes, p.61-78.
- OLIVEIRA, J; PEDLOWSKI, M. (2012) Estado e programas municipais de habitação popular em Campos dos Goytacazes (RJ). *Análise social*, n. 204, p. 656-682.
- OLIVEIRA, L; FERREIRA, M. (2010) *Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber, Michael Löwy*. Plural, v. 17, n. 2, p. 129-142.
- PMGIRS. (2020) *Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos – Grupo 4*. Município de São Fidélis/RJ. AGEVAP e CEIVAP, 104p.
- PMSF. (2010) Prefeitura Municipal de São Fidélis. *Cidade*. São Fidélis: Guia Turístico e Comercial de São Fidélis. Disponível em: <<https://saofidelis.rj.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.
- PMSF. (2010) Prefeitura Municipal de São Fidélis. *História*. São Fidélis: Guia Turístico e Comercial de São Fidélis. Disponível em: <<https://saofidelis.rj.gov.br/historia/>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.
- PMSF. (2010) Prefeitura Municipal de São Fidélis. *Turismo*. São Fidélis: Guia Turístico e Comercial de São Fidélis. Disponível em: <<https://saofidelis.rj.gov.br/pontos-turisticos/>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.
- PRANDI, R. (1996) As religiões negras do Brasil-Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. *Revista USP*, n. 28, p. 64-83.
- PY, F. (2016) The lutheran rebellion in the Brazilian Countryside. *Crosscurrents*, n. 12, p. 121-136.
- PY, F. (2016) *Lauro Bretones: um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956*. Tese (Doutorado em Teologia) – Rio de Janeiro, Departamento de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 267p.

PY, F. (2020) *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 52p.

PY, F. (2021) Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Tempo e Argumento*, v. 13, 28p.

PY, F; PEDLOWSKI, M. (2020) Pentecostalização Assentada No Assentamento Zumbi Dos Palmares. Campos Dos Goytacazes. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, 24p.

PY, F; SHIOTA, R; POSSMOZER, M. (2020) Evangélicos e o governo Bolsonaro: aliança em tempos de Covid-19. *Confluências*, v. 22, p. 386-406.

PY, F; PEDLOWSKI, M. (2018) A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Tempo*, Niterói, v. 24, p. 233-252.

R.S.; [17 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

RECORD TV INTERIOR RJ. (2019) *Perfil econômico e cultural da cidade de São Fidélis*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8lfioFliBZ8>>. Acesso em 03 fev. 2022.

RIBAS, C; OLIVEIRA, R; LIMA, J. (2018) Regras não-ditas no processo de construção das favelas. *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, v. 22, n. 43, p. 110-127.

S; [21 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no Hall da Igreja Assembleia de Deus: Madureira em Chatuba*.

S; [10 de janeiro de 2023]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

S; [11 de novembro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

S; [15 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

SANTOS, M. (2013) *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 174p.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. (2001) *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Edições Record, 474p.

SOUZA, C. (2002) Políticas públicas: conceitos, tipologias e subáreas. In: *Workshop sobre Políticas Públicas e Avaliação*. Salvador: Fundação Luiz Eduardo Magalhães, 29p.

T; [17 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa*.

V. & M; [17 de novembro de 2021]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal da casa do casal.*

VASCONCELLOS, F. (2015) Presença da igreja na formação do Brasil colônia: do descobrimento às minas do ouro. In: *Seminário ibero-americano de arquitetura e documentação*, 4., 2015, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: UFMG, 15p.

VITAL, C. (2015) *Oração de traficante*. Rio de Janeiro: Garamond, Horizontes Antropológicos, (46), p. 481-485.

W.F.; [15 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

WEBER, M. (2004) *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, xxxp.

WEBER, M. (2004) *Economia e Sociedade*. Vol 1 Brasília: Editora UnB, xxxp.

WEBER, M. (2004) *Economia e Sociedade*. Vol 2. São Paulo: Editora UnB, xxxp.

Y; [15 de janeiro de 2022]. São Fidélis. *Entrevista concedida a Allan Fábio da S. Soares no quintal de sua casa.*

YAZBEK, M. (2008) Estado e políticas sociais. *Revista Praia Vermelha*, v. 18, n. 1, p. 1-16.

## 7 ANEXOS

### ANEXO I - QUESTIONÁRIO PARA OS PASTORES

1. Qual é o ano de seu nascimento?
2. Qual o nome dos seus pais?
3. Em que cidade você nasceu?
4. Conte tudo que puder sobre sua infância:
  - Condição financeira da família:
  - Sua família era religiosa?
5. Conte sobre sua adolescência:
6. Como foi sua conversão?
7. Como foi sua caminhada de fé?
8. Como descobriu que deveria ser um pastor?
9. Como surgiu o desejo de estar em uma igreja na Chatuba?
10. Porque as ações sociais estão presentes na igreja que você preside?

## **ANEXO II - QUESTÕES AOS PASTORES DA CHATUBA**

- 1- Qual é o perfil social dos membros da congregação?
- 2- Qual são as principais necessidades da Chatuba?
- 3- Como foram celebrados os cultos durante a pandemia?
- 4- Como a igreja pode ajudar seus fiéis no período da pandemia?
- 5- Qual a importância da sua congregação para o bairro?